

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Enfermagem
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem



Tese

**Processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da enfermagem na
perspectiva de cargas de trabalho**

Michelle Barboza Jacondino

Pelotas, 2017

Michelle Barboza Jacondino

**Processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da enfermagem na
perspectiva de cargas de trabalho**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências. Área de concentração: práticas sociais em enfermagem e saúde. Linha de pesquisa: processo de trabalho, gestão e educação em enfermagem e saúde, saúde mental e coletiva.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maira Buss Thofehrn

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

J11p Jacondino, Michelle Barboza

Processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da enfermagem na perspectiva de cargas de trabalho / Michelle Barboza Jacondino ; Maira Buss Thofehrn, orientador. — Pelotas, 2017.

200 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Processo de trabalho. 2. Cargas de trabalho. 3. Enfermagem. 4. Ensino superior. I. Thofehrn, Maira Buss, orient. II. Título.

CDD : 610.73

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figs Machado CRB: 10/1612

Michelle Barboza Jacondino

**Processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da enfermagem na
perspectiva de cargas de trabalho**

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 23 de agosto de 2017

Banca Examinadora:

.....
Dr.^a Maira Buss Thofehrn (Orientador)

Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

.....
Dr.^a Adrize Rutz Porto

Doutora em Enfermagem pela Universidade pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

.....
Dr.^a Letícia de Lima Trindade

Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

.....
Dr.^a Eliana Cardia de Pinho

Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

.....
Dr.^a Denise Nascimento Silveira

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

.....
Dr.^a Diana Cecagno

Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Rio Grande - FURG

.....
Dr.^a Simone Coelho Amestoy

Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

.....
Dr. Álvaro Luiz Moreira Hypólito

Doutor em Currículo e Instrução pela University of Wisconsin - Madison, WISC, Estados Unidos

Dedico esta tese aos professores das Instituições de Ensino Superior, os quais travam lutas diárias por melhores condições de trabalho, de ensino e de qualidade de vida.

Agradecimentos

Á Deus, a espiritualidade superior pela vida e por cuidar de todos os meus passos.

A minha família, que me protege e possibilitou oportunidades infinitas para que eu chegasse até aqui.

Ao meu amor Igor, que caminha comigo na busca de muitos sonhos e projetos.

A Maira, minha orientadora querida, minha amiga, agradeço pelos ensinamentos, críticas e por sempre me dar apoio.

Aos professores da banca pelas valiosas contribuições.

Aos docentes, participantes desta pesquisa, que dividiram suas angústias e felicidades vividas no trabalho.

O local onde eu mais fico é dentro do trabalho. Não era para ser assim, eu acho que isso não é saudável. A gente fica a ponto de adoecer e a gente adocece [...] E aí quando tu chega em casa e tu não consegue ver o sol porque já é muito tarde, isso dói, dói porque tu vê que tu estás aprisionada pelo trabalho [...] aí tu vê: como pode uma coisa dessas? Como pode a gente não ver o sol?

Uma professora, participante desta pesquisa de tese.

Resumo

Jacondino, Michelle Barboza. **Processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da enfermagem na perspectiva de cargas de trabalho**. 2017. 200f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

A ordem imposta pela organização do trabalho no modo de produção capitalista tem conduzido os trabalhadores a ritmos frenéticos e a elementos potencializadores de cargas de trabalho. As universidades públicas não estão fora do processo de intensificação do trabalho e os docentes-pesquisadores, trabalhadores superqualificados, vivenciam ritmos fatigantes de trabalho no seu cotidiano, considerando as exigências específicas de comporem uma pós-graduação. A presente tese, cujo objetivo foi analisar o processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da área da enfermagem de duas pós-graduações de instituições públicas ensino superior na perspectiva de cargas de trabalho, utilizou abordagem essencialmente qualitativa, a teorização de Laurell e Noriega para cargas de trabalho e o Materialismo Histórico e Dialético como referencial teórico-metodológico. Participaram da pesquisa 17 docentes-pesquisadores permanentes vinculados a dois programas de pós-graduação de instituições de ensino superior do Sul do Rio Grande do Sul. A pesquisa utilizou como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada e os dados de pesquisa foram submetidos à análise de conteúdo na modalidade temática conforme passos operacionais preconizados por Minayo. As principais fontes de aumento de carga de trabalho foram: levar trabalho para casa, ritmo intenso de trabalho, monotonia e robotização do trabalho, atender com excelência o tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão, atender as exigências da pós-graduação, avaliação de demanda excessiva de artigos por revistas científicas, orientações excessivas de estudantes para trabalhos de conclusão, ocupar cargos de gestão, relações de trabalho competitivas, constrangedoras e egoístas, dificuldades de relacionamento entre os pares e com a gestão, falta de comprometimento dos colegas, falta de preparo dos gestores para liderar, divisão desigual do quantitativo de atividades entre os docentes, insatisfação com os gestores, insatisfação com a carga horária, pressão por produção científica, medo e vergonha de ser excluído do grupo da pós-graduação pela produção científica, falta de valorização e reconhecimento profissional, trabalhar além das 40 horas, supervisão e cobrança entre os pares, pelos gestores e pela pós-graduação, precarização da ambiência, temperatura do ambiente inadequada, deficiência na estrutura física da universidade, ausência e precarização de instrumentos de trabalho e falta de espaço para trabalhar. Quanto aos aspectos que minimizam a carga de trabalho foram destacados: o relacionamento com os estudantes, trabalhar com os usuários/pacientes e estudantes nos serviços de saúde, transitar entre os diferentes processos de trabalho: saúde e educação, participar e vislumbrar o

crescimento profissional e pessoal do estudante, estar em uma universidade, a dinamicidade do trabalho do professor, a flexibilidade na organização do trabalho e gostar do que se faz. Como desgaste ou dano desse processo os professores apontam ansiedades, angústias, depressão, lesão por esforço repetitivo, desânimo, estresse, hipertensão, gastrites, relações familiares prejudicadas, qualidade de vida prejudicada, sono prejudicado e vida social prejudicada. Percebe-se que não há consciência do desgaste ocasionado pelo trabalho e o professor normaliza o processo de aceleração do trabalho. Os professores denunciam a vergonha em adoecer ou pausar o trabalho quando necessário e permanecem em silêncio e na solidão perpetuando um hábito cultuado e institucionalizado de trabalhar excessivamente. Os docentes-pesquisadores da área da enfermagem são educadores estratégicos para as mudanças desse processo velado de produção dentro da universidade tendo em vista que são profissionais da saúde, desde sempre preocupados com a saúde da coletividade. Sugere-se que outros estudos sejam realizados para investigar o processo de trabalho dos docentes-pesquisadores das universidades públicas brasileiras com vista a qualificar as práticas institucionais, amenizar os aspectos que elevam as cargas de trabalho e fortalecer elementos que suavizam as cargas dos docentes-pesquisadores.

Palavras-Chave: processo de trabalho; cargas de trabalho; enfermagem; ensino superior.

Abstract

Jacondino, Michelle Barboza. **Work process of nursing professors-researchers according to the perspective of workloads.** 2017. 200f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

The order imposed by the organization of labor according to the capitalist mode of production has led the workers to work at frenetic pace and to the elements that enhance workloads. Public universities are not outside this process of work intensification and the professors-researchers who are very qualified workers and have been experiencing grueling work rhythms in their daily life, considering the specific requirements of composing the Master Degree. The present thesis aimed to analyze the work process of the professors-researchers within the nursing area in two post-graduation courses in public institutions according to the perspective of workloads. This is an essentially qualitative approach, and as a theoretical-methodological reference it was used Laurell and Noriega's theorizing for workloads and Historical and Dialectical Materialism. The sample consisted of 17 permanent professors-researchers who participate in two postgraduate programs at universities in the South of Rio Grande do Sul. A semi-structured interview was used as data collection technique and the research data were submitted to content analysis according to the thematic modality according to the operational steps recommended by Minayo. The main sources of the increased workload were: taking some work to finish it at home, intense work rhythm, monotony and robotization of work, attending with excellence the basis of the university: teaching, research and extension; to meet the requirements of the postgraduate course, evaluation of excessive demand for articles by scientific journals, excessive student orientations for graduation assignments, management positions, competitive, self-conscious and embarrassing work relations, relationship difficulties between the peers and with the management, unequal division of activities among teachers, dissatisfaction with managers, dissatisfaction with the workload, pressure for scientific production, fear and shame of being excluded from the group of post - graduation due to scientific production, lack of appreciation and professional recognition, work beyond forty hours, supervision and collections made by their own peers, managers and postgraduates, precariousness of the environment, inadequate room temperature, deficiency in the physical structure of the university, absence of work tools and their precariousness and lack of space to work. In relation to aspects that minimize the workload, the following were highlighted: relationship with students, work with users / patients and students in health services, transit between different work processes: health and education, to participate and to glimpse the professional and personal growth of a

student, to be inside in a university, the dynamicity of the work of a professor, the flexibility in the organization of the work and to like what one does. As damages of this process, professors have pointed out anxieties, anguish, depression, repetitive strain injury, discouragement, stress, hypertension, gastrointestinal disorders, impaired family relationships, impaired quality of life, impaired sleep and impaired social life. It is noticed that there is no awareness of the damage caused by the work and the teachers end up taking the process of acceleration of the work like normal thing. Professors show that they feel ashamed to get sick or to pause work even when it is necessary and remain themselves in silent and lonely, perpetuating this already institutionalized habit of working excessively. Professors-researchers in nursing are strategic educators for the changes in this veiled process of production within the university, considering that they are health professionals who have always been concerned about the health of the community. It is suggested that more studies to investigate the work process of the professors-researchers be carried out within the Brazilian public universities, with the objective of qualifying the institutional practices, softening the aspects that elevate the workloads and strengthen elements that improve the loads of the professors-researchers.

Keywords: work process; workloads; nursing; higher education.

Resumen

Jacondino, Michelle Barboza. **Proceso de trabajo de los docentes-investigadores de la enfermería en la perspectiva de cargas de trabajo.** 2017. 200f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

El orden impuesto por la organización del trabajo en el modo de producción capitalista viene conduciendo los trabajadores a ritmos frenéticos y a elementos potenciadores de cargas de trabajo. Las universidades públicas no están afuera del proceso de intensificación del trabajo y los docentes-investigadores, trabajadores muy calificados, viven ritmos agotadores de trabajo en su cotidiano, considerándose las exigencias específicas de formar parte de un postgrado. La presente tesis, que tiene por objetivo analizar el proceso de trabajo de los docentes-investigadores del área de enfermería de dos postgrados de instituciones públicas de enseñanza superior bajo la perspectiva de cargas de trabajo, utilizó planteamiento esencialmente cualitativo, la teorización de Laurell y Noriega para cargas de trabajo y el Materialismo Histórico y Dialéctico como referencial teórico-metodológico. Participaron de la investigación 17 docentes-investigadores permanentes vinculados a dos programas de postgrado de instituciones de enseñanza superior del Sur de Rio Grande do Sul. La investigación utilizó como técnica la colecta de datos la entrevista semiestructurada y los datos de investigación fueron sometidos al análisis de contenido en la modalidad temática conforme pasos operacionales preconizados por Minayo. Las principales fuentes de aumento de carga de trabajo fueron: traer trabajo para casa, ritmo intenso de trabajo, monotonía y robotización del trabajo, atender con excelencia el trípede de la universidad: enseñanza, investigación y extensión, atender las exigencias del postgrado, evaluación de demanda excesiva de artículos por revistas científicas, orientaciones excesivas de estudiantes para trabajo de conclusión, ocupar cargos de gestión, relaciones de trabajo competitivas, vergonzosas y egoístas, dificultades de relacionamiento entre los pares y con la gestión, falta de comprometimiento de los compañeros, falta de preparo de los gestores para liderar, división desigual del cuantitativo de actividades entre los docentes, insatisfacción con los gestores, insatisfacción con carga horaria, presión por producción científica, falta de valoración y reconocimiento profesional, trabajar más de 40 horas, supervisión y cobranza entre los pares, por gestores y por el postgrado, precarización del ambiente, temperatura del ambiente inadecuada, deficiencia en la estructura física de la universidad, ausencia y precarización de instrumentos de trabajo y falta de espacio para trabajar. En lo que se refiere a los aspectos que minimizan la carga de trabajo en la estructura física de la universidad, se destacaron: el relacionamiento con los estudiantes, trabajar con los usuarios/pacientes y estudiantes en los servicios de salud, transitar entre los diferentes procesos de trabajo: salud y educación, participar y vislumbrar el crecimiento

profesional y personal del estudiante, estar en una universidad, la dinámica del trabajo del profesor, la flexibilidad en la organización del trabajo y tener gusto por lo que se hace. Como desgaste o daño de ése proceso los profesores apuntan ansiedad, angustia, depresión, lesión por esfuerzo repetitivo, desánimo, estrese, hipertensión, gastritis, relaciones familiares perjudicadas, calidad de vida perjudicada, sueño perjudicado y vida social perjudicada. Se nota que no hay conciencia del desgaste ocasionado por el trabajo y el profesor normaliza el proceso de aceleración del trabajo. Los profesores denuncian la vergüenza en enfermarse o pausar el trabajo cuando necesario y se quedan en silencio y en la soledad perpetuando el hábito cultivado e institucionalizado de trabajar excesivamente. Los docentes-investigadores del área de la enfermería son educadores estratégicos para los cambios de éste proceso velado de producción dentro de la universidad teniendo en cuenta que son profesionales de la salud, desde siempre preocupados con la salud de la colectividad. Se propone que otros estudios sean realizados para investigar el proceso de trabajo de los docentes-investigadores de las universidades públicas brasileiras con el objetivo de cualificar las prácticas institucionales, amenizar los aspectos que elevan las cargas de trabajo y fortalecer elementos que suavizan las cargas de los docentes-investigadores.

Palabras Clave: proceso de trabajo; cargas de trabajo; enfermería; enseñanza superior.

Lista de Figuras

Figura 1	Quadro demonstrativo de cargas de trabalho.....	80
Figura 2	Aspectos que elevam a carga psíquica.....	82
Figura 3	Aspectos que elevam a carga física.....	82
Figura 4	Aspectos que elevam a carga fisiológica.....	83
Figura 5	Aspectos que elevam a carga mecânica.....	83
Figura 6	Aspectos que suavizam as cargas de trabalho.....	149

Lista de Tabelas

Tabela 1	Resultados da Revisão Integrativa na base de dados BDENF	38
Tabela 2	Resultados da Revisão Integrativa na base de dados LILACS	38
Tabela 3	Resultados da Revisão Integrativa na base de dados SciELO	39
Tabela 4	Resultados da Revisão Integrativa na base de dados PubMed	39

Lista de Abreviaturas e Siglas

ANPQ	Associação Nacional de Pós-Graduandos
ANDES	Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior
BNDES	Banco Nacional do Desenvolvimento
BDENF	Base de Dados em Enfermagem
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CT	Cargas de Trabalho
CT&I	Ciência, Tecnologia e Inovação
CNPQ	Conselho Nacional de Pesquisa
COCEPE	Conselho Coordenador do Ensino da Pesquisa e da Extensão
FAPERGS	Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
IES	Instituição de Ensino Superior
LILACS	Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MHD	Materialismo Histórico e Dialético
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PubMed	National Institutes of Health
PNPD	Plano Nacional de Pós-Graduação
PPGENF	Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

Sumário

1	Introdução.....	19
1.1	Objetivos.....	36
1.1.1	Objetivos gerais.....	36
1.1.2	Objetivos específicos.....	36
1.2	Tese.....	36
2	Revisão de Literatura.....	37
2.1	Síntese do conhecimento da revisão integrativa.....	40
3	Referencial teórico.....	44
3.1	O trabalho, o modo de produção capitalista e as implicações da produção para a saúde do trabalhador docente-pesquisador.....	45
3.2	Processo de trabalho em educação e o docente-pesquisador enfermeiro no contexto universitário.....	50
3.3	Processo de trabalho em saúde e enfermagem.....	53
3.4	Saúde do trabalhador.....	54
3.5	Teorizando as cargas de Trabalho.....	59
4	Metodologia.....	66
4.1	Delineamento da pesquisa.....	67
4.1.1	Materialismo histórico e dialético.....	67
4.2	Cenário da pesquisa.....	72
4.3	Participantes da pesquisa.....	73
4.4	Considerações éticas.....	74
4.5	Coleta de dados.....	76
4.6	Análise de dados.....	77
5	Resultados.....	79
5.1	Organização do trabalho na universidade: do desgaste a	

satisfação.....	84
5.1.1 Ritmo acelerado de trabalho como aspecto potencializador de carga de trabalho e a autonomia relativa do professor como atenuante.....	84
5.1.2 A dialética de quem trabalha na Pós-Graduação.....	103
5.1.3 Divisão do trabalho: do taylorismo à universidade pública.....	116
5.1.4 Relações de trabalho na universidade: da competitividade, das disputas de ego e vaidade a possibilidade de relações solidárias.....	126
5.2 Condições de trabalho na universidade: entre o normativo e o vivido.....	140
5.3 Esperança e motivação para o docente-pesquisador: elementos que suavizam as cargas de trabalho?.....	149
6 Considerações Finais.....	156
Referências	162
Apêndices	182
Anexos	191

1 Introdução

O mundo do trabalho tem sofrido transformações decorrentes de mudanças econômicas, políticas, sociais, técnicas, históricas e culturais, produzindo vários questionamentos acerca do lugar do trabalho na vida do trabalhador. Aspectos sobre a organização do trabalho, suas modificações o ritmo frenético e intenso geram implicações para a vida do trabalhador.

A ordem imposta pela organização do trabalho tem conduzido os trabalhadores à vivência constante de elementos que podem promover o adoecimento, tendo em vista que, ao invés de abolir regras passadas, essa organização estabelece novas formas de controle sobre o trabalho e sobre o trabalhador (DEJOURS, 2015). O modo de produção capitalista é o pilar estruturante da organização dos processos de trabalho (MARX, 2011) e vislumbrar a história das transformações dos modos de produção é necessário para melhor compreender a relação saúde-trabalho.

O conceito de organização do trabalho é amplo, complexo e tem relação com questões políticas, econômicas e sociais. Compreende uma forma específica de organização do trabalho sob o capitalismo. No trabalho, os objetos e meios de trabalho não se apresentam de forma aleatória, pois, juntamente com a força de trabalho, estão submetidos à uma orientação global característica cuja finalidade da produção está sob os moldes do capital (OLIVEIRA, 2015).

Já o processo de trabalho é a atividade humana de interação com a natureza para obtenção dos meios de vida. É, pois, a expressão de processos sociais e políticos articulados a um padrão tecnológico cuja modelagem é variável e vinculam-se as transformações que ocorrem nos componentes dos próprios processos (HOLZMANN, 2011). Para Cattani (2011) o conceito de processo de trabalho remete a unidade dialética entre o processo de trabalho (*entendido como trabalho humano executado para criação de valores de uso*) e, o processo de criação de valor

(entendido com a forma capitalista de organização para a extração de mais-valia e acumulação do capital).

A mais valia é utilizada para designar a exploração de mão obra assalariada em que o capitalista recolhe o excedente da produção do trabalhador como lucro. Assim sendo, a interpretação é que o sistema capitalista representa a própria exploração do trabalhador por parte do dono dos meios de produção, na disputa desigual entre capital e o operário da produção (MARX, 2011).

Desde o surgimento do capitalismo, várias alternativas tecnológico-organizacionais, tais como mudanças na organização do trabalho, têm sido empreendidas pelo capital para controlar o trabalho, aumentar o lucro e fazer frente aos períodos de crise (PIRES, 2008; HOLZMANN; CATTANI, 2011). O capitalismo promove a aceleração de ritmos de trabalho e imposição de movimentos repetitivos, como também propicia a separação entre a atividade laboral e sobre aquilo que o trabalhador produz, a ponto de não identificar o produto do seu trabalho como parte do seu próprio esforço (BRAVERMAN, 1989).

A partir dessa perspectiva, Merlo e Lapis (2007) reafirmam que a organização dos processos de trabalho produz consequências sobre a saúde do trabalhador e estas implicações advindas do trabalho têm origem, principalmente, na separação entre concepção e execução, introduzidas pelos modelos de gestão taylorista e fordista, o que é complementado por Dejours (2015) ao dizer que é mediado pela organização do trabalho que o homem labora e mantém as relações de trabalho.

O cenário de ritmo frenético e repetitivo de trabalho já foi representado no clássico filme *‘Tempos Modernos’* de Charlie Chaplin, o qual demonstrava a violência produzida pelas transformações contemporâneas do modelo taylorista/fordista sobre os trabalhadores (MERLO; LAPIS, 2007; HOLZMANN; CATTANI, 2011). Apesar de a produção cinematográfica fazer referência a um modelo industrial que ocorreu há muitos anos, pode-se pensar na aceleração do ritmo de trabalho em outros espaços, tais como o de serviços, que acontece hoje na contemporaneidade.

Cabe esclarece que o modelo taylorista de produção vincula-se a um sistema de remuneração que associa rendimento a produção. O taylorismo fundamentou-se na ideia de que o trabalhador tende ao ócio e por isso a necessidade de organizar cientificamente o trabalho em termo de divisão dos operários, entre quem concebe e que executa o trabalho para elevar a produtividade (HOLZMANN; CATTANI, 2011).

O fordismo advém da necessidade pormenorizada de divisão do trabalho, aprofundando a fragmentação e racionalização das tarefas e incrementando a produtividade do sistema capitalista (HOLZMANN, 2011).

O setor de serviços, apesar da diversidade de atividades, das diferentes formas de produzir e da lógica organizacional, é parte do contexto sócio-histórico e modifica a sua organização e processo de trabalho no conjunto da dinâmica social. Os serviços foram influenciados pelo trabalho parcelado e pela gestão taylorista-fordista e, também está sendo influenciado pelas inovações tecnológico-organizacionais do processo recente de reestruturação produtiva (PIRES, 2008).

Reestruturação produtiva é o processo de reorganização do sistema capitalista mundial, com transformações profundas nos processos de trabalho, na estrutura das empresas, na redefinição do papel do Estado, na desregulação das relações entre capital e trabalho. Estas transformações se articulam e se combinam de modo particular em cada contexto histórico traduzindo o poder de negociação dos agentes econômicos, políticos e sociais. De modo geral as políticas implantadas favorecem e viabilizam as mudanças que vêm assegurar a continuidade da acumulação do capital (BAUMGARTEN, HOLZMANN, 2011).

Um cenário de trabalho que se destaca pela intensificação laboral, alta produtividade e ritmo acelerado dos trabalhadores é o ambiente universitário. A atividade docente tem sofrido impactos importantes com as mudanças no mundo do trabalho, que delineiam novas configurações na organização da produção, nas relações entre capital, trabalho e estado, direitos trabalhistas, inovações tecnológicas e gerenciamento do trabalho. Os profissionais deste espaço têm apresentado desgastes psíquicos e orgânicos que merecem atenção dos pesquisadores e gestores no que tange à construção de políticas públicas direcionadas para promover e qualificar a vida do trabalhador docente (SGUISSARDI; JÚNIOR, 2009; MOTA JUNIOR, 2011; SILVA, MAFRA, 2014).

Há uma expansão do trabalho dotado de maior dimensão intelectual: o avanço do trabalho em atividades de pesquisa e inovações tecnológicas é considerado exemplo de ampliação na esfera imaterial (ANTUNES, 2011). O trabalho imaterial representa uma série de fenômenos inter-relacionados, traduzido como um tipo de produção baseado no intelecto e na informação, com características especiais da força de trabalho, isto é: maior grau de qualificação exigido do trabalhador, o que significa, em tese, maior autonomia e um trabalho

predominantemente intelectual, um tipo de trabalho que, no mínimo, colocaria em xeque a separação entre tarefas de concepção e de execução e o caráter “intangível” dos bens e serviços produzidos (AMORIM, 2010). O trabalho docente pode ser considerado uma espécie de personificação do trabalho imaterial (HYPOLITO; GRISHCKE, 2013).

Em 2011, em um seminário importante no campo da educação intitulado “Seminário Ciência e Tecnologia no Século XXI”, promovido pelo Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES) em Brasília, aconteceram debates acerca do “Trabalho docente na produção do conhecimento”. Entre as discussões, o professor Roberto Leher da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) lembra que a universidade brasileira tem sua gênese na natureza do capitalismo e que, atualmente, a instituição tem sido submetida à lógica de mercado (ANDES, 2011). A intensificação do trabalho de docentes de instituições de Ensino Superior (IES) e o produtivismo acadêmico traz impactos significativos para a saúde destes trabalhadores (FORATTINI; LUCENA, 2015).

Segundo Janete Leite, professora que também debateu nesse seminário mencionado, a docência, anteriormente, era vista como uma atividade leve pela forma como eram realizadas as ações no processo de ensino-aprendizagem; porém, hoje, os professores estão comprimidos e o resultado dessa imposição de processos de trabalho acelerados é que os docentes estão consumindo mais álcool, tonificantes, drogas e estão propensos à depressão e também ao suicídio, sendo um quadro assemelhado a *Síndrome de Burnout*¹, em que a pessoa se consome pelo trabalho (ANDES, 2011). Por esta razão é relevante estimular investigações que conheçam o processo de trabalho de docentes-pesquisadores das universidades públicas, pois, sem dúvida, estão submetidos a um ritmo de trabalho intensificado e podem adoecer.

Inúmeros estudos acerca da relação saúde e trabalho vêm sendo desenvolvidos no Brasil com diferentes profissionais, sejam estes da saúde, educação básica ou serviços (MININEL, *et al*, 2013; PIRES, *et al*, 2016; CARVALHO; *et al*, 2017). Entretanto com professores de universidade pública

¹ A Síndrome de Burnout é definida como um conjunto de sintomas evidenciado predominantemente em profissionais que lidam com pessoas cujas queixas são: esgotamento físico, mental, irritabilidade, perda de interesse pelo trabalho e sentimento de autodesvalorização (TAVARES, *et al*, 2014).

carece ainda pesquisas nessa temática, especialmente quando a investigação é processo de trabalho na perspectiva de cargas de trabalho.

Estudos com professores de universidades públicas vêm sendo realizados e apontam um processo de trabalho altamente desgastante e com projeção de adoecimentos e aumento de absenteísmo na categoria (JUNIOR, SGUISSARDI, 2013; DALAGASPERINA, MONTEIRO, 2014; VALERIA COUTINHO, CARLOS, 2014; GUIMARÃES, CHAVES, 2015).

Nessa perspectiva, a carga de trabalho está entre as categorias definidas para avaliar o impacto produzido pelos elementos que constituem o processo de trabalho sobre a saúde dos trabalhadores, justamente porque se propõe a analisar o processo de trabalho sob o foco da interação das cargas presentes, abrangendo a questão macroestrutural do sistema capitalista (LAUREL; NORIEGA, 1989). Cargas de trabalho são definidas por Laurell e Noriega (1989) como sendo os elementos que interatuam dinamicamente entre si e com o corpo do trabalhador gerando processo de adaptação que se traduzem em desgastes, entendido como a perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal ou psíquica.

O conceito de carga de trabalho possibilita uma análise do processo de trabalho na medida em que serve como uma forma de enxergar, enfocar e sintetizar este processo (LAURELL, NORIEGA, 1989). Permite analisar o processo de trabalho de um grupo e a partir dele as suas inter-relações. As cargas de trabalho vislumbram ao movimento dinâmico dos elementos do processo de trabalho, sintetizam a mediação entre o trabalho e o desgaste do trabalhador, os quais não atuam isoladamente, mas em combinação com outras cargas que determinam a condição na qual o trabalhador enfrenta a lógica global do processo de trabalho (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Desse modo, identificar aspectos que potencializam e amenizam as cargas de trabalho no processo de trabalho docente pode ser uma alternativa de mudanças para promoção da saúde deste trabalhador, como, também, uma proposta de reflexão do próprio trabalho pela academia científica. Ainda poderá servir como indutor de políticas públicas que visem melhorar a lógica organizacional do trabalho na universidade.

Para Cruz *et al* (2010), as condições de saúde dos trabalhadores dependem das relações decorrentes das exigências do trabalho e condições de realização

desse trabalho, definidas como cargas de trabalho, advindas do contexto e das características da organização do trabalho.

Nas últimas décadas, as tarefas relativas ao trabalho docente têm sido ampliadas e se tornaram mais complexas em face das modificações ocorridas no mundo do trabalho, as quais resultam da reestruturação produtiva e dos novos rumos que tomou o processo de acumulação do capital em escala mundial (MENDES, 2015).

O docente tem um processo de trabalho bastante singular, pois não se esgota nos momentos de interação relacional. Há uma grande parte do trabalho que é desenvolvida isoladamente pelo professor: planejamento de atividades, correção de produções de estudantes e de avaliações, leituras e estudos necessários ao exercício competente da sua prática e de produção científica (RIBEIRO; CIAMPONE, 2008). As atividades distribuem-se em muitas ações, tais como construção de projeto de pesquisa, avaliações de semestre, preparação didática, relatórios de projetos de extensão e de pesquisa, acompanhamento-orientação de pesquisa, supervisão de estágios, prestação de contas às empresas de fomento de pesquisa, organização de eventos científicos, participação em eventos científicos para manter-se atualizado, implicando múltiplas tarefas cotidianas e que se realizam, quase que invariavelmente, em outros turnos além daqueles de trabalho rotineiro e do espaço físico da universidade, nos de finais de semana, férias e feriados.

A pesquisa é uma atividade na qual os trabalhadores dedicam uma parcela importante da sua força de trabalho, demonstrando alta produtividade e aceleração das tarefas, muitas vezes, para atingir metas solicitadas pelo sistema de regulação de avaliação nacional dos Programas de Pós-Graduação no Brasil (MOTA JUNIOR, 2011). Assim sendo, o docente da universidade, além da sala de aula e todas as tarefas fundamentais para desenvolver a ação educativa, tem como exigência a atividade de investigação que é, pois, a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade (MINAYO, 2014).

Nessa vertente, é necessário construir resistências por parte dos professores e fazer um movimento antissistêmico. Se a preocupação hoje é inserir cada vez mais as instituições de ensino na lógica de mercado (LIMA; LIMA-FILHO, 2009; VILELA, GARCIA, VIEIRA, 2013; GUIMARÃES, CHAVES, 2015), os docentes possivelmente terão muito mais cargas de trabalho no seu ambiente laboral do que já apresentavam.

A lógica produtivista ganha espaço em um sistema que vem considerando o conhecimento científico como mercadoria de troca e acúmulo de capital. O aligeiramento em produzir torna-se preponderante e faz parte dos processos de trabalho docente, o qual acaba, por vezes, fragilizando a formação de pós-graduandos que almejam trabalhar no ambiente universitário, por interessar mais o salto quantitativo de produção científica do que outros processos que envolvem a atividade universitária.

Nesse contexto de trabalho universitário, situam-se os pesquisadores da área da Enfermagem, os quais laboram em busca da construção de um campo de conhecimento específico que viabilize e projete a enfermagem como ciência, como prática social em saúde, e para manutenção de produção intelectual de qualidade e excelência (BRASIL, 2009). A busca destes pesquisadores em sustentar a Enfermagem como profissão social que se consolida enquanto ciência, tecnologia e inovação no campo da saúde, além de várias exigências das atuais configurações curriculares que definem a organização das instituições de ensino superior no país, é incessante e frenética, tendo em vista que a enfermagem pode ser caracterizada como ciência em processo de consolidação (TRZESNIAK, 2015). Somado a isso, Silva (2012) relata que ainda há uma preocupação excessiva se as demais profissões, sejam elas da saúde ou não, compreendem a Enfermagem como ciência.

O processo de trabalho do professor enfermeiro é diferenciado dos demais processos de trabalho de professores universitários, pois além das atividades inerentes ao professor de ensino superior, frequenta os serviços de saúde, concomitantemente, atuando rotineiramente em estágios de campo de prática assistencial com os estudantes, o que torna o seu trabalho mais complexo, haja vista que este professor é um trabalhador que transita nos espaços de educação e, também, em saúde. Há, portanto, um deslocamento contínuo deste profissional que tem diferentes espaços de atuação e que necessita mediar múltiplos grupos de trabalho em prol da aprendizagem do estudante e do cuidado ao usuário.

Ao vislumbrar o processo de trabalho do enfermeiro, docente e pesquisador, além das dimensões do educar, ensinar, pesquisar e assistir, estão presentes as relações de trabalho na educação, com os colegas de trabalho e na saúde, com os trabalhadores dos serviços de saúde, ainda com os estudantes, chefias diversas e outros elementos existentes no trabalho (SILVA; *et al.*, 2006). Portanto, entende-se

que esse trabalhador deve manter-se atualizado nos saberes que competem à prática pedagógica, bem como à prática em saúde, com competências para o seu núcleo de conhecimento.

Estudos na área do ensino de enfermagem em universidades (SHIMIZU; CIAMPONE, 2002; PRADO, 2005; SILVERIO, *et al.*, 2010; TAVARES, *et al.*, 2012; OLIVEIRA, *et al.*, 2013; QUATRIN FREITAS, 2015) constataram que os docentes, ao desenvolverem suas ações na prática pedagógica, demonstram vivenciar sentimentos distintos, por um lado satisfação, orgulho, reconhecimento e facilidade na condução do seu trabalho e por outro identifica-se, igualmente, um desgaste destes professores quanto a sua remuneração, as dificuldades em se submeter a determinados critérios organizacionais, não excluindo as condições de trabalho a que estão submetidos.

Pesquisa desenvolvida na Espanha denunciou o ambiente da universidade como uma incubadora de enfermidades do trabalho pela sua organização altamente burocratizada, rígida e pela verticalização de poder (BUENDÍA, 2003). Outras investigações (DE MÉIS; *et al.*, 2003; DALAGASPERNNIA; MONTEIRO, 2014) denunciaram a presença de *burnout*, umas das consequências da permanência de sofrimento no trabalho, evidenciando que o crescimento da ciência ocorre mediado por enorme desgaste emocional das pessoas envolvidas.

Em outro estudo, feito na Universidade de Santa Catarina por Kanan e Zanelli (2011) com docentes da área da psicologia, elucidou que as relações de poder, a hierarquia, o formalismo, a centralização da autoridade, os esquemas de controle e as poucas ou inexistentes oportunidades de avaliação e feedback do trabalho são alguns aspectos que promovem obstáculos às possibilidades, inclusive, de maior envolvimento com o próprio trabalho.

Hypólito, Vieira e Pizzi (2009), em estudo sobre o trabalho docente, demonstram que este se encontra submetido à formas de controle e de intensificação de carga de trabalho, articuladas por modelos de organização pós-fordistas, os quais, além de precarizarem e afetarem as condições físicas do trabalho, afetam igualmente aspectos emocionais e afetivos do professorado. O estudo mencionado, apesar de direcionar para o nível básico do ensino, pode ser utilizado para pensar na precarização do trabalho no âmbito da universidade, haja vista as diversas políticas governamentais que impõe o quantitativo de estudantes

em salas de aula sem, por vezes, oferecer aumento do quadro docente, recursos materiais e humanos necessários para dar conta de exigências educacionais.

A categoria docente tem sido apontada como uma das categorias mais expostas a ambientes conflituosos e de alta exigência de trabalho, como tarefas extraclases, reuniões e atividades adicionais, problemas com estudantes, prazos e formalizações que podem proporcionar situações estressantes no trabalho (REIS; *et al.*, 2005).

A pesquisa realizada por Oliveira *et al.* (2013) com 45 docentes da área da enfermagem de uma Instituição privada de Ensino Superior (IES) revelou alto desgaste dos profissionais no seu processo de trabalho, sugerindo mudanças organizacionais no ambiente laboral para qualificar o processo e, consequentemente, melhorar a vida dos trabalhadores.

Em estudo epidemiológico com 130 enfermeiros docentes do Rio Grande do Sul, Tavares *et al.* (2012) investigou a demanda psicológica e o controle sobre o trabalho e sua associação com os distúrbios psíquicos menores e evidenciou a prevalência de distúrbios psíquicos menores em 20,1% dos trabalhadores. Revelou, também, que enfermeiros docentes que desenvolvem as atividades em um ambiente considerado de alta exigência têm maiores chances de desenvolver distúrbios psíquicos menores quando comparados aos que desenvolvem as atividades em um ambiente laboral de baixa exigência.

Percebe-se que, na maioria das vezes, o trabalho docente é solitário, muito embora o trabalho do professor seja compartilhado com os colegas que estão submetidos às mesmas regras operacionais, éticas e legais da instituição que se vinculam (HIPOLYTO, 2013). Para Dejours (2015), a forma de organização do trabalho produz mais divisões do que pontos de união nos trabalhadores, pois apesar de partilharem do mesmo espaço e ritmo, a própria estrutura organizacional dirige a um confronto entre os operários, individualmente e na solidão, submetidos à violência da produtividade.

Segundo Merlo, Traesel e Baierle (2011), o trabalho imaterial, ou seja do professor, molda um trabalhador que, diferentemente do operário fordista, está intelectualizado, conectado à rede, trabalhando continuamente, com maior iniciativa, doando-se integralmente, sendo cada vez mais difícil separar o tempo produtivo do tempo livre ou tempo de descanso.

Nesse contexto de trabalho imaterial situa-se o trabalho em saúde, um trabalho da esfera não-material que se completa no ato da sua realização, ou seja, resulta em um produto imaterial, sendo inseparável do processo que o produz, pois é a própria prestação da assistência de saúde. Em outros termos, o produto do trabalho é imediatamente consumido no ato de produção do serviço (PIRES, 2008).

É nesse contexto global de trabalho que se encontra o enfermeiro docente e pesquisador da universidade, mergulhado em um processo complexo de atividades múltiplas, com exigências diversas, tanto do âmbito educacional como do âmbito de competência de trabalho em saúde.

Nesse sentido a carga de trabalho é um referencial diferenciado e um método de produção do conhecimento de excelência que engloba a historicidade e as dimensões política, econômicas e sociais dos processos, além de abarcar a dialética como método do pensamento. A compreensão do processo de trabalho pelo modelo interpretativo de Laurell e Noriega (1989) entende o processo de trabalho como a chave para entender os processos de desgaste do trabalhador.

Dessa maneira, como o compromisso social das universidades é a transformação da sociedade por meio da construção de formas mais democráticas de convívio humano, é significativo começar a avaliar seus próprios processos (KANAN; ZANELLI, 2011). Ademais, a cobrança de adaptações às novas configurações do trabalho docente, a multitarefa exercida pelo professor universitário, o sistema de regulação pela produção científica e a inserção de obrigatoriedade de sucesso no tripé ensino-pesquisa-extensão são algumas exigências do trabalho dos docentes-pesquisadores.

A partir da construção textual e reflexiva formulou-se a seguinte **questão de pesquisa**: a partir da análise do processo de trabalho dos docentes- pesquisadores da enfermagem quais aspectos potencializam e amenizam as cargas de trabalho?

Com base nos questionamentos e reflexões apontados, aliados ao referencial teórico, adoto as seguintes premissas/**pressupostos neste estudo**:

1. Aspectos relacionados a organização do trabalho capitalista são as principais fontes de aumento de cargas de trabalho, tais como alto ritmo, produtividade, fragmentação do trabalho, perda do controle sobre o processo de produção e sobre o produto do trabalho, relações competitivas em virtude das atuais regras do jogo capitalista por reconhecimento social.

2. O trabalho no âmbito universitário têm conduzido os professores ao desgaste contínuo, a ritmos fatigantes e produz, cada vez mais, elementos que elevam principalmente as cargas psíquicas do trabalho em função do cumprimento de metas de produção, da demanda excessiva de trabalho e a perda de limite do não-trabalho.

3. Trabalhar com estudantes é, provavelmente, a motivação para o professor porque estes expressam mais facilmente o reconhecimento do trabalho docente, elemento significativo na redução de cargas de trabalho.

Portanto, tem-se como **tese**:

No processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da enfermagem as principais fontes de aumento de cargas de trabalho advêm da intensificação do ritmo de trabalho, da pressão por produção científica, da falta de valorização profissional e das relações de trabalho competitivas, de ego, de poder e de vaidade dentro da universidade. Os docentes tem apresentado desgastes, estresse crônico, adoecimentos e tensão contínua por supervisão e cobrança pelos gestores e pelo sistema de regulação da Pós-Graduação. No entanto, esse mesmo processo de trabalho apresenta elementos que suavizam as cargas de trabalho, sendo a relação do docente com o estudante o que motiva e promove esperança para o professor.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar o processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da área da enfermagem de duas pós-graduações de Instituições Públicas de Ensino Superior do Rio Grande do Sul na perspectiva de cargas de trabalho.

1.1.2 Objetivos Específicos

1. Conhecer a organização da Pós-Graduação da enfermagem das Instituições de Ensino Pública Superior.
2. Identificar aspectos do trabalho que contribuem para potencializar as cargas de trabalho dos docentes-pesquisadores de enfermagem;
3. Identificar aspectos do trabalho que contribuem para amenizar as cargas de trabalho dos docentes-pesquisadores de enfermagem;

2 Revisão de Literatura

Com o objetivo de identificar e analisar as produções científicas que vêm sendo publicadas nos últimos 10 anos acerca de cargas de trabalho docente no Ensino Superior foi realizada uma revisão integrativa, tendo como base teórica a construção elaborada por Mendes, Silveira e Galvão (2008) composta de seis passos descritos a seguir: 1) definição da questão de pesquisa e objetivos da pesquisa; 2) estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão das publicações (seleção da amostra); 3) busca na literatura; 4) análise e categorização dos estudos; 5) interpretação dos resultados; 6) síntese do conhecimento.

A revisão orientou-se a partir da seguinte questão norteadora da pesquisa: qual a produção científica dos últimos dez anos acerca de cargas de trabalho docente no Ensino Superior?

O levantamento, realizado em maio de 2017, buscou as publicações indexadas em quatro bases de dados: Base de Dados em Enfermagem (BDENF), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PubMed (National Institutes of Health) e Scientific Eletronic Library Online (SciELO).

Foram utilizados os descritores: carga de trabalho (workload), Universidades (Universities) e ensino superior (Education, Higher) tendo em vista que após avaliar empiricamente os textos disponibilizados *on line*, julgou-se como sendo os melhores descritores para a busca. Os cruzamentos e seus respectivos resultados nas bases de dados selecionadas estão representados nas Tabelas 1, 2 ,3 e 4 a seguir apresentadas. Para os cruzamentos dos descritores foi utilizado o operador booleano “*and*”.

A escolha pelas bases de dados se deve pela compreensão de que essas bases abarcam a literatura publicada nos países da América Latina e Caribe,

evidências científicas internacionais, como também referências técnico-científicas brasileiras em enfermagem, incluindo periódicos conceituados da área da saúde publicadas no país e que tenham relação com a temática.

Para a seleção dos artigos foram estabelecidos como critérios de inclusão: artigos, publicados em inglês, português ou espanhol; com resumo, permitindo verificar a consonância com os objetivos do estudo; publicados entre 2007 e 2017; com disponibilidade de texto na íntegra *on line* e gratuitamente.

Destaca-se que foi considerado critério de exclusão artigos que apesar de abordarem a temática carga de trabalho não foram realizados com docentes de instituições de ensino superior.

Os resumos foram avaliados de forma pormenorizada e as produções que atenderam os critérios previamente estabelecidos foram selecionadas para o estudo e lidas na íntegra.

De modo a auxiliar no processo de análise elaborou-se um instrumento de revisão integrativa (APÊNDICE D) contendo: título, autores, método, periódico e ano de publicação, local de origem da pesquisa, objetivo do estudo e principais resultados.

Tabela 1 – Apresentação dos resultados da Revisão Integrativa na Base de dados BDENF

Descritores	Número de artigos na base	Número de artigos selecionados
Carga de trabalho AND Universidade	2	0
Carga de trabalho AND Ensino Superior	0	0
Total de artigos na base	2	0
Total de artigos selecionados		0

Fonte: Elaborado pela pesquisadora da tese.

Tabela 2 – Apresentação dos resultados da Revisão Integrativa na Base de dados LILACS

Descritores	Número de artigos na base	Número de artigos selecionados
Carga de Trabalho AND Universidade	11	3
Carga de trabalho AND Ensino Superior	1	0

Total de artigos na base	12	0
Total de artigos selecionados		3

Fonte: Elaborado pela pesquisadora da tese.

Tabela 3 - Apresentação dos resultados da Revisão Integrativa na Base de dados SciELO

Descritores	Número de artigos na base	Número de artigos selecionados
Workload AND Universities	48	0
Workload AND Education, Higher	19	1
Total de artigos na base	67	
Total de artigos selecionados		1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora da tese.

Tabela 4 - Apresentação dos resultados da Revisão Integrativa na Base de dados PubMed

Descritores	Número de artigos na base	Número de artigos selecionados
Workload AND Universities	15	1
Workload AND Education, Higher	0	-
Total de artigos na base	15	
Artigos selecionados		1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora da tese.

Após a leitura dos títulos e resumos, foi excluída toda publicação duplicada e não correspondentes aos critérios de inclusão. Apenas cinco estudos foram selecionados e foram sistematizados por meio do instrumento elaborado. Em seguida, realizou-se a leitura na íntegra dos trabalhos selecionados e as informações apresentadas.

2.1 Síntese do conhecimento da revisão integrativa

Por meio da busca eletrônica foram localizados 96 publicações, sendo 2 na base de dados BDENF, 12 na base de dados LILACS, 67 na SciELO e 15 na base PubMed. Foram excluídas as publicações duplicadas e aquelas que não atendiam aos objetivos do estudo proposto, sendo selecionados apenas cinco publicações para análise na íntegra.

A partir da revisão integrativa identificou-se que dos cinco textos selecionados, quanto ao ano de publicação, tem-se artigos publicados nos respectivos anos de 2007, 2008, 2011, 2012, 2014 o que revela uma lacuna na produção do conhecimento frente ao tema, tendo como busca os descritores utilizados carga de trabalho, universidade e ensino superior.

Quanto aos periódicos de publicação, constatou-se que quatro publicações foram divulgadas em periódicos da psicologia e um texto divulgado por periódico na área de administração.

Quanto ao método de pesquisa, uma publicação apresenta método quantitativo-qualitativo, três são qualitativas e uma é artigo de reflexão.

Quanto a origem da pesquisa, um estudo advém da Universidade Federal do Espírito Santo, outro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, dois da Universidade Federal de Santa Catarina, outro da Universidade de Nijmegen, China.

Quanto aos objetivos dos artigos selecionados, os estudos têm como finalidade geral discutir a lógica global do processo de trabalho na docência inserido no contexto da universidade e os impactos do trabalho na vida do trabalhador, seja olhando pelo viés de prazer e sofrimento, seja pelo viés da saúde e do adoecimento, seja pela linha de cargas de trabalho, mas todos com ênfase nos elementos entre o trabalho e o desgaste do trabalhador.

Quanto aos resultados, as publicações são investigações que tem como foco o processo de trabalho docente e os impactos da execução desse trabalho. Nenhum estudo investigou as cargas de trabalho docente de forma pormenorizada (físicas, químicas, biológicas, mecânicas, fisiológicas e psíquicas). As pesquisas elencadas

nesta revisão integrativa têm relação com aspectos que aumentam e diminuem as cargas de trabalho do professor universitário.

Para Mancebo (2007), o trabalho docente produz adoecimento, sofrimento e perda do sujeito no próprio processo, mas, em outras circunstâncias, favorece crescimento, prazer e solidariedade. A Universidade constitui-se num lugar contraditório que suscita a um só tempo, sobre trabalho e prazer, assujeitamento e captura acrítica dos envolvidos para as novas demandas colocadas para a universidade, mas também espaço para invenções, pensamento e crítica. Percebe-se que toda uma rede de relações e produções se constitui no âmbito universitário, por vezes, na direção do ajustamento à nova ordem social, mas, em certos momentos, buscando brechas e possibilidades de escape. Sugere pesquisas que analisem o cotidiano das instituições de ensino, pois pouco são os estudos realizados na temática.

Para Beckers *et al.* (2008), os resultados evidenciaram excessivas horas extras desenvolvidas entre os docentes da universidade. A carga horária intensa é prevalente entre membros do corpo docente. Muito tempo é utilizado para realização de pesquisa durante os finais de semana dos docentes. No entanto, foi percebido, que as horas regulares cumpridas pelos docentes são menos prazerosas do que a carga horária extra executada, a noite por exemplo. Não houve associação de horas extras e cansaço demonstrado pelos docentes. A pesquisa sugere estudos com docentes para analisar o tempo de trabalho, número de artigos publicados, estudantes orientados pelo docente e custo despendido pelo trabalhador para manter-se trabalhando, ou seja, custo gasto para recuperar-se das problemáticas advindas do trabalho. A pesquisa também sugere investigações que analisem dados sobre a quantidade de sono e qualidade, quantidade e tempo para realizar atividades físicas, consumo de álcool, tabaco ou outras drogas e a natureza do trabalho das horas extras.

Para Coutinho, Magro e Budde (2011), o cotidiano de trabalho dos docentes ora é fonte de sofrimento, ora de prazer, expressando assim, as contradições e ambiguidades de suas vivências atuais no meio acadêmico, sendo que este trabalho pode ser afetado pelos modelos de gestão empresarial implementados nas universidades. Observa-se a predominância de fatores de sofrimento, principalmente em função dos processos de mudança em curso na organização do trabalho nas instituições, vividos como perdas significativas para os professores desses

estabelecimentos. Ao descreverem o sofrimento associado ao trabalho, em geral, os docentes entrevistados trazem como queixa mais recorrente a carga excessiva de trabalho. Isso faz com que o professor não diferencie o tempo de trabalho dos outros tempos da vida, situação geradora de cansaço físico e mental. Tal fato se relaciona também com o contrato de trabalho, o qual geralmente não engloba o trabalho realizado fora da sala de aula. As vivências prazerosas no trabalho remetem-se, especialmente, ao relacionamento que os docentes estabelecem com seus pares e alunos e ao reconhecimento do trabalho. Nesse sentido, também é destacado o exercício da atividade docente como prática criativa que propicia reconhecimento e identidade aos entrevistados. Assim, se, por um lado, as condições e formas de organização das atividades profissionais são geradoras de sofrimento, por outro, não conseguem apagar o registro da identidade associado ao ser professor.

Para Borsoi (2012), a intensificação do trabalho docente é fruto da reestruturação universitária, a qual tem evidenciado demandas de trabalho cada vez maiores. O autor constata que o trabalho docente nas universidades públicas federais, tem sido caracterizado pela sobrecarga de trabalho e pela forte exigência de cumprimento de metas produtivistas, além da precariedade de infraestrutura. Para o autor as atividades dos docentes são de alta exigência cognitiva, com longas jornadas de trabalho e ainda, o resultado de seu esforço é, em geral, impalpável. Ministrar aulas, pesquisar, participar de reuniões deliberativas, orientar estudantes compõem o trabalho de uma produção quase sempre invisível aos olhos da própria comunidade acadêmica e, em particular, àqueles que estão fora dessa coletividade. O processo de trabalho dos docentes tem levado a prejuízos importantes para a saúde destes trabalhadores, o qual percebe-se por vezes, improdutivo, apesar de considerar que trabalha em demasia. O trabalho produtivo, aos olhos do docente, restringe-se, à chamada “produção científica”. É assim que ele tem o vislumbre da materialidade do que faz, parece encontrar elo com os trabalhadores “típicos” e começa a tomar ciência de que o trabalho docente, mesmo em seu caráter imaterial, é realizado por sujeitos que também são trabalhadores.

A publicação de Melo e Servo (2014) revelou que os professores pesquisadores apresentam uma carga de trabalho superior a 50 horas semanais, o que evidencia intensificação do trabalho universitário. A agenda média mostra que 46% das atividades desses profissionais estão relacionadas ao ensino (lecionar, preparação de aula, orientação), 24% às atividades de pesquisa, 19% às atividades

burocráticas, 8% avaliação de artigos e participação em redes e 3% às atividades extras. Outro dado importante é que 47% das horas despendidas com pesquisa são gastas nos finais de semana. Portanto, um dos trabalhos mais importantes da profissão é realizado fora da jornada regular de trabalho. Destacam que pesquisar envolve uma série de atividades que a instituição não contempla no plano formal de trabalho. Por isso, o professor-pesquisador é obrigado a levar as principais tarefas da profissão para casa, para os horários de lazer, para manter um ritmo de produção científica exigido pelos órgãos que regulamentam o Ensino Superior na pós-graduação brasileira.

Esta pesquisa (MELO; SERVO, 2014), que investigou seis professores quanto ao conteúdo do trabalho do professor-pesquisador, demonstrou que "atividades do professor" concentram-se em produzir conhecimento, escrever, seguidos por obter reconhecimento das realizações e ajudar pessoas, tanto na formação destas como na contribuição pelo conhecimento produzido pelos alunos. Apenas um dos entrevistados afirmou que, hoje, o objetivo principal é a qualidade de vida. Os principais objetivos mencionados pelos entrevistados - escrever e publicar - ressaltam uma das características fundamentais dessa profissão diretamente ligada à geração do conhecimento. As atividades de elaboração e de divulgação do conhecimento são fundamentais para o alcance do segundo objetivo mais destacado: o reconhecimento pelos pares, o que reforça sobremaneira a necessidade de capital simbólico nessa profissão.

Os resultados encontrados nas bases de dados não foram suficientes para a discussão dos dados da pesquisa e optou-se pela não publicação da revisão de tese; a pesquisadora buscou textos em diferentes bases de dados, com diversos descritores e pesquisas de teses, dissertações para dar suporte teórico a investigação.

3 Referencial Teórico

Neste capítulo, busca-se a sustentação teórica do estudo para confirmação da tese proposta. A fundamentação encontra-se em dois eixos teóricos: o processo de trabalho (descrito de forma pormenorizada em processo de trabalho em saúde e em educação) e cargas de trabalho. Alguns conceitos também são elucidados, tais como o de trabalho, trabalho material e imaterial, produtivo e improdutivo, mais-valia, definições entendidas como relevantes para compreender o objeto da investigação.

3.1 O trabalho, o modo de produção capitalista e as implicações do trabalho para a saúde do trabalhador docente-pesquisador

O trabalho é fundamental para a vida humana porque é condição para sua existência social (MARX, 2011). No texto produzido por Engels, *‘Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem’*, concretiza-se essa acepção de que a sociedade formou-se a partir das relações estabelecidas entre as formas pré-humanas, ou seja, a sociedade originou-se a partir do trabalho, por meio da satisfação das necessidades biológicas e, principalmente, materiais. Dessa maneira, é “o carecimento material, enquanto motor do processo de reprodução individual ou social que põe efetivamente em movimento o complexo do trabalho” (LUKÁCS, 1978, p.5).

Neste sentido, apreende-se que os homens são seres históricos, produtos do trabalho social e é a atividade prática dos homens, o contínuo ato de trabalhar para suprir suas carências que cria, permanentemente, o mundo do trabalho (OLIVEIRA, 2010) e da vida.

O trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo este que o homem regula e controla por intermédio da mente, do planejamento e da

projeção do produto que já existia antes na sua imaginação. Portanto, o trabalho é um processo no qual os homens atuam sobre as forças da natureza submetendo-as ao seu controle para dar conta de seus carecimentos e que ao mesmo tempo em que este homem modifica a natureza é, também, modificado por ela. Nessa relação de dupla transformação entre o homem e a natureza, o ser humano, ao relacionar-se socialmente pelo trabalho, é modificado pelas relações sociais estabelecidas e múltiplas determinações que se constituem nesse processo (MARX, 2011).

Assim, os homens criam e recriam a sua existência pela ação consciente do trabalho (MARX, 2011) e, portanto, o trabalho na sua essência não deveria ser confundido com trabalho servil e trabalho escravo, formas que ao longo da história o trabalho foi assumindo (LUKACS, 1978).

Entretanto, no processo de produção há sempre duas classes antagônicas: o capitalista, que é dono dos meios de produção, e o trabalhador, que vende sua força de trabalho por um salário (MARX, 2011). A acumulação e o lucro advêm de uma relação contratual da compra e venda da força de trabalho entre forças desiguais: quem detém capital e quem detém a força de trabalho. Segundo Frigotto (2014), estar de um lado ou de outro não é uma questão de escolha, mas faz parte de um processo histórico-social.

Em *'Adeus ao trabalho'*, Antunes (2011), nos mostra que sob os moldes do capitalismo o trabalhador frequentemente decai, se degrada, não se reconhece, não se satisfaz no trabalho e, também, se desumaniza. Embora o trabalho seja o ponto de partida do processo de humanização, torna-se, muitas vezes, uma mera atividade de subsistência e de satisfação de carências imediatas (OLIVEIRA, 2010).

Para Marx (2011) o trabalho é a categoria fundante do ser social, condição natural e eterna da produção e reprodução da vida, independente de qualquer forma de sociedade, sendo por isso uma categoria ontológica e central na vida dos homens. Complementa Lukács (1978) que o trabalho é a protoforma (a categoria originária, a primária) do agir humano; é por meio do trabalho que o homem torna-se homem e, portanto é categoria ontológica, a essência do ser humano.

No modo de produção capitalista, o trabalho é determinado pelo processo de produção, no qual adoecer ou não é resultado de relações sociais. O trabalho que deveria gerar prazer e felicidade, na ordem do capital causa cansaço, doenças, acidentes, sofrimentos físicos e mentais (LARA, 2011).

As mudanças na esfera produtiva intensificaram a exploração da força de trabalho e o desgaste da saúde do trabalhador. Muito se pensou no avanço da produtividade, por outro lado poucos esforços foram feitos no sentido de minimizar o adoecimento no trabalho (LARA, 2011).

É inegável aceitar que, no modo de produção capitalista, o trabalho objetiva a valorização e a acumulação do capital, independente das formas de trabalho. O trabalho é apenas um meio para o processo de valorização do capital. Dessa maneira, o produto, o fim do capitalismo, é a mais valia e tem-se que só é trabalhador produtivo aquele que gera um produto, que emprega a força de trabalho e que produz mais-valia, aquele que produz valorização do capital (Marx, 2011).

Fundamental especificar que mais valia absoluta é quando existe a extensão da jornada de trabalho, intensificação de ritmos de trabalho por meio da supervisão de comando e ameaça da perda do trabalho ou da posição por não atingir as metas pensadas pelo capitalista, que acaba por recolher o aumento da produção de excedentes em forma de lucro; a mais valia relativa vincula-se aos processos de avanço científico-tecnológico, em que o capitalista propõem como forma de ‘qualificação no trabalho’ melhorias tecnológicas para acelerar o processo de produção (MARX, 2011).

Segundo Marx (2011), nas instituições de ensino, os docentes podem ser meros assalariados para o empresário da fábrica de conhecimentos. Estes trabalhadores se submetem formalmente ao capital, são formas de transição, já que os trabalhadores detêm o conhecimento sobre seu trabalho, não os tornando apenas reprodutores das determinações do capital (MARX, 2011).

A representação social que se constrói é a de que o trabalhador ganha o que é justo pela sua produção, pois parte-se do pressuposto de que o capitalista e os trabalhadores o fazem numa situação de igualdade e por livre escolha. O capital apropria-se da ciência e a incorpora no processo produtivo como trabalho objetivado (trabalho vivo do trabalhador transformado em trabalho morto) com o objetivo de ampliar o lucro (FRIGOTTO, 2014).

Para Pires (2008), a partir da releitura de Marx, o trabalho em serviços pode adquirir caráter produtivo ou não produtivo, dependendo do tipo de relação econômica que se estabelece. Segundo Marx (2011, p.78) “*serviço não é, em geral, senão uma expressão para o valor de uso particular do trabalho, na medida em que este não é útil como coisa, mas como atividade*”.

Precisamente porque nessa *compra de serviços* não se encontra nunca a relação específica entre o trabalho e o capital. O operário compra *serviços* com dinheiro, o que constitui uma maneira de gastar dinheiro, mas não de transformá-lo em capital. Nenhum homem compra “prestações de serviços” médicos como meio de transformar em capital o dinheiro assim desembolsado. A diferença entre o trabalho produtivo e o improdutivo consiste tão somente no fato de o trabalhador trocar-se por dinheiro como dinheiro ou por dinheiro como capital (MARX, 2011).

Segundo Pochmann (2008), a forma de concentrar o capital mudou, as formas de produzir valor foram modificadas ao longo da história. Em menos de três décadas, a riqueza associada ao trabalho imaterial cresceu quase 10% ao ano, o que significa dizer que a ciência, a tecnologia e as inovações tecnológicas tornam-se imprescindíveis, no momento atual, para a ampliação da riqueza a partir da base industrial consolidada pela estrutura produtiva existente. Poderá ser dito que o trabalho docente, representado sob a forma de trabalho imaterial, possa hoje ser considerado trabalho (super) produtivo?

Exemplo de trabalho imaterial é o trabalho docente, o qual apresenta transformações (em sua jornada de trabalho, nas condições salariais, na organização do trabalho, em suas condições de saúde, nas relações de contrato, na formação, entre outras facetas), influenciadas pelas mudanças que se processam no mundo do trabalho capitalista. Assim, não há possibilidade de compreender um fenômeno que envolve educação sem articulá-lo ao contexto histórico e social e sem ligá-lo à totalidade global (MOTA JUNIOR, 2011).

Em decorrência da crescente intensificação do trabalho imaterial, cada vez mais realizado fora do ambiente tradicional do trabalho, o enfoque do tempo de trabalho e também a formação da mão de obra precisa ser urgentemente reconsiderado no Brasil (POCHMANN, 2008). A atividade docente tem sido marcada por desafios significativos, reflexos das constantes transformações relacionadas ao mundo do trabalho. As condições decorrentes deste cenário e as múltiplas exigências feitas ao papel do professor, cada vez mais têm sido associadas aos problemas de saúde física e mental apresentados por estes trabalhadores (CRUZ; *et al.*, 2010).

Para Mota Junior (2011), a base material da sociedade capitalista influenciou todo o processo de trabalho docente, em especial no Ensino Superior brasileiro. A

transição do fordismo-taylorismo para o toyotismo trouxe significativas mudanças na natureza do trabalho docente.

Merlo e Lapis (2007) exemplificam que taylorismo é um modo de organização do trabalho, um modelo de produção em série, o qual surgiu como uma nova cultura do trabalho quando o conhecimento científico se tornou relevante. O taylorismo visava à racionalização da organização do trabalho por intermédio do estabelecimento de normas e sistemáticas para execução do trabalho, com diminuição de tempos ociosos dos trabalhadores. A partir do estudo dos tempos e movimentos, o trabalho foi decomposto em parcelas cada vez mais elementares e simplificadas. Cada tarefa era executada somente por uma pessoa adequada e especializada para tal função, de modo que não havia como conhecer todo o processo de trabalho. Para Merlo e Lapis (2007) no modelo taylorista, a principal fonte de agressão à saúde do trabalhador é a própria organização do trabalho.

Esse aspecto foi ainda mais intensificado quando surgiu o fordismo, ampliando as possibilidades de controle já exercidas no taylorismo, reforçando a divisão do trabalho e a parcelarização das tarefas.

Mais tardiamente, por volta dos anos 70, o toyotismo começa a se difundir e com este modelo dissipa-se, também, um trabalhador intelectualizado, com múltiplas competências, engajado aos objetivos da empresa, participativo e envolvido com seu trabalho (MERLO; LAPIS, 2007). Cabe pensar em como os modelos de organização do trabalho invadem igualmente os serviços, entre eles os serviços de saúde e, também, os que envolvem a educação, permeando a lógica dos processos de trabalho. E neste caso, é possível pensar sobre o trabalho dos docentes-pesquisadores de enfermagem.

Para Silva Júnior (2009) a ciência tornou-se um meio de produção e possibilitou a mercantilização das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), alterando qualitativamente o trabalho do professor-pesquisador, um trabalho imaterial e superqualificado. Para o autor, as universidades públicas passam por um processo de mercantilização de sua identidade institucional, que leva à intensificação do trabalho do professor-pesquisador. Estas transformações provocam a alienação dos professores concretizada, especialmente, por doenças psicossomáticas, as quais são evidenciadas nos depoimentos de uma pesquisa de campo realizada para a produção do livro *“Trabalho Intensificado nas Federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico”* (SGUISSARDI; JÚNIOR, 2010).

Cabe aqui citar Gramsci (1942), pensador relevante e que faz um questionamento interessante: os intelectuais constituem um grupo autônomo e independente, ou cada grupo social cria sua própria categoria especializada de intelectuais? Para o autor, cada grupo no mundo da produção econômica cria para si uma ou mais camadas de intelectuais que oferece homogeneidade e consciência da própria função, reproduzindo assim certa cultura no contexto social do trabalho.

No campo acadêmico, o trabalho docente tem sido objeto de investigação principalmente pela evidente precarização desse ofício. A precarização no trabalho tem sido avassaladora e é termo empregado para definir o processo de supressão ou redução dos direitos e garantias no trabalho e qualidade no exercício da atividade (HOLZMANN, 2011). Sabe-se que o ingresso de novos professores na universidade tem contratos de trabalho diferentes dos professores anteriores, pois a perda de muitos direitos constitucionais já foi concretizada e ainda vem ocorrendo mudanças nessas perspectivas.

Para Silva e Mafra (2014), o sistema capitalista vive um novo padrão de ganho e acumulação de riquezas decorrentes dos intensivos progressos tecnológicos, da globalização da economia, da reestruturação produtiva e das novas formas de trabalho na contemporaneidade. Nessa nova configuração, o trabalho dos professores universitários da graduação e da pós-graduação, em seu conjunto de funções, ultrapassa os limites basilares do exercício da profissão docente, pois além de atuarem como educadores, ainda atuam como orientadores, pesquisadores, coordenadores, dentre outras ocupações (SILVA; MAFRA, 2014).

Os profissionais da área da enfermagem não estão aquém deste processo de produção e das formas de organização do trabalho docente e produzem cientificamente no sentido de consolidar a profissão enquanto ciência, tecnologia e inovação (CAPES, 2009).

3.2 Processo de trabalho em educação e o docente-pesquisador enfermeiro no contexto universitário

As universidades públicas passam por um momento especial no que tange a sua finalidade social. De um lado, identifica-se um processo de privatização e de orientação da produção do conhecimento a partir da racionalidade do mercado e, de outro lado, a resistência do movimento docente que, embora não tenha conseguido impedir a implementação de algumas regras, obteve vitórias decisivas na luta para impedir a privatização completa da instituição, defendendo um modelo de universidade emancipadora, voltada a atender as necessidades sociais das comunidades (LEMOS, 2010).

As instituições de educação superior há tempos exercem uma função fundamental na consolidação do capitalismo, não só legitimando suas práticas, fornecendo conhecimentos e tecnologias para a ampliação do capital e para uma exploração mais 'científica' da força de trabalho, como também formando "cidadãos-trabalhadores" e um corpo de intelectuais que assegurassem o bom funcionamento do sistema (MANCIBO, 2007).

As transformações ocorridas na política educacional, a partir da década de 90, produziram o agravamento das precárias condições da prática docente, sobretudo, porque diferentes funções passaram a ser assumidos pelos professores. A precarização do trabalho docente vem contribuindo fortemente para agravar a situação de adoecimento dessa categoria (LEONELLO; OLIVEIRA, 2014; MENDES, 2015).

Nas últimas décadas houve um aumento significativo de tarefas relativas ao trabalho docente, além de tornarem-se mais complexas em face das modificações ocorridas no mundo do trabalho, as quais resultam da reestruturação produtiva e dos novos rumos que tomou o processo de acumulação do capital em escala mundial. Nesse contexto histórico e social, surgem novos padrões nas relações de trabalho com efeitos no processo de formação e implicações na saúde dos trabalhadores (MENDES, 2005).

Desta forma, a necessidade de investigar este trabalho é urgente por ser, na sua essência, um trabalho a serviço da emancipação humana, do desenvolvimento

das capacidades humanas, da crítica da realidade e da produção do conhecimento para transformação da vida social (LEMOS, 2010).

O que é possível observar no interior da universidade é uma forte divisão do trabalho pelos docentes: professores do ensino, da extensão e da pesquisa. Apesar de a tríade ser uma função da universidade, uma pesquisa revelou que existem professores ótimos na pesquisa, mas não tão bons no ensino ou na extensão e vice-versa (LEMOS, 2010).

Segundo Silva (2000), o processo produtivo é fragmentado em tarefas e a divisão do trabalho está organizada de tal forma que o trabalhador passa a desconhecer o significado das tarefas realizadas. É a organização do trabalho que impõe ritmos de produção, buscando maximizar o uso da força de trabalho em busca de novos lucros. O capital se reinventa e se inova, apresentando diferentes formas de gerenciamento da produção que intensificarão a organização do trabalho.

Para Braverman (1987), a fragmentação do trabalho representou uma das estratégias de organização do modo capitalista de produção, um novo modo de operar o trabalho que resultou em aumento da produtividade.

Historicamente sabe-se que, no modo de produção industrial, os trabalhadores ficam especializados em parcelas (tarefas especializadas) de tal modo que perdem o controle do processo de trabalho e este controle passa para a gerência (MARX, 2011).

Há um processo de precarização e intensificação do trabalho docente que repercute nas práticas organizativas, pois o professor desempenha múltiplas funções e uma das consequências da polivalência das atividades é a sobrecarga de trabalho que, por sua vez, gera a necessidade de trabalho fora dos espaços da universidade (LIBARDI, 2010). O trabalho invade os lares, o tempo de lazer, com implicações em termos de desgaste físico e psíquico, assim como dificuldades na relação familiar. Os professores relatam estarem submetidos a uma sobrecarga de trabalho, ausência de lazer e contato com a cultura e, conseqüentemente, a um isolamento da realidade social (LEMOS, 2010). Dejours (2011) comenta que no trabalho taylorizado a organização é tão rígida que controla não somente a vida durante as horas de trabalho, mas invade igualmente o tempo fora do trabalho. Segundo ele, o objetivo do sistema é, sem dúvida, o aumento da produtividade. O que podemos perceber igualmente no espaço da universidade.

O trabalho do docente é um trabalho relacional, interativo, com o outro e sobre o outro, pois seu objeto de trabalho são os seres humanos que possuem características singulares, além de ser um objeto social. Por isso, este objeto de trabalho escapa constantemente ao controle do trabalhador (TARDIF, 2013).

Dessa maneira, o processo de trabalho em educação é constituído de peculiaridades geradoras de estresse, expondo permanentemente os professores a uma degeneração progressiva da sua saúde (JBEILI, 2011). Segundo Lacaz (2010), a impregnação da lógica capitalista e da reestruturação produtiva nos espaços da universidade pública produz a precarização das condições de trabalho e dos processos do trabalho docente. Como desdobramento desta nova forma de trabalhar, que impõe a competição, o individualismo e o produtivismo, ocorrem repercussões na saúde dos trabalhadores, especialmente na esfera psicoafetiva (LACAZ, 2011).

No ato de trabalhar em sua complexidade, envolvendo dimensões objetivas e subjetivas, o trabalhador tende a percorrer o caminho da produção da saúde ou da produção do desgaste (AZAMBUJA; *et al.*, 2010). É também no trabalho que o homem, ao transformar o objeto também se transforma, numa relação de duplicidade entre ele e a natureza (MARX, 2011). Cada trabalhador constrói a sua história e é igualmente produzido por ela, pois se encontra inserido em um contexto cultural e ideológico, permeado e estruturado por relações sociais e de produção e que tem uma história de vida singular que lhe confere modos de ver a vida e de ser no mundo (AZAMBUJA, *et al.* 2010).

Segundo Basso (1998), o homem, quando planeja a ação, age conscientemente, mantendo uma autonomia maior ou menor, dependendo do grau de objetivação do processo de trabalho em que está inserido. Por exemplo, enquanto o processo de trabalho fabril é altamente objetivado, limitando a autonomia possível do operário na execução de suas tarefas, ao contrário, no caso do docente, seu processo de trabalho não se objetiva na mesma proporção, deixando uma margem de autonomia maior, pois a presença de professor e estudante permite uma avaliação e um planejamento contínuo do trabalho, orientando modificações, aprofundamentos e adequações do conteúdo e metodologias a partir da situação pedagógica concreta e imediata (BASSO, 1998).

Nesse sentido, a personalidade e experiência do professor são componentes de seu trabalho, já que no desempenho da atividade o professor investe o que ele é como pessoa (TARDIF, 2013).

3.3 Processo de trabalho em saúde e Enfermagem

O trabalho em saúde é desenvolvido, predominantemente, como um trabalho coletivo, sendo realizado por diversos trabalhadores capacitados para realizar uma série de atividades necessárias para a manutenção da estrutura institucional. O trabalho dos diferentes profissionais, apesar de suas especificidades de conhecimentos e de prática, é parte do conjunto que resulta na assistência a seres humanos, que são totalidades complexas (SOUSA, *et al.*, 2010).

Pires (2008), ao refletir sobre o trabalho em saúde, identifica:

O trabalho em saúde é um trabalho essencial para a vida humana e é parte do setor dos serviços. É um trabalho da esfera da produção não material, que se completa no ato da sua realização. Não tem como resultado um produto material, independente do processo de produção e comercializável no mercado. O produto é indissociável do processo que o produz, é a própria realização da atividade. A prestação do serviço-assistência de saúde – pode assumir formas diversas como a realização de uma consulta, uma cirurgia, (...) a aplicação de medicação (...) (PIRES, 2008, p.159).

Para Capella (1996, p.167), o processo de trabalho em enfermagem “é complementar e interdependente do processo de trabalho em saúde”. Este trabalho é realizado por profissionais de enfermagem com níveis de formação diferentes, os quais dividem o trabalho por meio de ações hierarquizadas por complexidade de concepção e execução, com exigências de habilidades diferentes para o manejo dos diversos instrumentos e métodos.

Para compreender o processo de trabalho na enfermagem, adotam-se de Marx (2011) os componentes da matriz conceitual. Sendo assim, tem-se que o objeto de trabalho é um dos elementos constituintes do processo de trabalho, traduzido como aquilo em que se aplica o próprio trabalho, ou seja, aquilo sobre o qual incide a ação do trabalhador e que ao final do processo estará modificado. O

instrumental de trabalho é um complexo de coisas necessárias que o trabalhador insere entre si e o objeto de trabalho, a fim de dirigir sua atividade sobre o objeto, e a finalidade do trabalho é um dos elementos do processo de trabalho que orienta a ação (MARX, 2011).

O objeto de trabalho em enfermagem e saúde tem várias dimensões, como a biológica, psicológica, social e cultural e permite construir uma atenção integralizada, realizada por diferentes intervenções profissionais (OLIVERIA, 2006).

Na enfermagem, o objeto de trabalho é o ser humano, saudável ou doente, a família e a comunidade (PIRES, 2008; FELLI; PEDUZZI, 2012). Muito embora pesquisa realizada em 2010 revelou a falta de consenso na identificação do ser humano com carência de atenção em saúde, como objeto de trabalho compartilhado pela enfermagem.

Já o instrumental de trabalho pode ser considerado os instrumentos e o saber em enfermagem e, como produto final, a assistência de saúde que é produzida no momento de sua realização (PIRES, 2008). Ainda, como finalidade do trabalho, tem-se a ação terapêutica em saúde, sendo o cuidado o eixo que sustenta a atividade profissional e fundamenta o processo de trabalho do enfermeiro (THOFEHRN; LEOPARDI, 2006; JACONDINO, 2012).

Marx (2011) define que o ser humano encontra na natureza algo que tem possibilidade de satisfazer o seu carecimento. Porém, essa constatação é relativamente simples quando a necessidade é material, mas quando essa necessidade é suprida pela produção imaterial como atenção e cuidado, no caso do trabalho dos enfermeiros, todo o processo é complexo e sem finitude (JACONDINO, 2012).

Alguns autores definem que o processo de trabalho do enfermeiro pode ser percebido em quatro dimensões: cuidar, educar, administrar-gerenciar e pesquisar (PIRES; KRUSE, 2006; PIRES, 2008; FELLI; PEDUZZI, 2012). Por outro lado, Felli e Peduzzi (2005) e Pires (1999) defendiam o pressuposto de que o processo de trabalho do enfermeiro compunha-se de duas dimensões complementares: assistencial e gerencial. Na primeira dimensão, o enfermeiro tem como objeto de trabalho as necessidades do ser humano e por finalidade o cuidado. Já na segunda dimensão, o enfermeiro toma como objeto a organização e coordenação do trabalho e gerenciamento de recursos humanos em enfermagem, com a finalidade de criar e implementar condições adequadas para cuidar dos usuários e dos trabalhadores.

Para Azambuja (2007), a enfermagem como trabalho está inserida no processo de trabalho em saúde e tem diversas dimensões: a prestação do cuidado, a organização do espaço onde se dá o cuidado, a organização do próprio cuidado e o âmbito da educação e da produção de conhecimentos. Nesse sentido, o enfermeiro docente utiliza o processo de ensino em todas as suas ações de cuidado, encaradas como aquelas dirigidas não só ao paciente e à família, mas também aos estudantes e à equipe de enfermagem, bem como as ações que incluem os procedimentos técnicos (PINEL; KURCGANT, 2007).

Jacondino (2012) propõe olhar para o processo de trabalho do enfermeiro de forma diferenciada, ao compreender esse processo composto de uma só dimensão que é o cuidado. No processo de trabalho do enfermeiro não coexistem várias dimensões e sim uma multiplicidade de atividades na prática desse trabalhador que engloba as demais dimensões sugeridas anteriormente, tais como administrativo-gerencial, educativa e investigativa, todas em prol do cuidado. Assim sendo, o processo de trabalho do enfermeiro tem um fio condutor que é o cuidar do homem, família e grupos, incluindo neste grupo os trabalhadores de saúde, os quais fazem uso de instrumentos de trabalho diversos circunscritos em instrumentos: gerenciais, educacionais e metodológicos.

É justamente nessa perspectiva que Silva (2012) ratifica o foco da Enfermagem como sendo o cuidado humano ao dizer que todas as suas teorias enfatizam a multidimensionalidade do ser humano e aceitar a complexidade do "*objeto de ação*" desperta os profissionais a explorar tudo que envolve a enfermagem.

3.4 Saúde do trabalhador

A forma de organização do trabalho tem forte relação com o processo saúde-doença dos trabalhadores (TRINDADE, 2011). Esta percepção de que o trabalho tem consequências sobre a saúde dos indivíduos é bastante antiga (MERLO, 2007).

Para Laurell e Noriega (1989), o trabalho sob a égide do capitalismo implica no uso deformado e deformante tanto do corpo como da mente do trabalhador,

converte-se numa atividade cujo componente desgastante é muito maior que o da reposição e desenvolvimento das capacidades humanas.

Desde a antiguidade greco-romana o trabalho era visto como um fator gerador e modificador das condições de viver, adoecer e morrer dos homens. Estudos de filósofos, como Hipócrates, apontavam a importância do ambiente, do tipo de trabalho e a posição social dos trabalhadores como elementos relevantes para o processo saúde-adoecimento do trabalhador (FRIAS JUNIOR, 1999). Em contrapartida, a relação entre o trabalho e a saúde-doença, embora constatada desde a antiguidade, nem sempre foi foco de atenção, afinal, no modo de produção escravista ou no regime servil, inexistia a preocupação em preservar a saúde dos trabalhadores (NOSELLA, 1989).

A identificação e o registro documental acerca das implicações do trabalho na saúde do trabalhador surgem no século XIX. Contudo, as investigações de caráter científico ocorreram mais tarde nas escolas médicas, onde houve grande intensificação do tema 'saúde dos trabalhadores', evidenciando que as condições de trabalho, as longas jornadas de trabalho e os ambientes impróprios são capazes de produzir danos à saúde dos trabalhadores (TRINDADE, 2011).

Um dos precursores dos estudos abordando a relação saúde-adoecimento no trabalho foi o médico Bernardino Ramazzini (FRIAS JUNIOR, 1999), o qual recebeu o título de pai da Medicina do Trabalho por sua obra impressionante que revelava adoecimentos advindos do trabalho em mais de cinquenta profissões.

A medicina do trabalho nasce no âmago da especialidade médica por volta de 1830 na Inglaterra com a Revolução Industrial, sendo que a prevenção e a responsabilidade pelos problemas de saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa médica. A Medicina do Trabalho, centrada na figura do médico, orienta-se pela teoria da unicausalidade, ou seja, para cada doença há um agente etiológico. Tem como foco tratar a doença advinda do trabalho por meio da medicalização, estancar os sinais e sintomas e olhar apenas para os riscos específicos que advém do ambiente. Dessa maneira, a Medicina do Trabalho possui uma visão biológica e individual (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997).

A medicina do trabalho, centrada exclusivamente no adoecimento do trabalhador, mostrava-se insuficiente para atender os demais problemas enfrentados. Surge, então, o modelo de intervenção sobre o ambiente, intitulado "Saúde Ocupacional", tendo como principal estratégia a intervenção nos locais de

trabalho por meio da atuação multiprofissional com a finalidade de controlar os riscos ambientais (MENDES; DIAS, 1991).

A Saúde Ocupacional nasce com uma visão mais ampla que o modelo original de Medicina do Trabalho, pois incorpora o conhecimento das demais profissões, mas não abandona o eixo médico centrado (FRIAS JUNIOR, 1999). Entretanto, a novidade é a incorporação da teoria da multicausalidade, na qual um conjunto de fatores de risco é considerado na produção da doença, avaliada através da clínica médica e de indicadores ambientais e biológicos de exposição e efeito (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997). A Saúde Ocupacional é representada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, órgão oficial responsável por normatizar, regulamentar dentre outros assuntos, a saúde e segurança dos trabalhadores regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (MENDES; DIAS, 1991).

A partir da década de 60, em meio a um intenso processo mundial de mudanças sociais, muitos debates acontecem acerca do lugar do trabalho na vida do trabalhador, surgindo críticas e questionamentos ao modelo de Saúde Ocupacional que pouco incorporava a participação dos trabalhadores. Surge, então, o reconhecimento e a exigência da participação dos trabalhadores nas questões de saúde e segurança do trabalho, já que obtinham de fato o saber necessário à melhoria e adequação das situações concretas do cotidiano de trabalho (MENDES; DIAS, 1991; FRIAS JUNIOR, 1999).

A Saúde do Trabalhador surge como uma nova compreensão de olhar para as implicações do trabalho na saúde. Manifesta-se no âmago da construção por uma sociedade democrática e cidadã e por autonomia dos trabalhadores (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997).

Nessa perspectiva, o campo Saúde do Trabalhador pode ser considerado um espaço de práticas e saberes que vem sendo constituído pelas contribuições da Medicina Social Latino-americana, pela Saúde Coletiva e pela Saúde Pública (LAURELL, 1991, 1993; LACAZ, 1996).

Segundo Mendes e Dias (1991), a emergência da Saúde do Trabalhador no Brasil, enquanto marco teórico pode ser identificada na década de 80, sendo estabelecida na Constituição Federal de 1988, e posteriormente regulamentada e definida com a Lei Orgânica da Saúde nº 8080/90.

A Saúde do Trabalhador compõe um campo da Saúde Pública que abrange a união entre produção, trabalho e saúde. Parte do pressuposto de que o trabalho é o

elemento central para a vida do trabalhador, sendo um importante determinante do processo saúde/doença, assumindo igualmente a concepção de que os trabalhadores são sujeitos de sua história e atores fundamentais na conquista de melhores condições de trabalho e saúde (MENDES; DIAS, 1991). Nessa vertente, a Saúde do Trabalhador encontra-se na corrente de compreensão de uma determinação social do processo saúde/doença (para além de uma perspectiva de “fatores de risco” e de “doença ocupacional”), com enfoque nos processos de produção e processo de trabalho como suas categorias analisadoras (SANTOS; FILHO, 2007).

No campo de Saúde do Trabalhador, a subjetividade dos indivíduos, seus saberes e percepções a respeito de suas atividades, ambiente e relações de trabalho, ganham importância. Busca conhecer e intervir nas relações de trabalho tendo como eixo norteador o ator social que se encontra em meio aos processos de mudança política, econômica e social (LACAZ, 1996).

Para Garcia (1983), a abordagem da saúde do trabalhador possibilita incorporar os conceitos de processo de trabalho e organização de trabalho. Para Dejours (2015), a organização do trabalho envolve aspectos que se relacionam com a divisão técnica e social do trabalho, o conteúdo da tarefa, as relações hierárquicas de poder e controle, e as jornadas de trabalho. Para Coutinho e Neto (1998), por organização do trabalho entende-se a divisão do trabalho, divisão do trabalho entre os trabalhadores, a repartição, o ritmo, o modo de operar prescrito, a divisão das responsabilidades, a hierarquia, o comando e controle.

Dentre os conceitos com os quais a Saúde do Trabalhador atua, destacam-se a noção de desgaste e cargas de trabalho, demarcando a perspectiva relacional entre o homem e os diferentes elementos presentes nos processos de trabalho (LAURELL; NORIEGA, 1989). O processo de trabalho é a referência central para o estudo dos determinantes da saúde-doença (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997) e pode ser compreendido como sendo '*o modo como o homem produz e reproduz sua existência*' (ALMEIDA; ROCHA, 1997, p.23).

Assim, o campo da Saúde do Trabalhador traz subsídios teóricos-conceituais para compreender a saúde dos trabalhadores docentes, os quais situam-se em meio ao processo de reorganização do trabalho, cuja lógica tem '*colonizado*' a gestão de serviços, como universidades e hospitais, termo este utilizado por Lacaz (2011) para expressar estratégias do setor privado pela administração pública.

3.5. Teorizando as Cargas de Trabalho

Segundo Laurell e Noriega (1989), a teorização de processo de trabalho é fundamental para o estudo da relação saúde-trabalho já que:

[...] na sociedade capitalista, o processo de produção organiza toda a vida social e porque é, simultaneamente, o processo de valorização do capital e modos específicos de trabalhar - processo de trabalho. Esta categoria permite, então, estudar sob uma realidade concreta a lógica de acumulação (processo de valorização) e seu meio - o processo de trabalho - como um modo específico de trabalhar - desgastar-se e como enfrentamento de classe em termos de estratégias de exploração e de resistência, que, por sua vez, determinam padrões específicos de reprodução (LAURELL; NORIEGA, 1989, p. 36).

Portanto, é o trabalho que organiza a vida em sociedade e, por isso, é fundamental para a vida humana. Entretanto, é justamente o próprio trabalho que ocasiona implicações importantes para a saúde do trabalhador na medida em que o processo de produção tem relações de dominação e exploração. Segundo Marx (2011), quando o trabalho é desenvolvido sob a relação de dominação acaba por tornar-se ao homem como simples meio de existência, ou seja, como uma atividade que tem como único sentido o de garantir a sobrevivência. No entanto, Marx (2011) expõe que o trabalho tem um duplo caráter, pois do mesmo modo que promove a subsistência humana, é também um espaço de criação e emancipação. Para Laurell e Noriega (1989) o processo de trabalho é ao mesmo tempo social e biopsíquico, ou seja, a forma como o homem se relaciona produz a sua existência social e produz também os processo biológicos e psíquicos do corpo.

Segundo Rocha *et al* (2015) todo o processo de trabalho possui fatores que geram a carga de Trabalho e que são próprios do processo e do ambiente laboral. Para que existam a identificação e a compreensão da presença e o efeito causador das CT, é necessário atentar para as distintas características e operações que ocorrem durante o processo laboral e os diferentes tipos de trabalho. Por isso, o estudo das cargas de trabalho permite identificar as fragilidades decorrentes do

processo de trabalho que influenciam a saúde do trabalhador (CARVALHO; *et al.*, 2017).

Nesse contexto, é possível que existam aspectos que promovam a diminuição de cargas de trabalho e despertem satisfação, orgulho e reconhecimento e há, também, aspectos que estão relacionados ao aumento das cargas de trabalho e podem promover desgastes e adoecimento.

Na busca por superar a concepção determinista de riscos e fatores isolados, conceitos estes presente na área de saúde ocupacional, Laurell e Noriega (1989) propõem a ideia de carga de trabalho a partir de uma compreensão de base marxista do processo saúde-doença, ao defender que a relação saúde-doença no trabalho deve ser entendida no interior das relações de produção capitalistas, ou seja, entender que o processo saúde - doença é antes de tudo, social e que a forma como os homens se organizam em sociedade diz muito sobre a forma de '*andar a vida*'. Portanto, é legítimo dizer que saúde e doença enquanto conceito não são neutros nem existem a margem da sociedade (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Nesta pesquisa de tese adotou-se a concepção de cargas de trabalho (CT) na perspectiva da saúde do trabalhador (LAURELL, NORIEGA, 1989).

Laurell e Noriega, em 1989, realizaram estudo com operários em uma fábrica minero-siderúrgico e traçaram o perfil de cargas de trabalho desses trabalhadores. A partir dessa investigação surge uma forma diferenciada de olhar para o processo de trabalho com direcionamento para cargas de trabalho do contexto social avaliado. Propuseram duas categorias analíticas: cargas de trabalho e processo de desgastes, as quais estariam sujeitos os trabalhadores.

As cargas de trabalho são entendidas como "*elementos encontrados no processo de trabalho que interatuam entre si e com o corpo do trabalhador, gerando processos de adaptação que se traduzem em desgastes*" (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.110). Cabe ressaltar que a percepção sobre aspectos que potencializam ou amenizam as cargas de trabalho tem relação com o conhecimento de cada trabalhador e com sua experiência, com sua vivência (BALLARDIM; GUIMARÃES, 2009).

O processo de desgaste pode ser traduzido como a perda da capacidade psicobiológica do trabalhador [perda potencial ou efetiva] em adaptar-se às condições adversas encontradas no ambiente de trabalho (LAURELL; NORIEGA, 1989). A consideração de desgastes, uma categoria analítica ligada a de cargas de

trabalho possibilita introduzir um conceito: são transformações negativas que se originam da interação entre cargas nos processos biopsíquicos humano (LAURELL; NORIEGA; 1989). A exposição contínua às cargas de trabalho, a vivência diária de sentimentos de prazer e de sofrimento pode produzir desgaste no trabalhador, e isto pode evoluir para o adoecimento (CARVALHO, *et al.*, 2017).

A noção de desgaste não é irreversível, já que se pode recuperar as perdas de capacidade efetiva e desenvolver potencialidades (LAURELL; NORIEGA, 1989). Cabe revelar que os processos de adaptação/desgastes se manifestam nos indivíduos, porém, são as condições sociais que o produzem; o ambiente dos homens é um produto social que se apresentam de formas distintas: no exterior e no interior (LAURELL; NORIEGA, 1989).

As cargas de trabalho se subdividem em físicas, químicas, biológicas, mecânicas e por outro lado, fisiológicas e psíquicas. As primeiras possuem materialidade externa ao corpo, que ao com ele interagir torna-se nova materialidade interna. As últimas, fisiológicas e psíquicas, pelo contrario somente adquirem materialidade no corpo humano ao se expressarem em transformações em seus processos internos. Essa distinção é feita, pois as cargas fisiológicas e psíquicas se manifestam por meio de uma doença ou desgaste, enquanto que as demais, de materialidade externa, são passíveis de observação no ambiente de trabalho (LAURELL, NORIEGA, 1989).

As cargas físicas podem ser exemplificadas pelo ruído, calor, e podem até serem medidas sem envolver o corpo humano e, portanto tem materialidade externa ao trabalhador. Porém, ao interatuar sobre o corpo sofrem mudanças de qualidade e podem promover processos fisiológicos. As cargas químicas (pó, fumaça, fibras, vapores, líquidos), as biológicas (microorganismos), e as mecânicas - traduzidas como as condições de trabalho - são por assim dizer as mais visíveis e podem se converterem em ruptura de continuidade instantânea do corpo, que pode interromper a integridade física corporal (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Já as cargas fisiológicas e psíquicas não tem materialidade visível e não existem se não por meio do corpo do trabalhador. Nesse sentido, a materialidade das cargas são processos corporais transformados (LAURELL; NORIEGA, 1989). Por exemplo: uma posição incomoda em uma cadeira ruim pode não estar sendo percebida por ninguém a não ser por quem está sentado. Naquele momento, enquanto não é visível, não é ainda carga mecânica e sim, somente carga fisiológica

para quem sente desconforto ao sentar. Se, por acaso, esta cadeira lateralizar e pender para um dos lados, pode ser carga mecânica, já que será vista por outros, e continua sendo, para quem nela senta, carga fisiológica. Se, o trabalhador que senta nesta cadeira, seguir sentando nela por cinco meses, este trabalhador poderá vir a ter hérnia de disco, o que vai se traduzir em desgaste [perda efetiva do corpo]. Se ele já tinha consciência da sua condição de trabalho precária então além da carga mecânica e fisiológica estaria presente a carga psíquica.

O referencial classifica as cargas de trabalho de forma pormenorizada, mas para além da classificação associa a natureza de cada carga às condições, organização e divisão do trabalho, o que possibilita um olhar criterioso do processo de trabalho e do trabalhador no contexto social, permitindo considerar as formas de enfrentamento, ou conjunto de esforços desenvolvidos, de cada indivíduo e as repercussões das cargas individualmente e coletivamente. Assim o referencial permite o desenvolvimento de diferentes estudos, em diversos cenários, agregando conhecimento importantes na observação desse fenômeno complexo que é o desgaste em consequência do trabalho (TRINDADE, 2015).

Dessa maneira, a articulação destes elementos implica no reconhecimento de um conjunto de cargas de trabalho as quais o trabalhador esta exposto cotidianamente. Assim, é possível identificar para cada ramo produtivo e para cada processo de trabalho um conjunto específico de cargas de trabalho que conformam um determinado padrão de potencial desgaste do trabalhador (COUTINHO NETO, 1998).

Para Kirchoff (2011), as cargas de trabalho fazem parte do trabalho resultando da interação entre o corpo do trabalhador, o trabalho desenvolvido e o ambiente de trabalho. Para Frutuoso e Cruz (2006) o termo carga de trabalho é uma construção teórica resultante da necessidade de compreender que para uma situação de trabalho existe uma tensão contínua entre as exigências do processo de trabalho e a capacidade biológica e psíquica do trabalhador para responder a tarefa.

As formas de manifestação do desgaste nos trabalhadores, na maioria das vezes, são concretizadas em acidentes de trabalho e doenças relacionadas ao trabalho (AZAMBUJA, 2007). O estudo das cargas de trabalho permite identificar as fragilidades decorrentes do processo de trabalho que influenciam a saúde do trabalhador (CARVALHO, *et al.*, 2017).

A importância de se conhecer as cargas de trabalho presentes em um ambiente de trabalho está na possibilidade de controlá-las de modo a reduzir seus efeitos (KIRCHOFF *et al.*, 2011). Vale lembrar que em cada processo de trabalho, existem cargas específicas, as quais podem ser identificadas segundo a sua natureza e características básicas (CARVALHO, *et al.*, 2017).

Segundo Trindade (2011), há duas vertentes para os termos carga de trabalho e cargas de trabalho, que apesar de apresentarem grafias semelhantes, traduzem abordagens diferentes. O termo cargas de trabalho abrange cargas físicas, químicas, biológicas, mecânicas, fisiológicas e psíquicas e diz respeito às condições de trabalho a que o profissional está submetido. Por outro lado, o termo carga de trabalho é utilizado em estudos que consideram esse item como um dos requisitos para o dimensionamento de pessoal, ou seja, é visto pela ótica do dimensionamento de pessoal como quantidade de trabalho, algo que pode ser mensurável por meio de instrumentos próprios.

No campo das intervenções o referencial de cargas de trabalho permite abordagem individual e coletiva dos trabalhadores na identificação das formas de amenizar as cargas de trabalho e suas fontes. Dessa maneira, pode ser utilizado para proposições que provoquem os trabalhadores a refletirem criteriosamente para o cenário onde laboram observando elementos do seu processo de trabalho, o contexto social e a organização global do sistema capitalista (TRINDADE, 2015).

Cabe destacar que a carga de trabalho psíquica pode se manifestar no trabalhador sob duas formas: sobrecarga e subcarga; sobrecarga quando há o consumo excessivo dos recursos do trabalhador, tensão prolongada, saturação do consumo de energia psíquica. E subcarga corresponde à ausência de estímulo para realização da tarefa, a impossibilidade de desenvolver e fazer uso da capacidade psíquica, tais como a monotonia, a hipotrofia do pensamento e da criação (LAURELL, NORIEGA; 1989). Para Frutuoso e Cruz (2006) sobrecarga significa superestimação das capacidades biológica e psicológicas do trabalho para responder as exigências da tarefa do trabalho e subcarga ao contrário.

O trabalho no campo da saúde tem sido objeto de atenção devido a repercussões na qualidade de vida e saúde dos trabalhadores. E é na organização do trabalho, na forma como os trabalhadores se arranjam para efetuar o trabalho que se encontram vários determinantes do processo de adoecimento dos trabalhadores (SANTOS FILHO, 2007). Por isso que, segundo Laurell e Noriega

(1989), as cargas de trabalho nos seus diferentes tipos são apenas uma categoria analítica, dado que não adquirem pleno significado senão no interior da dinâmica global do processo de trabalho avaliado.

Dejours (2015) observou que quanto mais o trabalhador tem suas tarefas intensificadas, seja pelo aumento da carga de trabalho ou pela degradação das relações de trabalho, competição desenfreada, coerção, individualismo, mais dificuldades existem para uma resposta coletiva. Ainda, Dejours (2015) destaca que a falta de ação coletiva contra o “mal” infringido ao ser humano, nesse caso aplicando-se às cargas de trabalho, decorre, em muito, da “tolerância social” que se estabelece diante de problemas vistos como naturalizado e cultuado entre os trabalhadores e que fazem parte cotidianamente do trabalho.

Com relação aos trabalhadores da enfermagem, as cargas de trabalho tendem a não ser percebidas dentro da organização do trabalho nem pelos gestores e nem pelos trabalhadores, uma vez que o foco da atenção está voltado à produtividade do trabalho (AZAMBUJA, 2007).

Para a produção de saúde do trabalhador, no e pelo trabalho, é fundamental que transformações aconteçam para além dos espaços institucionalizados, ou seja, é primordial refletir de maneira coletiva sobre as políticas que orientam as ações voltadas à saúde do trabalhador. Dentro desse contexto, a enfermagem deve olhar para seu próprio processo de trabalho e refletir sobre a saúde dos profissionais envolvidos. Assim, ao refletir sobre as relações produzidas e reproduzidas na organização do trabalho em saúde, as quais são potencializadoras do desgaste ou da saúde, os trabalhadores podem compreender melhor a produção de sua saúde para além de prática cotidiana, na qual possam vislumbrar o contexto histórico e social em que estão inseridos e a lógica organizacional do trabalho em saúde (AZAMBUJA, 2007).

Cada vez mais estudos investigam as relações entre saúde e trabalho tendo em vista refletir a natureza complexa dos processos de saúde e suas implicações com as dimensões do trabalho na vida das pessoas. As condições de saúde dos trabalhadores em geral, assim como dos professores, dependem das relações decorrentes das exigências e condições de realização do trabalho. Contudo, várias transformações que ocorrem no trabalho docente (em sua jornada de trabalho, nas condições salariais, na organização do trabalho, em suas condições de saúde, nas relações de contrato, na formação, entre muitas outras facetas) são influenciadas

pelas transformações que se processam no mundo do trabalho capitalista (CRUZ; *et al.*, 2010).

4 Metodologia

4.1 Delineamento da pesquisa

O estudo foi qualitativo, do tipo descritivo-exploratório sendo desenvolvido em duas universidades públicas Federais do Estado do Rio Grande do Sul.

O referencial teórico-metodológico adotado foi o Materialismo Histórico e Dialético (MHD), referencial este traduzido como a visão de mundo que o pesquisador assume para interpretar os dados coletados na pesquisa e que melhor se adequa ao que está sendo proposto para esta investigação (DESLANDES; GOMES, 2012).

Adotar essa corrente teórica-metodológica implica em uma visão do trabalho enquanto núcleo central para o entendimento da sociedade em um determinado contexto social e historicamente constituído. Do mesmo modo, trata-se de uma abordagem do trabalho como um espaço possível de transformação do ser humano em toda a sua dimensão, transcendendo para a vida ao compreender vida e trabalho como questões indissociáveis (ANTUNES, 2011).

Para realização deste estudo, compreendeu-se que a pesquisa qualitativa foi a mais apropriada, já que as investigações nesse âmbito buscam os sentidos, as representações sociais e os pontos de vista de determinado grupo, ou seja, o método qualitativo tem como aspecto fundamental a compreensão profunda dos significados (MINAYO, 2014), o que Turato (2011) complementa ao dizer que nesta modalidade de pesquisa o interesse do pesquisador direciona-se para o significado das coisas, porque este tem um papel organizador para os seres humanos. Isso remete que as “coisas” (fenômenos, manifestações, fatos, sentimentos) representam dão molde à vida das pessoas e conforma a sociedade.

O caráter descritivo da pesquisa tem total relação com os objetivos do estudo, pois visa conhecer as diversas situações, organizações e relações que ocorrem na vida social de grupos complexos (BERVIAN; CERVO, 2007), tal como o grupo de docentes-pesquisadores de enfermagem.

Considerou-se a escolha do tópico da investigação, a delimitação do eixo central do estudo, a definição do objeto e dos objetivos, os instrumentos de coleta de dados e a exploração do campo como aspectos exploratórios. Esses aspectos proporcionam maior aproximação com o problema de pesquisa, com vistas a torná-lo mais explícito (MINAYO, 2014).

4.1.1 Método Materialismo Histórico e Dialético (MHD)

Os referenciais teórico-metodológicos surgem para explicar e melhor compreender os fenômenos sociais, sendo traduzidos como uma forma de pontos de vista sobre a realidade, como as visões de mundo que coexistem de forma paralela na sociedade (FONSECA; EGRY; BERTOLOZZI, 2006).

Nesse sentido, a dialética marxista tem um caráter de abrangência complexo, porque busca cercar o objeto de estudo a partir de uma perspectiva histórica e social por meio da compreensão de todas as mediações e correlações. Como uma corrente de pensamento o marxismo utiliza o materialismo histórico como representação do caminho teórico que aponta para a realidade de uma dada sociedade. Enquanto que a dialética representa o método de abordagem dessa realidade observada, a estratégia de apreensão e de compreensão da prática social empírica dos indivíduos (MINAYO, 2014).

Segundo Fonseca, Egry e Bertolozzi (2006, p.1):

Para utilizar o referencial teórico-filosófico da dialética como marco teórico de interpretação é preciso entendê-lo como teoria do conhecimento que a partir de uma determinada visão de mundo, tem como meta não só interpretar como transformar a realidade, dado que esta corrente teórica-filosófica reconhece o homem enquanto agente social de transformação da realidade e não como mero receptor das influências sociais.

Muito embora a pesquisa tenha se proposto a conversar com professores de IES acerca de seu processo de trabalho e elementos vinculados a cargas de

trabalho, dificilmente consegue-se modificar algo de imediato na vida das pessoas a partir de uma entrevista. Ainda assim, é fundamental considerar, que levando em conta o referencial teórico-metodológico desse estudo, considera-se que existiu uma transformação potencializada a partir das reflexões que se fez com os docentes no momento da coleta de dados. Pode-se dizer também que haverá uma tentativa de incorporar os resultados dessa pesquisa a política de promoção de saúde dos servidores nº 03 de 25 de março de 2013, nos locais estudados para que possa haver ações direcionadas para a qualidade no trabalho dos docentes-pesquisadores. Essa tentativa de incorporar mudanças a política pode ser possível na medida em que seja apresentada para os gestores das IES estudadas e estes possam aplicar no planejamento do trabalho dos docentes.

Portanto, a partir deste referencial, ao buscar vislumbrar o contexto histórico-social do processo de trabalho docente, entende-se que as 'coisas' e os fenômenos estão como estão ou tencionam para 'uma certa realidade' não somente por 'ordem' do capitalismo, modo de produção que conduz os trabalhadores as formas de pensar e agir, mas, principalmente, considera o trabalhador docente, como parte desse processo no qual as transformações são possíveis, já que o homem planeja a feitura de sua própria história e é protagonista das suas histórias e memórias.

Para Marx (2011), a consciência humana é formada a partir das condições materiais instituída pela sociedade – pensar de uma maneira e não de outra tem relação direta com a forma de produção e reprodução material estabelecida entre os homens. Conforme Chauí (1997) é materialismo porque o homem é determinado a pensar e agir a partir das relações de produção, as quais nos determinam. E é histórico porque a sociedade surge da ação concreta dos homens e não por ação divina.

Fonseca, Egry e Bertolozzi (2006) comentam que explicar os fenômenos sociais com base na ciência positivista, oriunda das ciências naturais, é obter uma visão restrita do fato, uma visão parcializada, segmentada, dicotomizada, sem enxergar o todo. Compreender os fatos sociais deste modo é conceber a sociedade como uma máquina e os homens como suas engrenagens, cada qual com seu papel pré-determinado, que não mantém qualquer relação com o todo. Visto desta forma, o processo saúde-doença reflete apenas as condições de equilíbrio e desequilíbrio ou normalidade e anormalidade desta máquina.

Por isso, para ter uma aproximação da realidade social dos docentes-pesquisadores da enfermagem e buscar aspectos relacionados às cargas de trabalho, optou-se por utilizar esta corrente teórico-filosófica, já que se entende que há total relação com os objetivos propostos ao buscar, na história dos processos de produção e na forma como as relações sociais estão constituídas, a saúde do trabalhador.

A atuação profissional na educação coloca a necessidade de conhecer os mais variados elementos que envolvem a prática educativa, a necessidade de compreendê-la da forma mais completa possível. No entanto, não se pode fazer isto sem um método, um caminho que permita, filosófica e cientificamente, compreender a educação (CAMPOS PIRES, 1997).

Nessa perspectiva, o materialismo histórico e dialético está constituído por uma teoria científica da história, o materialismo histórico, e por uma teoria filosófica, o materialismo dialético, cujo método foi utilizado por Marx e Engels para explicar o mundo a partir da evolução histórica da humanidade (FONSECA; EGRY; BERTOLOZZI, 2006).

Compreende-se que o materialismo não se dá no campo das ideias, mas na relação entre as pessoas com a natureza. Nessa perspectiva, entende-se que é pelo trabalho que o homem se humaniza, se exterioriza e faz a sua trajetória. As pessoas é que fazem a história e a história da humanidade é a história dos modos de produção (CAMPOS PIRES, 1997; FONSECA; EGRY; BERTOLOZZI, 2006).

O pilar preponderante do materialismo histórico é, portanto, a compreensão última dos processos históricos deve ser buscada na forma pela qual as pessoas se organizam em sociedade para produzir os bens materiais de que necessitam para sobreviver, ou seja, no modo de produção vigente. Para alcançar esta acepção há que se partir da compreensão do significado do trabalho e do seu papel na formação da sociedade e do homem enquanto ser social, ou seja, da compreensão do trabalho como base e essência da sociedade humana (FONSECA; EGRY; BERTOLOZZI, 2006).

A dialética, considerada como estratégia metodológica, é bastante antiga, advém da filosofia grega e traz um sentido dinâmico de inquietação e pergunta sobre os fatos da vida (MINAYO, 2014). Marx (2011) usou a dialética, o método dialético, para 're-ler' a história. O autor materializou, juntou história e dialética, ou seja, usou os modos de produção como a tradução para a história da humanidade.

A dialética é tomada como a maneira de enxergar a realidade e fazer articulações-ligações entre a realidade, a humanidade e a historicidade, o porquê das coisas, dos fenômenos e das implicações sobre os fenômenos sociais (MINAYO, 2014).

Nessa perspectiva, o movimento da humanidade, tanto na produção do conhecimento, como na produção em saúde ou em educação é materialista, histórico e dialético.

Entende-se a realidade como um perpétuo vir a ser, um constante movimento das coisas, trazendo a ideia de movimento do pensamento e que nada é permanente exceto a mudança. Não é a concordância que conduz o diálogo, mas a divergência, a exacerbação do conflito. É justamente a partir deste princípio que está ancorado as bases do MHD, ao sustentar a dialética como uma forma de compreensão da realidade, essencialmente contraditória e em permanente transformação (MINAYO, 2014).

Portanto, a dialética carrega uma conotação de diálogo constante, verdade transitória e que na sua essência tem origem grega '*dialegos*', traduzida como a arte do diálogo-discutir (KONDER, 1985).

A partir desta perspectiva pode-se compreender que a dialética está presente a todo tempo no trabalho do professor e na sua forma de pensar sobre os fatos. O que hoje pode ser aspecto potencializador de carga de trabalho, amanhã pode não ser? E o contrário também é verdadeiro, pois o homem muda a todo tempo, é mutante, é movimento constante e essencialmente dialético sobre a maneira de olhar para as coisas e fenômenos, incluindo-se a forma com percebe o seu trabalho e as cargas que interatuam.

Para Marconi e Lakatos (2012), a dialética compreende o mundo como um conjunto de coisas inacabadas, busca interpretar o mundo a partir de um conjunto de processos. Para Marx (2011), somente as ideias não transformam o mundo, é preciso que sejam submetidas à prática. Apenas quando se tornam força material, ao levarem os seres humanos à ação, é que as ideias podem transformar o mundo. Em função disto, notam-se duas posições claramente divergentes em relação à realidade, ou seja, duas visões de mundo irreconciliáveis, posto que partem de pressupostos antagônicos: o idealismo e o materialismo (FONSECA; EGRY; BERTOLOZZI, 2006).

A dialética possibilita a compreensão de que o mundo é sempre resultado da práxis humana, seja ela marcada por relações de dominação que rotulam a prática social seja marcada por relações que operam a humanização dos homens (ZAGO, 2013). A partir disso, conecta-se a dialética e o materialismo em uma construção coerente do método, que expressa verdades relativas sobre as coisas, sobre os fenômenos, vinculando sujeito e objeto na mesma realidade estudada.

Cabe considerar que o método dialético tem como base três teses fundamentais (MINAYO, 2014). A primeira tese da dialética é o da especificidade histórica da vida humana e aborda que nada existe totalmente dado, eterno, fixo, absoluto. Toda a vida humana e social está sujeita a mudança e transformações, podendo ser reconstruída. Esta primeira tese assenta-se no princípio de que nada se constrói fora da história e nem a história é produto das ideias. Em outros termos, cada fenômeno é um processo, é um tornar-se vir a ser, cujo processo se dá em encadeamento, aludindo à forma de espiral (MINAYO, 2014).

A segunda tese da dialética diz respeito ao princípio da totalidade da existência humana, explicitando uma ligação inquestionável entre história dos fatos econômicos, sociais e das ideias. Na pesquisa de cunho dialético, o particular não existe se não for vinculado ao geral. O geral só existe no particular e por meio dele. Ainda, este princípio diz respeito a compreender semelhanças e diferenças numa unidade, entender as conexões da realidade e compreender a complexidade e as diferenciações dos fatos e fenômenos (MINAYO, 2014).

A terceira tese da dialética é a união dos contrários, da contraditoriedade, ao afirmar que uma coisa é e não é ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto indo na contramão dos princípios da metafísica. Cada fenômeno traz em si sua contradição, levado a se transformar em seu contrário (MINAYO, 2014). Na pesquisa o particular é igualmente importante, pois é a contradição do diálogo que busca o nexo explicativo da realidade (MINAYO, 2014).

A proposta de abordagem dialética é o pensamento incompleto, inacabado da história e também da ciência, o que torna o conhecimento da realidade em permanente movimento (MINAYO, 2014). Nessa perspectiva, o uso do método dialético não é simples (MINAYO, 2014) e buscou-se não reduzir, nem simplificar o que foi dito pelos docentes-pesquisadores nesta investigação. Buscou-se apresentar as contradições, os fatos pormenorizados e a totalidade dos aspectos

que potencializam e amenizam as cargas de trabalho dos docentes-pesquisadores dos programas de pós-graduação da IES estudadas.

Definir elementos fundamentais da inserção social do homem envolve optar por uma teoria do social e a problemática que Laurell e Noriega (1989) optaram tem também como pilar estrutural o materialismo histórico que considera o processo de trabalho como categoria central e fundante na análise da sociedade. Desse modo, a teorização desta pesquisa está significativamente sustentada pelos referenciais escolhidos.

4.2 Cenário do estudo

O cenário dessa pesquisa foi dois Programas de Pós-Graduação em Enfermagem: Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Federal do Rio Grande (FURG), ambos situados em municípios do Sul no interior do Estado Rio Grande do Sul.

A pesquisadora utilizou uma amostragem intencional com base na aproximação da pesquisadora em ambas as faculdades. A predileção pela temática adveio de minha inserção no ambiente universitário, primeiramente como representante dos estudantes do curso de graduação em Enfermagem nos espaços de tomada de decisão junto aos professores, que naquele tempo já me faziam questionar a relação de saúde-trabalho e qualidade de vida que mantinham os educadores pela forma como conduziam as relações de trabalho.

Posteriormente, como trabalhadora, professora de um dos espaços acadêmico por oito anos ininterruptos, transitando entre professora temporária, mestrandia e doutoranda e que me fez refletir acerca desse espaço vivenciado e que, dialeticamente, me apaixonei e questionei a saúde dos trabalhadores, incluindo a mim, dentro desse contexto, por ver e ouvir sobre cargas de trabalho.

O Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Rio Grande (PPGENF/FURG) foi aprovado pela CAPES em 2001, iniciando sua primeira turma de mestrado em 2002. Recomendado pela CAPES em 2008, o curso de Doutorado foi implementado em 2009. Apresenta, na composição de seu quadro

docente, 10 integrantes permanentes e seis caracterizados como colaboradores (OLIVEIRA, 2011).

O Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (PPGENF/UFPel) foi criado em 2008 e iniciou a primeira turma neste mesmo ano. Em 2010 obteve aprovação da CAPES com implementação do doutorado, o qual iniciou a primeira turma no ano de 2011 (HECK, *et al*, 2013). No ano da coleta de dados, em 2016, este programa contava com 11 professores permanentes no Programa e quatro colaboradores.

O PPGENf/UFPel conta com três linhas de pesquisa eleitas pelo programa de pós-graduação, seis grupos de pesquisa dentre os docentes permanentes e tem como área de concentração: práticas sociais em enfermagem e Saúde. O PPGENF da FURG conta com três linhas de pesquisa do programa, nove grupos de pesquisa distribuídos entre os docentes permanentes, e tem como área de concentração: enfermagem e saúde, cuja característica é a busca pela produção de conhecimentos em enfermagem e saúde para sustentar teórica, científica e metodologicamente as práticas dos profissionais de saúde (FURG, 2017).

Optou-se por investigar os profissionais vinculados à esses programas de pós-graduação, pois entende-se que estes têm maior relação com os objetivos da pesquisa já que o trabalho imaterial superqualificado explica a necessidade assumida pela pós-graduação como alvo dos esforços governamentais em submeter os trabalhadores ao sistema de regulação da CAPES, com exigências específicas de uma Pós-graduação e, portanto, podem estar mais suscetíveis as sobrecargas de trabalho.

4.3 Participantes da pesquisa

Foram convidados todos os enfermeiros docentes-pesquisadores cadastrados como permanentes nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* das universidades mencionadas. Inicialmente foi feito uma conversa individual com cada coordenador dos Programas para explicitar os objetivos da pesquisa e entregue uma carta de apresentação do estudo.

Após foi encaminhado um e-mail para cada professor permanente do Programa, contato este disponibilizado pela página *on line* dos programas e

confirmado pelos secretários dos programas por telefone. Posteriormente, foi feito um convite individual aos professores para sensibilização e reflexão acerca da temática e para esclarecer os objetivos do estudo.

Destaca-se que a pesquisadora foi estudante de ambas as universidades e trabalhadora-professora de uma das IES, portanto colega de trabalho de vários participantes da pesquisa, o que proporcionou maior vínculo e acolhimento no decorrer da entrevista, tornando esta etapa prazerosa e muito reveladora referente aos dados de pesquisa na medida em que muitos docentes ficaram imensamente emocionados ao falarem e refletirem sobre o seu trabalho.

Adotou-se como **critério de inclusão** dos participantes na pesquisa:

- Ser enfermeiro docente-pesquisador;
- Estar cadastrado no programa de Pós Graduação como docente permanente².

Adotou-se como **critério de exclusão**:

- Docente-pesquisador do quadro permanente que estiver afastado no período da coleta de dados em processos de capacitação, pós-doutoramento ou licenças em geral.
- Ser professor da banca de tese de doutorado da pesquisadora.

4.4 Considerações Éticas

Os aspectos éticos foram assegurados antes, durante e após a pesquisa, conforme prevê a Resolução nº466/2012 (BRASIL, 20102) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, envolvendo Pesquisa com Seres Humanos e também em conformidade com Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (2007) no Capítulo III, no que diz respeito à Responsabilidade e Deveres nos artigos: 89 (atender as normas vigentes para a pesquisa envolvendo seres humanos, segundo a especificidade da investigação); 90 (interromper a pesquisa na presença

² Integram a categoria de permanentes os docentes enquadrados, declarados e relatados anualmente pelo Programa de Pós Graduação (PPG) na plataforma Sucupira e que atendam a pré-requisitos: I - desenvolvam atividades de ensino na pós-graduação e/ou graduação; II - participem de projetos de pesquisa do PPG; III - orientem alunos de mestrado ou doutorado do PPG, sendo devidamente credenciado como orientador pelo mesmo e pela instância para esse fim considerada competente pela instituição; IV - tenham vínculo funcional-administrativo com a instituição (DOU, 2014).

de qualquer perigo à vida e à integridade da pessoa); e, 91 (respeitar os princípios da honestidade e fidedignidade, bem como os direitos autorais no processo de pesquisa, especialmente na divulgação dos seus resultados e as Proibições nos artigos 94 e 98).

A pesquisa está em conformidade com os preceitos da Resolução nº 466/2012, a qual tem como pilar respeito à dignidade humana e a autonomia dos participantes, assegurar a vontade do pesquisador, reconhecer sua vulnerabilidade e, do mesmo modo, proteger os participantes do estudo. Esta resolução incorporou os princípios da bioética, tais como autonomia, não maleficência, beneficência, justiça, equidade, dentre outros, e visou assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado.

O projeto de pesquisa foi enviado para plataforma Brasil e aprovado sob o número 1.345.924, constando o parecer descritivo em anexo (ANEXO A).

A todos os participantes foi garantido o anonimato, o direito a desistir da pesquisa a qualquer momento e o livre acesso aos dados quando de seu interesse, por intermédio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – o qual foi disponibilizado, no momento da entrevista, sendo uma cópia entregue ao participante e a outra permanecendo com a pesquisadora (APÊNDICE A).

Para assegurar o anonimato dos participantes, foram criados códigos a partir da letra “E” (entrevista) e uma numeração advinda da sequência de realização das entrevistas. A instituição não foi codificada visando manter o anonimato, quanto à identificação dos depoimentos dos participantes.

A pesquisadora deste estudo se comprometeu a ponderar riscos e benefícios, avaliando o máximo de benefícios e mínimos de danos, na perspectiva de garantir que danos previsíveis fossem evitados. Quanto aos benefícios da pesquisa, estes foram explicados aos participantes, orientando-os no que se refere aos proveitos direto ou indireto, imediato ou posterior, aferido pelo participante ou sua comunidade em decorrência de sua participação na pesquisa.

A investigação mobilizou sentimentos positivos e negativos frente a discussão da temática processo de trabalho. Como benefícios entende-se que houve a possibilidade de promover qualidade de vida no trabalho docente-pesquisador da área da enfermagem, promovendo reflexão no que tange as mudanças necessárias para melhorar aspectos que aumentam a carga de trabalho.

Quanto aos riscos, o estudo não previu procedimentos invasivos, mas, compreendemos a possibilidade de desencadear reações emocionais e psicológicas advindas da etapa do estudo (entrevista). Conforme prevê a resolução 466/2012, foi oferecido assistência ao participante da pesquisa para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa mediante articulação com profissionais que a instituição oferecia, tal como psicóloga das instituições pesquisadas.

Com vistas a garantir a relevância social da pesquisa, o sentido da destinação sócio-humanitária do estudo e considerando os interesses dos envolvidos, após apresentação de tese pública, a mesma será apresenta aos professores da instituição por meio de agendamento prévio com os coordenadores dos programas de pós-graduação.

A orientadora do estudo e os professores da banca de tese não fizeram parte do estudo por já conhecerem os pressupostos e a tese de pesquisa.

4.5 Coleta de dados

A pesquisa utilizou como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada que consiste em uma das ferramentas mais utilizadas pela pesquisa qualitativa. Possibilita alcançar os objetivos da investigação e pode ser vista como um conjunto de perguntas, que aponta fundamentalmente para as preocupações do investigador, sendo considerada como um instrumento essencial para apreensão da realidade, pois é possível recolher intencionalmente as informações dos investigados mediante seus depoimentos (TRIVIÑOS, 2001; DESLANDES; GOMES; 2012).

As entrevistas podem ser consideradas conversas com finalidade e se caracterizam pela sua forma de organização, sendo, nessa pesquisa, eleita a forma semiestruturada que combina perguntas pré-definidas, na qual o entrevistado discorre sobre o tema em questão sem estar preso às indagações (DESLANDES; GOMES, 2012).

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os docentes-pesquisadores dos programas de pós-graduação em enfermagem das universidades

UFPel e FURG. O convite para participar da pesquisa foi feito inicialmente para os coordenadores dos PPGEnfs (APÊNDICE B) e posterior via e-mail do docente permanente, informação esta retirada da página *online* do programa e com os secretários da pós-graduação via telefone e posterior, pessoalmente.

As entrevistas foram agendadas previamente com os entrevistados, estabelecendo data, horário e local que fosse mais conveniente ao participante e tiveram duração média de 30 a 40 minutos. O roteiro de entrevista encontra-se no Apêndice C. Os dados foram coletados e transcritos pela pesquisadora do estudo. As entrevistas foram gravadas em áudio, mediante celular pessoal da pesquisadora e gravador digital no próprio local de trabalho dos participantes, em ambiente privativo, transcritas posteriormente e permanecerão arquivadas por cinco anos, conforme prevê a resolução 466/2012, em CD-rom, sob a responsabilidade da pesquisadora do estudo.

4.6 Análise de dados

Os dados de pesquisa foram submetidos à análise de conteúdo na modalidade temática conforme os passos operacionais preconizados por Minayo (2014): a ordenação dos dados, a classificação dos dados, análise final e relatório.

A ordenação dos dados englobou todas as entrevistas gravadas e incluiu as etapas como: transcrição das entrevistas, releitura do material e organização dos relatos em determinada ordem, o que já pressupõe um início de classificação.

Após, foi efetuada a classificação dos dados por meio de leitura horizontal e exaustiva dos textos. Foi feito a leitura de cada entrevista anotando as primeiras impressões do pesquisador, com vistas a buscar a coerência interna das informações. Esse exercício permitiu ao pesquisador identificar, aos poucos, as categorias empíricas e as categorias analíticas, teoricamente estabelecidas como balizas da investigação, buscando as interconexões entre elas.

Ainda na etapa de classificação dos dados foi feita a leitura transversal que possibilita o recorte de cada entrevista em unidades de sentido ou temas (MINAYO, 2014). A partir disso, o pesquisador separou os temas, unidades de sentido ou categorias, juntando as partes semelhantes na busca por compreender as conexões.

Após, foi realizado o enxugamento de suas classificações agrupando em menor número de unidades de sentido e busca, do que foi mais relevante e representativo para o grupo estudado.

A classificação permitiu visualizar as partes que compõem o todo do trabalho do docente pesquisador. Entretanto, para realizar a interpretação e a análise final foi necessário recompor o todo e analisar essas relações no seu conjunto, de maneira complementar e interdependente (MINAYO, 2014).

A análise final dos dados teve como finalidade desvelar e administrar o material coletado, possibilitando ao investigador ampliar e aprofundar sua compreensão acerca do assunto pesquisado e relacioná-lo ao contexto sócio-histórico (MINAYO, 2014).

O relatório, enquanto comunicação dos dados de uma pesquisa é a formatação final de uma investigação expressa no papel e configura-se como uma síntese na qual o objeto de estudo reveste todo o texto do pesquisador (MINAYO, 2014).

Assim, esta análise levou em consideração a experiência do pesquisador que interpretou o material à luz do corpus teórico proposto e das falas advindas dos participantes da pesquisa. Portanto, cabe considerar que não há uma tentativa na neutralidade dos dados (MINAYO, 2014).

As entrevistas gravadas foram transcritas e analisadas sob o referencial teórico do materialismo histórico e dialético e processo de trabalho (MARX, 2011) e de cargas de trabalho de Laurell e Noriega (LAURELL, NORIEGA, 1989).

Ao longo do processo de análise dos dados estes foram revelando-se dialéticos em todo percurso, pois se identificou a quase impossibilidade de caracterizar aspectos únicos que contribuem para potencializar as cargas e aspectos que somente contribuem para amenizar as cargas de trabalho. Na jornada de análise os aspectos surgiram de forma a não expressar uma verdade absoluta sobre os fatos e sim apresentando contradições nas falas dos professores entrevistados. Dessa maneira, os resultados da análise de dados da pesquisa são apresentados de forma dialética, ou seja, trazendo as contradições do que foi emergido da pesquisa.

5 Resultados e discussão

O conhecimento produzido neste capítulo parte de uma percepção inicial que foi construída e reconstruída de forma contínua, dialeticamente, sem pretensão alguma de expressar uma verdade absoluta sobre os fatos apresentados.

Emergiram desta pesquisa, os aspectos do trabalho que contribuem para aumentar e diminuir as cargas de trabalho do docente-pesquisador da enfermagem, elencados na Figura 1. Os aspectos apresentados neste quadro são discutidos no transcorrer do texto e não seguem uma ordem cronológica de apresentação tornando-se apenas ilustrativo e para dar clareza às cargas de trabalho reveladas.

Foram extraídas das entrevistas as categorias centrais de análise e as subcategorias relacionadas. A partir da interpretação dos dados e confronto com a literatura o material de pesquisa ficou disposto da seguinte maneira:

1) Organização do trabalho na universidade: do desgaste a satisfação

- a) Ritmo intenso de trabalho como aspecto potencializador de carga de trabalho e a autonomia relativa do professor como atenuante
- b) A dialética de quem trabalha na pós-graduação
- c) Divisão do trabalho: do taylorismo a universidade pública
- d) Relações de trabalho na universidade: da competitividade, das disputas de ego e vaidade a possibilidade de relações solidárias.

2) Condições de trabalho na universidade: entre o normativo e o vivido

3) Esperança e motivação para o docente-pesquisador: elementos que suavizam as cargas de trabalho?

Participaram da pesquisa 17 professores pesquisadores das instituições de ensino envolvidas no estudo; dentre os 21 professores que fazem parte do quadro permanente de pesquisadores da IES, quatro recusaram-se a participar do estudo. Não foi pormenorizado quantos docentes de cada instituição aceitou ou não participar da pesquisa, com vistas a primar pela não identificação dos docentes.

Em relação às características sociodemográficas, os participantes da pesquisa tinham, no momento da coleta de dados, em média 49,5 anos de idade, oscilando de 38 a 61 anos. Quanto ao gênero, 16 participantes eram do sexo feminino com média de atuação de 20,5 anos (entre 15 e três anos) de experiência na profissão como pesquisador dentro do Programa de pós-graduação, demonstrando-se uma experiência significativa dos pesquisadores. Quanto ao tempo de formação, alternou entre 17 anos (entre 41 e seis anos de formado).

Todos os docentes possuíam contrato de 40 horas semanais com dedicação exclusiva a IES, estatutários, com tempo médio de permanência na instituição de 17 anos, alterando-se entre 38 anos e mínima de 3 anos.

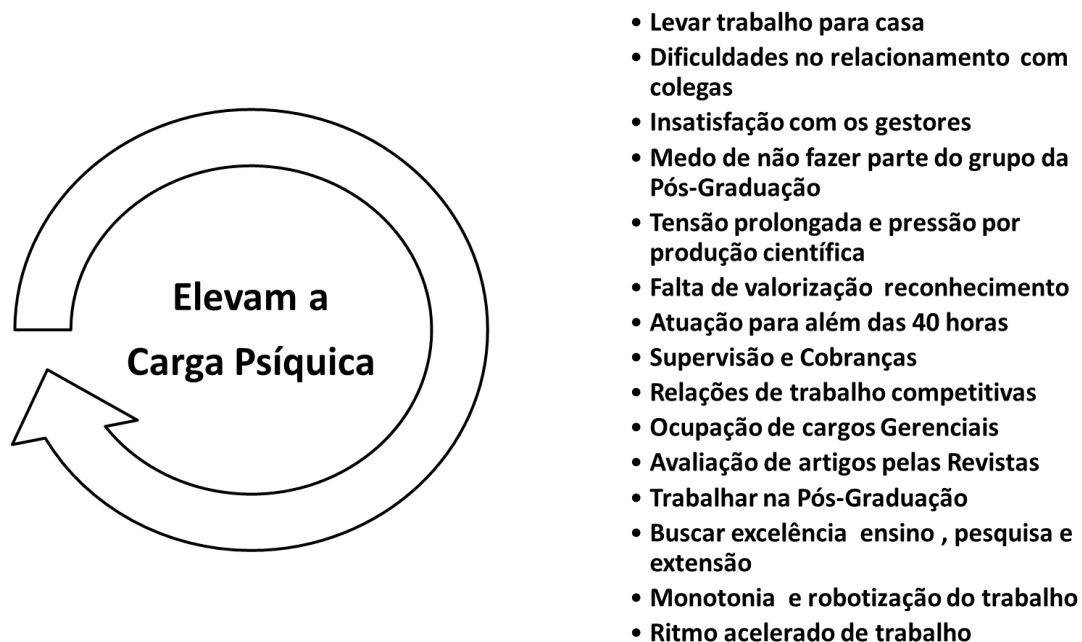
A seguir, apresenta-se na figura 1, quadro demonstrativo de fontes de aumento e diminuição de cargas de trabalho, achados discutidos ao longo desse capítulo.

Fontes de aumento de carga de trabalho	Fontes de diminuição de cargas de trabalho
Levar trabalho para casa	Relacionamento com os estudantes
Ritmo acelerado de trabalho	Trabalhar com os usuários/pacientes e estudantes nos serviços de saúde
Monotonia e robotização do trabalho	Transitar entre os diferentes processos de trabalho: saúde e educação
Atender com excelência o tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão	Participar e vislumbrar o crescimento profissional e pessoal do estudante
Atender as exigências da pós-graduação	Estar em uma universidade
Avaliação de demanda excessiva de artigos por revistas científicas	Liberdade de atuação na pós-graduação
Orientações excessivas de estudantes para trabalhos de conclusão	Organização do trabalho com atividades agendadas previamente
Ocupar cargos de gestão	Flexibilidade na organização do trabalho – autonomia
Relações de trabalho competitivas, constrangedoras, egoístas	Gostar do que se faz
Dificuldades de relacionamento entre os	A dinamicidade do trabalho do professor

pares e com a gestão	
Falta de comprometimento dos colegas	
Falta de preparo dos gestores para liderar/ fragilidade na gestão	
Divisão desigual do quantitativo de atividades entre os docentes	
Insatisfação com os gestores	
Insatisfação com carga horária	
Tensão prolongada e pressão por produção científica	
Medo e vergonha de ser excluído do grupo da pós-graduação pela produção científica	
Falta de valorização e reconhecimento profissional	
Trabalhar além das 40 horas – trabalhar sábados, domingos, feriados	
Supervisão e cobrança entre os pares, pelas chefias e pela pós-graduação	
Precarização da ambiência	
Temperatura do ambiente inadequada	
Deficiência na estrutura física da universidade	
Ausência e precarização de instrumentos de trabalho	
Falta de espaço para trabalhar	

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2017.

Na figura 2 pode-se vislumbra-se aspectos que elevam a carga psíquica do trabalho.



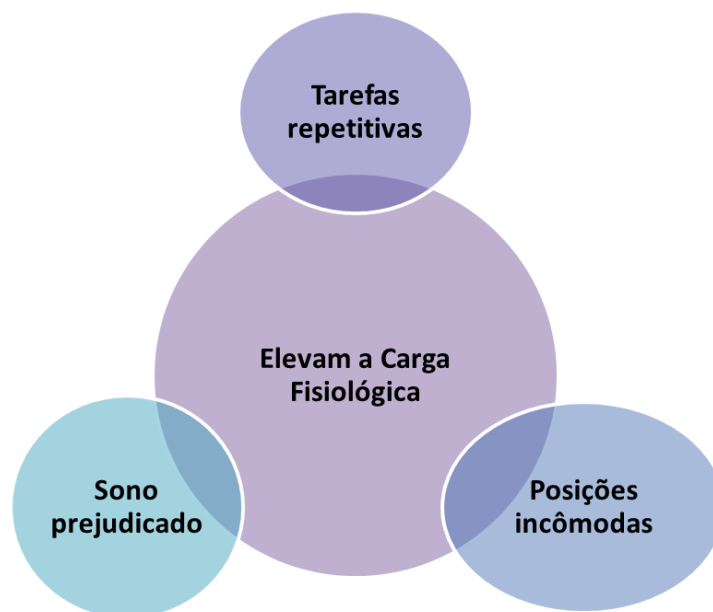
Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2017.

Na figura 3 apresenta-se aspectos que elevam a carga física do trabalho.



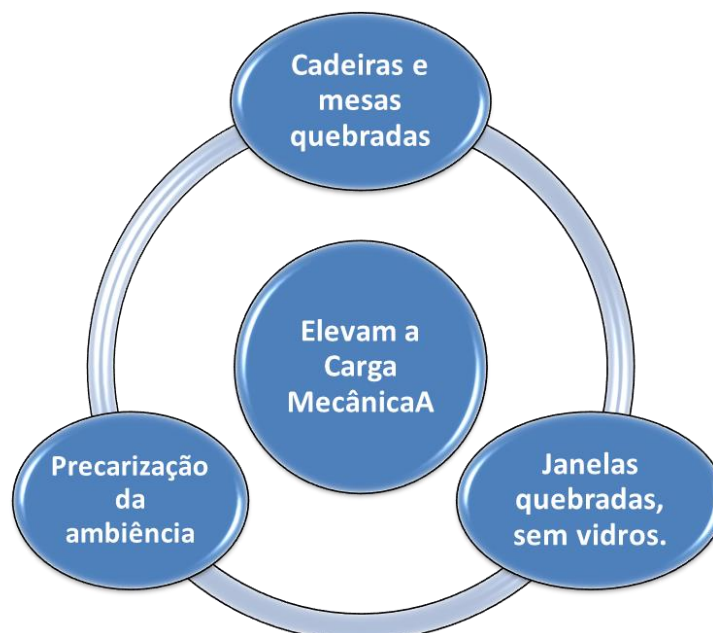
Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2017.

No esquema 4 tem-se aspectos que elevam a carga fisiológica do trabalho.



Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2017.

No esquema 5 evidencia-se aspectos que elevam a carga mecânica do trabalho.



Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2017.

Os achados demonstram que a interação das cargas de trabalho ocasiona desgastes/adoecimentos e danos. Como desgastes/adoecimentos aponta-se: ansiedade, angústia, estresse, depressão, enxaquecas, gastrites, lesões por esforços repetitivos, hipertensão; como dano evidencia-se: relações familiares prejudicadas, qualidade de vida prejudicada, sono prejudicado, vida social prejudicada.

5.1 Organização do trabalho na universidade: do desgaste a satisfação

Os aspectos que contribuem para aumentar as cargas de trabalho são também elementos identificados como atenuantes de cargas de trabalho, constituindo o movimento dialético de processo de trabalho e cargas de trabalho, o que se aproxima do referencial teórico metodológico desta tese.

A forma de organização do trabalho foi identificada como aspecto que potencializa e igualmente ameniza as cargas de trabalho na universidade. Assim, nesta categoria central de análise dos dados os elementos balizadores da organização do trabalho foram considerados na categorização: o conteúdo da tarefa, a divisão do trabalho e as relações interpessoais no trabalho, relações com os pares ou com a hierarquia, sejam elas de poder e comando ou não (PINTO, 2010; DEJOURS, 2015).

5.1.1 Ritmo intenso de trabalho como aspecto potencializador de carga de trabalho e a autonomia relativa do professor como atenuante

Dentre os aspectos da organização do trabalho que contribuem para aumentar as cargas de trabalho dos docentes-pesquisadores situa-se a o ritmo acelerado de trabalho e o excesso de demanda e foram identificados como aspectos que elevam a carga psíquica.

A maioria dos professores da pesquisa relata que frequentemente saem do espaço físico da universidade com muitas tarefas ainda para executar. O número de estudantes expressivo para orientação de trabalhos de conclusão de curso, a indisponibilidade de tempo para preparação de aula ou para estudar as pesquisas

que estão desenvolvendo é também motivo para levar trabalho para casa e torna-se rotina do professor da universidade.

As cargas de trabalho aqui na faculdade eu acho que estão ligadas a questão de ter muitas tarefas para realizar. Eu não tenho tempo para orientar, eu não tenho tempo dentro da minha semana para orientar a quantidade de alunos que eu tenho como orientandos; eu não tenho nem tempo para preparar minha aula! Aqui, eu não tenho tempo para ler, para estudar sobre a pesquisa que eu desenvolvo, eu não tenho tempo de fazer nada disso aqui, ou eu faço em casa ou eu não faço. Isso é desgastante. E2

Os resultados de tese corroboram com pesquisa realizada por Silva e Mafra (2014) tendo em vista que também identificaram intensificação da jornada de trabalho, em todas as categorias educacionais, incluindo a universitária, configurando certa negatividade do trabalho, expressa no sofrimento do docente em exercer suas atividades.

Para Laurel e Noriega (1989) as cargas psíquicas adquirem materialidade por meio do corpo humano ao expressarem-se em transformações em seus processos internos, sobretudo em função da manifestação somática do trabalhador. As cargas psíquicas subdividem-se em dois grandes eixos sendo a sobrecarga psíquica considerada quando há situações de tensão prolongada, atenção permanente, supervisão com pressão/cobrança, perpetuação do ritmo fatigante; e subcarga psíquica relacionada à questão de perda de controle sobre o processo de trabalho, separação entre concepção e execução, parcelarização do trabalho, monotonia, robotização e repetitividade.

Cabe ressaltar que as cargas psíquicas são socialmente produzidas e não podem ser compreendidas de maneira isolada as margens da organização capitalista (LAURELL, NORIEGA, 1989). Isso significa dizer que o professor constrói no cotidiano de trabalho aspectos que elevam a carga e que não estão externalizado do seu modo de trabalhar e andar na vida.

A atividade profissional não é só um modo de ganhar a vida é também uma forma de inserção social, de equilíbrio, de desenvolvimento, de integração, de constituição do homem e de sua rede de significados. Nessa perspectiva os aspectos psíquicos estão fortemente implicados (FLACH, et al., 2009).

Cabe mencionar que entre os aspectos psíquicos encontrados no processo de trabalho do professor também surgem dos serviços de saúde e não

exclusivamente da atividade de professorado, dentro do espaço de sala de aula. Fundamental pensar que somado a atividade docente, o professor desta pesquisa é, antes de tudo, um enfermeiro que labora também em serviços de saúde e que tem uma diversidade de cargas advindas da atuação nestes serviços. Os enfermeiros estão expostos no seu trabalho diário a um grande número de fatores que contribuem para a carga psíquica, algumas dos quais inerentes ao próprio trabalho de enfermagem, outros claramente relacionados com a organização do trabalho, podendo culminar em situações de estresse laboral (SENA, *et al.*; 2015).

Pesquisa realizada com enfermeiros de serviço de saúde da região Centro-Oeste do Brasil, identificou que as cargas psíquicas são extremamente relevantes para a saúde do trabalhador e, mediada pela organização precária do trabalho, aparecem relações verticalizadas estabelecidas institucionalmente: pressão organizacional, supervisão restrita, falta de autonomia, abuso do poder e ausência de defesas coletivas (MININEL, *et al.*; 2013). Alia-se dessa forma a diversidade de cenários que vivencia o professor ao transitar nos processos de trabalho em educação e em saúde duplamente.

Outro elemento que eleva a carga psíquica dos docentes-pesquisadores é a necessidade de realização de avaliação de artigos científicos enquanto avaliador de revistas da área de conhecimento da enfermagem, que se traduz em tensão prolongada no dia a dia do professor.

Eu sou avaliadora de três revistas, quando tu abres o e-mail é assim: “ah meu Deus, socorro! Estão me pedindo para avaliar outro artigo, outro, de novo?” E então tu fica ansiosa, estressada permanentemente. Quando é que tu vais fazer isso? Em casa, lógico. E10

A Enfermagem vem marcando história na sua evolução conquistando espaços, consolidando áreas temáticas e linhas de pesquisa mediante a produção textual qualificada, formação de recursos humanos, atuação e domínios em várias dimensões e níveis de complexidade do cuidado a saúde (SCOCHI, *et al.*; 2013). Sobretudo, sabe-se também que o trabalho exercido no ensino superior supõe uma relação constante com a produção de conhecimentos e sua divulgação (MONFREDINI, 2013), sendo necessária e de responsabilidade do professor as publicações e avaliações da área.

O professor desta pesquisa é um docente vinculado a Pós-Graduação, comprometido com a produção do conhecimento e envolve-se em várias atividades

relacionadas; no entanto, embora o docente identifique estresse, ansiedade e aflição quando há uma demanda acima do esperado, ainda assim, prossegue no ritmo de trabalho intenso e cumpre com o que é solicitado.

A pressão por produção científica é também considerada aspecto que aumenta carga psíquica de trabalho e aparece como altamente desgastante.

Sinto na verdade que estamos em um processo simplesmente de robotização, nós temos que produzir, temos que fazer, temos que estar respondendo a isso e na verdade acho que é um processo de sujeição, isso que é mais visto, mais percebido. E13

É possível identificar a perda potencial ou efetiva de criatividade do trabalhador e o desgaste operário verbalizado pelo processo de trabalho do educador. Isto é, o desgaste é maior que a capacidade de reposição e desenvolvimento das potencialidades. Nos últimos anos, tem-se observado cada vez mais características típicas de um mercado de trabalho competitivo na universidade pública. Esse modelo tem conduzido os docentes a uma situação de precariedade subjetiva levando a um desgaste mental, o qual, por sua vez, pode ter como consequência o sofrimento psíquico e o adoecimento (BERNARDO, 2014).

Pesquisa realizada em 2017 (CORTEZ, *et al.*; 2017) identificou crescimento do adoecimento docente no trabalho, mas sinaliza poucas ações desenvolvidas em relação às legislações e políticas específicas que privilegiam a saúde do professor, apesar do elevado número de estudos ressaltando agravos à saúde docente.

Para Laurell e Noriega (1989) os adoecimentos são consequências da interação da convivência com as cargas de trabalho e aparecem a todo o momento nas falas dos entrevistados.

Como exemplo tem-se as lesões por esforço repetitivo que surgem por meio do uso recorrente do computador como instrumento diário de trabalho do professor. Do mesmo modo aparecem outros adoecimentos como: hipertensão, problemas gastrointestinais, depressão e enxaquecas também.

[...] o estresse influencia muito na nossa saúde. Tu acabas te sacrificando e dando conta do trabalho. Eu já sou hipertensa, acaba acarretando estresse, ansiedade, tu come mais, tu passa muito tempo sentado na frente do computador e aí tu acaba tendo as “LER”, as doenças de repetição. E1

[...] os colegas costumam dizer e eu também faço alguma relação que, nos períodos de mais intensa atividade de trabalho, eu fiz meu quadro de apendicite e pedras e já fiz duas cirurgias por causa disso. Eu penso que

até certo ponto isso aconteceu nos momentos de pico de atividades: mil coisas para fazer, sem tempo para nada e provavelmente só acelerou um processo que já tinha iniciado. E12

O trabalho é percebido como causador de processos de adoecimento, sejam eles de origem no trabalho ou acelerados por ele. Segundo Laurell (1982) a doença não é essencialmente biológica, ao contrário, é histórica e social. Desse modo, a saúde é uma questão central, pois surge como expressão concreta do conjunto das relações e contradições que vive o trabalhador (LAURELL; NORIEGA; 1989). Para Merlo (2011) há duas grandes categorias de agressões a saúde do trabalhador: de um lado aquelas que resultam das condições e ambiente de trabalho e, de outro, aquelas que têm origem na organização do trabalho. Nesse sentido a forma como o trabalho é organizado pelo homem pode ser nocivo, prejudicial e perigoso, muito embora sabe-se que não é somente isto (DAVID, 2009).

O adoecimento existe e torna-se fala do grupo de participantes da pesquisa que mesmo em adoecimento não se afastam do trabalho, até mesmo porque, segundo E.11, o afastamento intensificaria o desgaste psíquico. Além disso, o não afastar-se do trabalho parece ser motivo de orgulho para o trabalhador.

[...] faço tratamento para depressão, mas não, nunca quis me afastar do trabalho porque eu acho que eu pioraria me afastando, pode até ser que eu esteja equivocada e que amanhã ou depois pense diferente [...] E11.

Nunca me afastei por sofrimento no trabalho, nem por sobrecarga viu?! Nunca tive nenhum afastamento, até hoje! Mas não sei, se as coisas continuarem assim como estão, não vai ter jeito, está muito complicado de trabalhar nesse ritmo [...] E16.

A ideologia da vergonha em não trabalhar é manifestada em silêncio, pelo trabalhador que cala a sua dor, sua doença e seu sofrimento. Somente aquele corpo que trabalha, aquele corpo produtivo é aceito e bem visto na sociedade capitalista. Tanto mais aceito quanto menos necessidade tiver de falar sobre o fato (DEJOURS, 2015). Percebe-se nesta pesquisa um mal estar generalizado do professor que mesmo descontente e cansado não se afasta do trabalho por entender que ao afastar-se teria mais sofrimento. Igualmente observa-se que o docente identifica a intensificação gradativa do seu trabalho e compreende que ‘se as coisas continuarem assim como estão não vai ter jeito’.

A incidência de mal estares e adoecimentos é uma problemática de grande magnitude dos trabalhadores da educação, relacionado ao ambiente profissional, ao esgotamento físico, às deficiências nas condições de trabalho e à escassez de recursos materiais. Essas situações desgastantes são recorrentes nas IES independente do período que o professor se encontra, seja em pleno exercício da carreira de magistério; seja no início ou no final desse percurso profissional (FORATTINI, LUCENA; 2015).

Nesse sentido, não desenvolver os três eixos da universidade: ensino, pesquisa, extensão, eleva a carga psíquica em função do sentimento de frustração e angústia pelo alto ritmo de trabalho. Os professores tem desejo de cumprir, mas se sentem impotentes em função da sobrecarga de trabalho e do tempo indisponível devido a múltiplas atividades. O estresse e ansiedade são revelados na medida em que o professor tenta dar conta dos eixos da universidade.

Eu me vinculei com essa visão de que eu queria fazer ensino, pesquisa e extensão. Só que eu já não sei mais se vou conseguir fazer isso; porque na medida em que eu quero fazer ensino, pesquisa e extensão, eu levo trabalho para casa; eu não consigo fazer as três coisas no meu horário, então eu não dou conta, alguma coisa eu vou ter que abrir mão, porque não dou conta de tudo, eu me sinto cansada, eu me sinto extremamente cansada. E2

Ainda hoje é preconizado que o professor universitário desenvolva no seu plano de trabalho anual ações que envolva o ensino, pesquisa e extensão. Entretanto, o trabalho normativo, aquele determinado para ser executado pelos trabalhadores com regras a serem respeitadas institucionalmente, pode não ocorrer concretizando no cotidiano um trabalho vivido que é o que de fato ocorre no ambiente laboral, porém diferenciado do trabalho normativo (OLIVEIRA, 2011). Na pesquisa de tese identifica-se que os professores exercem as atividades, ou seja, desenvolvem o que é possível nas circunstâncias vividas do trabalho e ao levar trabalho para casa desgastam-se para dar conta das tarefas mencionadas e é incorporado enquanto trabalho normativo.

Todos os eixos da universidade merecem importância e igualdade em tratamento, e devem ter íntima unidade por parte das instituições de ensino superior. A indissociabilidade dos eixos é um princípio orientador da qualidade da produção universitária, porque afirma como necessária a tridimensionalidade do fazer universitário autônomo, competente e ético. Contudo, é perceptível que os

professores estão cansados, entediados pela cobrança interna e também externa das pressões do trabalho em assumir ensino, pesquisa e extensão (MOITA, BEZERRA DE ANDRADE; 2009).

O docente universitário preocupa-se com a produção de conhecimento, atua no ensino, na pesquisa e na extensão, pois o compromisso docente extrapola a sala de aula e o institucional, traduzindo-se em compromisso político, ético e social e na responsabilidade de construir uma sociedade diferente (VASCONCELLOS, 2009). Conforme a legislação (BRASIL, 1988), o tripé formado pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão constitui o eixo fundamental da universidade brasileira e não deve ser fragmentado.

Além dos três eixos da universidade, o docente de enfermagem tem ainda no seu processo de trabalho atividades relacionadas à assistência no serviço de saúde, e é igualmente importante na execução do trabalho; entretanto acarreta em mais trabalho.

[...] a universidade tem essa perspectiva do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, e no nosso caso da área da saúde, também fazemos a assistência. Todos nós professores temos que trabalhar nessas quatro frentes e isso é muita coisa. A carga de trabalho ela é muito intensa. Como podemos dar conta? E6

Identificam-se professores ansiosos e preocupados por não cumprir com suas tarefas colocadas enquanto docente universitário indo ao encontro de que a prática docente envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2011).

A interação das cargas no processo de trabalho pode gerar adaptação que se traduz posteriormente em desgaste do trabalhador (LAURELL, NORIEGA, 1989). Não é no nível dos processos celulares que se manifesta mais claramente a historicidade do biológico, mas nos níveis de integração maiores e especialmente, no nível de complexidade que representa o corpo humano, o que remete aos modos de andar a vida e os estereótipos de adaptação (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Outro elemento que eleva a carga de trabalho apontado pelo professor é a compreensão de que os horários mínimos de sono são sacrificados e o sono prejudicado é percebido como desgaste oriundo da interação das cargas de trabalho, podendo promover uma série de consequências na corporeidade do trabalhador.

Os entrevistados relatam padrão de sono prejudicado, dormem frequentemente tarde e acordam muito cedo em função da demanda excessiva de trabalho.

Em uma semana é esperado que no mínimo duas ou três noites eu vá dormir no meio da madrugada; nessas 17 semanas acadêmicas o trabalho é muito intenso. E11

[...] a semana de trabalho para mim começa na segunda-feira e termina na segunda-feira [...] às vezes eu achava que não ia dar conta do trabalho, ou tu levantas as 4h ou 5h da manhã, ou tu dorme as 2h da manhã a fim de ir tocando, e mesmo assim, as vezes pensava: “ah, não vai dar”. E1

No caso da fala de E11, o participante expressa a intensificação do trabalho somente nas semanas acadêmicas da faculdade. É certo que deve haver uma redução de aspectos vinculados a carga de trabalho, quando há período de férias dos discentes. Entretanto, nos meses de alta intensidade, o trabalhador pode produzir consequências no corpo e na mente, que por vezes foge ao controle do trabalhador, proporcionando adoecimentos.

O estresse, a ansiedade e o sono prejudicado são desgastes efetivos revelados pelos entrevistados e estão constantemente na rotina do professor que busca cumprir com suas atividades laborais. Portanto, a análise do processo saúde e doença do homem advém do caráter social e dos determinantes do processo de vida e trabalho (LAURELL, NORIEGA, 1989).

Nesse processo de viver e trabalhar os docentes acabam por levar os estudantes para suas próprias residências para dar conta das tarefas quando é período de fechamento de trabalhos de conclusão de curso. As excessivas tarefas no trabalho que repercutem em levar os estudantes para as suas casas para cumprir com as atividades docentes é aspecto que aumenta a carga psíquica.

Em todos os momentos eu levo trabalho para casa e levo também os alunos. Por exemplo: período em que nós estamos fechando doutorado e mestrado, nós costumamos intensificar. Eu já passei duas semanas no final do ano em que eu ia dormir a uma hora da manhã com o aluno na minha casa, para darmos conta; por que acho que é um compromisso que tu assume junto com o aluno e junto com a instituição e que nós temos que cumprir. Claro, eu gostaria de ter outra forma de proceder, de dizer não, isso não faz parte, meu horário é até as dezoito e pronto. Porém, se eu fizer isso, eu não vou fazer a metade das coisas que eu tenho que dar conta e aí certamente ficarei mais estressada ainda. E3

Para Laurell e Noriega (1989), a reação de estresse é um exemplo revelador de processo de adaptação e talvez o mais característico da sociedade capitalista. A repetição frequente ou sua conversão em '*estresse crônico*' transforma-se num processo destrutivo de uma série de estruturas e processos corporais.

Algumas reflexões florescem das respostas dos entrevistados: porque o professor não consegue dizer não a esse processo frenético de trabalhar? Ele diz não, em alguns momentos, mas tem atitudes opostas e se sobrecarrega. Percebe-se que por vezes a CAPES é colocada como quem decide pelo professor, mas esta baliza 8 orientados (CAPES, 2014), quando na verdade tem professores com muito mais do que o preconizado, porque? Seria vaidade, competitividade, ego, convencimento, orgulho de mostrar quem orienta mais? Seria uma busca desmedida pela excelência?

Existe uma preocupação excessiva pelo professor no que diz respeito à atividade de pesquisa, pelo fato de ser a função que confere mais *status* acadêmico e de muitos professores somente sentirem-se valorizados quando integram um programa de Pós-Graduação tornando-os pesquisadores reconhecidos.

Os docentes-pesquisadores parecem enfrentar um tipo de '*estresse crônico*' quando não cumprir com os prazos acordados na IES torna-se mais estressante do que ter mais trabalho sendo que verbaliza "*se eu fizer isso, eu não vou fazer a metade das coisas que eu tenho que dar conta e aí certamente ficarei mais estressada ainda*", devido ao comprometimento do professor com o que ele executa. Não cumprir com o que é acordado na Pós-graduação é aspecto que eleva a carga psíquica citada pelo professor. A preocupação no não cumprimento de prazos e a responsabilidade para com o estudante, para com o conhecimento e com o comprometimento social de uma universidade é o principal motivo do professor decidir por fazer muito além da carga horária estabelecida no contrato de trabalho e é considerada igualmente como desgaste.

Pesquisa recente também destacou a responsabilidade do professor como elemento inquestionável, pois destacam que os ideários docentes de formação ajudam também na reformulação de conduta, na sua prática e construção e desenvolvimento de estudantes cidadãos. Igualmente revelou que o ritmo intenso de atividades no exercício da profissão podem repercutir negativamente na saúde psicossocial do docente tendo em vista que os professores demonstram sensação de trabalho mecanizado, o que remete às exigências que se impõem à atuação

profissional, em que o discurso predominante no trabalho é conviver com relações interpessoais competitivas e individualizadas (GRACIOLI, 2015).

Por outro lado, há verbalização de certa autonomia no processo de trabalho do docente-pesquisador, apontada como aspecto que ameniza a carga de trabalho.

Eu escuto os colegas dizerem que a docência é uma profissão com muita sobrecarga. Eu vejo por outro aspecto: eu acho que é uma das profissões que tem a oportunidade de organizar o ano de uma forma muito diferente de outras profissões, primeiro porque a gente sempre tem aquela quebra de final de ano, de meio de ano e que nos dá uma possibilidade de respirar [...] a gente consegue organizar a dinâmica do ano inteiro e entrar em dois períodos que realmente são de trabalho muito intenso, março, abril, maio e junho, agosto, setembro, outubro, novembro e iníciozinho de dezembro. No entanto, se a gente souber utilizar as pausas com sabedoria, vão te dar gás para te movimentar o ano inteiro. Então, eu acho que essa flexibilidade, ou seja, a possibilidade de realmente poder gerenciar o nosso tempo, isso é o aspecto melhor de todos. Eu posso muito bem me organizar. E4

É aspecto positivo e atenuante de carga de trabalho poder reorganizar o processo de trabalho mediante sua autonomia e frente às decisões quanto ao tempo e forma de cumprimento das tarefas. A pausa do trabalho em dois tempos, tais como: férias de verão e inverno na universidade são consideradas relevantes para a auto-organização e reposição de energia para o trabalho. Todavia, esse mesmo professor que assegura organizar-se no seu processo e parece estar em equilíbrio, também afirma consumir horas excessivas de trabalho e identifica a sobrecarga no trabalho “*sinto-me sobrecarregado, só que eu uso muitas alternativas, muitas estratégias para fazer com que esse esgotamento não ultrapasse os limites da normalidade e não me afetem [...]*” E4.

Existe possibilidade de o professor organizar o seu trabalho, assumir o comando-controle das demandas excessivas e ainda assim manter um ritmo saudável de vida? Organizar-se no processo de trabalho é tarefa árdua para cada professor que precisa impor os próprios limites ao assumir as atividades docentes.

A minha meta pessoal é conseguir não trabalhar nos domingos. Eu sei que isso é um problema meu, que eu tenho que resolver, eu tenho que me organizar de um jeito, tenho que pegar menos tarefas, ou eu tenho que organizar a minha semana de outro jeito. Eu acho que o trabalho às vezes impõe coisas para gente, mas eu acho que tem algumas que não são impostas, são coisas que a gente se estabeleceu e que a gente não põe limite [...] a gente também tem que se permitir, as vezes não poder fazer algumas coisas, ou não aceitar algumas coisas e isso não ser pecado. Eu acho que tem coisas que as pessoas não se permitem. E como a gente vem nessa pressão do tem que fazer, tem que fazer, tem que dar conta é difícil [...] E9

O professor parece culpar-se pela ‘sua’ desorganização no trabalho, pelo excesso de atividades acumulada e por assumir certas atividades. No entanto, percebe, mesmo que superficialmente, a autoimposição do ritmo de trabalho decorrente da influencia do capitalismo. O referencial de Laurell e Noriega associa a natureza de cada carga às condições, organização e divisão do trabalho, o que possibilita um olhar criterioso do processo de trabalho e do sujeito trabalhador no contexto sócio-histórico, permitindo considerar as formas de enfrentamento, ou conjunto de esforços desenvolvidos, de cada indivíduo e as repercussões das cargas individual e coletivamente (TRINDADE, 2015).

Na contramão destas colocações, de que o professor tem possibilidade de organizar-se, muitos abordam a decisão categórica do cumprimento excessivo da carga horária de trabalho em função das multiplicidades de atividades. Realizar muito além das 40 horas com dedicação exclusiva exigidas no contrato para professor da universidade é verbalizado pelos entrevistados como sinal de desgaste e uma necessidade.

No trabalho como um todo é aquela questão do desempenho, tu tens que dar conta. Tu tens que dar conta de ‘x’ disciplinas, tu tens que dar conta dos alunos, tu tens que dar conta das tarefas. Eu digo assim: na realidade tu tens um contrato de 40 horas de dedicação exclusiva, mas tu faz 60, 80 horas porque tu vai para casa e leva quantas coisas, quantas atividades mais para fazer? E10.

Eu me vi várias vezes achando que não ia dar conta de cumprir os prazos e isso é um estresse muito grande porque tu tens prazos determinados, tem data e hora para devolver algumas coisas, pareceres, projetos, pesquisa, relatórios, tudo tem data e hora, e aí tu tem várias outras coisas para fazer ao mesmo tempo [...] E1.

Sabe-se que está previsto 40 horas de dedicação exclusiva do professor de universidade (CAPES, 2014), entretanto não incluiria trabalhar sábados, domingos ou feriados, pois, caso este professor necessita-se registrar ponto digital, seria considerado hora extra.

Não levar trabalho para casa é colocado por alguns entrevistados como uma decisão, uma escolha do professor, se ele souber organizar o seu processo de trabalho. Entretanto, em muitas falas observa-se que levar trabalho para casa não é opção, é uma necessidade. Existe mesmo a possibilidade de controlar o seu processo de trabalho? A autonomia pode ser de fato considerada como um elemento que suaviza as cargas de trabalho? Por vezes os docentes-pesquisadores

optam por ficar trabalhando na faculdade, o que significa apenas não mudar o espaço físico, mas igualmente possuir muito trabalho a ser realizado.

A percepção de sobrecarga e do esgotamento existe mesmo naqueles que entendem organizar da melhor forma possível o seu processo de trabalho e impor limites quanto à demanda referente ao trabalho.

[...] é impossível não levar trabalho para casa; às vezes eu não quero levar, então eu fico aqui [na faculdade] (risos) [...] E6

Sinto-me sobrecarregado, só que eu uso muitas alternativas, muitas estratégias para fazer com que esse esgotamento não ultrapasse os limites da normalidade e não me afetem. Eu busco ter minha vida em casa normal, consumo muitas horas lendo, trabalhando, produzindo, mas eu tento estabelecer um limite, se eu utilizo o meu sábado eu tento não utilizar meu domingo, se por ventura em algum final de semana eu tenho que utilizar o sábado e o domingo no outro final de semana eu vou tentar não utilizar, se um mês por acaso inteiro é corrido eu tento aliviar a pressão no outro e tento contrabalancear. E4

Parece algo naturalizado, cultural e institucionalizado pelos docentes-pesquisadores dos programas de pós-graduação trabalhar mais de 40 horas e sentem-se culpados se assim não o fizerem. Estaria esse processo sendo cultuado/ritualizado pelo professor?

Pesquisa realizada em 2014 com docentes de universidade pública também evidenciou a sobrecarga de docentes quando a maioria verbalizou trabalhar mais de 40 horas há tempos. Entretanto percebem maior intensificação no trabalho, inserindo como rotina trabalhar aos finais de semana e feriados para o cumprimento de metas (BERNARDO, 2014). Ou seja, trabalhar além das 40 horas semanais sempre existiu, no entanto, antes não era frequente e hoje é rotineiro, pois o discurso de responsabilidade social está aliado à prática de pressão por produção como discurso naturalizado.

Estudo realizado com docentes da Universidade Federal do Pará revelou que todos os professores estão sobrecarregados, com jornada efetiva para além das 40 horas contratuais e que o trabalho para além da jornada obrigatória é situação comum vivenciada pelo conjunto dos docentes. É também recorrente o registro dos professores que levam trabalho para suas casas, trabalham nos finais de semana, nos feriados e até mesmo nas férias e permanecem mais de oito horas diárias na instituição (GUIMARÃES; CHAVES, 2015).

A possibilidade de autonomia e liberdade do professor da universidade em decidir assumir ou não os inúmeros trabalhos que existem no âmbito da universidade fica evidenciada como positivo por serem vistos enquanto aspectos que diminuiriam a carga de trabalho. Entretanto, permanece a dúvida se não seria uma autonomia relativa no trabalho?

[...] não me sinto pressionada pelo trabalho. Eu vejo que a mesma carga de trabalho que eu tenho meus colegas também tem. Não acho que eu trabalho mais que alguém, entende? Eu acho que está todo mundo na mesma balança. É um número grande de estudantes. É uma faculdade que cresceu muito nesses últimos anos, então para nós é muito bom; mas também tem o ônus de ter que levar isso, de fazer andar, de fazer acontecer, de ser uma coisa legal que os alunos gostem de estar, que os professores gostem de estar fazendo [...] E11.

O docente-pesquisador afirma a possibilidade de escolha sem esquecer-se do comprometimento social com o conhecimento e com os estudantes. É colocado o ônus de assumir e levar adiante o compromisso de tornar um ambiente produtivo, saudável e de crescimento da profissão como responsabilidade do professor.

Porém, cabe destacar que os processos de adaptação geralmente são conceituados como processos ‘fisiologicamente normais’ capazes de proteger o organismo em termos de sobrevivência. Perde-se de vista o fato de que muitos dos processos de adaptação não somente significam a sobrevivência em condições corporais precárias como também podem se converter em seu contrário, ou seja, em destruidores da integridade do corpo (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Organizar o próprio processo é aspecto que ameniza as cargas do professor e parece trazer mais possibilidades de controle frente a sua saúde.

Como docente eu consigo ter um gerenciamento do meu ano inteiro. Eu sei que no meio do ano eu tenho uma carga de atividades menor, nas férias de inverno e no final de ano eu tenho outra carga menor, então se eu dividir em três blocos o meu ano, eu tenho dois blocos de atividade intensa, oito meses de atividades intensas e quatro meses de atividade reduzida, então eu tenho que saber realmente adequar o meu corpo, o meu ritmo a também acompanhar essas oscilações e saber descansar, saber recuperar as energias, saber direcionar energia da forma certa para ter um processo de saúde, acho que mais condizente, mais adequado [...] E4

Eu trabalho confortável com a situação da realização das tarefas, porque quando se tem um prazo eu já estou me organizando para sair na frente deste prazo e cumprir dentro daquele período acordado. E14

Percebe-se a todo o momento contradição na fala quando se questiona acerca dos aspectos que potencializam e amenizam a carga de trabalho. Alguns professores expressam, por exemplo, que aqueles que reclamam de suas cargas de trabalho talvez tivessem inclusive mais possibilidades de realizar outros trabalhos, ou existiria a possibilidade de desocupar o professor de algumas tarefas, mas assumir outras atividades e ainda estar com carga de trabalho aumentada por estar condicionado ao sistema. Expressam nas entrevistas a liberdade de assumir ou não às atividades de acordo com a disponibilidade que cada um se coloca neste processo.

Na minha avaliação, se eu fosse avaliar um grande grupo de pessoas que reclama, a maior parte das pessoas que reclamam são pessoas que não são tão produtivas assim, que teriam tempo, que teriam possibilidades e não tem organização, ou talvez tenha mais medo que coragem. E4

Eu acho que nesse processo de ser docente não é só trabalho, trabalho; porque a gente pode se desocupar de horas na graduação ou de horas na pós-graduação e colocar um monte de outros trabalhos extras nessas horas. E9

As falas parecem estar baseadas no julgamento do outro como afirmação de que os professores que verbalizam resistência, quanto ao ritmo intenso de trabalho na universidade não são trabalhadores ‘produtivos’ para a instituição e também se identifica a possibilidade de inserir/adicionar outros tipos de trabalhos.

Mas não estariam estes outros trabalhos relacionados à atividade do professor? Parece ser importante normalizar o sofrimento do professor. Todos precisamos sofrer juntos para não ser só eu que fujo do professor sobrecarregado. Como se fosse natural da profissão docente.

A intensificação do trabalho na universidade e o desenvolvimento de uma ‘sociabilidade produtiva’ é naturalizada no cotidiano por meio de valores de uma cultura institucionalizada. O trabalho imaterial, ou seja, do professor, tem um limite pouco perceptível para o trabalhador, especialmente, em se tratando de trabalho imaterial superqualificado e que dá prazer (SILVA JUNIOR; SGUISSARDI; SILVA, 2010).

Nesse contexto, outro aspecto que contribui para aumentar as cargas de trabalho é a multitarefa e não atingir a excelência nas atividades de graduação e pós-graduação concomitantemente por motivo de alto ritmo de trabalho, revelando aspectos que aumentam a carga psíquica. Na visão dos professores a multitarefa,

como participação em comissões, comitês, convênios entre outras impossibilita a execução de excelência nas atividades de graduação e pós-graduação. O professor deixa de desenvolver algumas ações durante a semana de trabalho e leva trabalho para casa aos finais de semana por dizer não ter tempo disponível ou por ter ritmo intenso de trabalho. A participação em múltiplas atividades é elemento que potencializa a carga psíquica.

Tu percebes que se queres uma boa graduação e uma boa pós-graduação, os docentes acabam se sobrecarregando; por que eu não consigo entender que tu consigas fazer bem as duas coisas, tu até consegues durante um período, mas depois tu tens uma carga muito grande. Além disso, durante a semana tem as comissões que tu acabas participando, são outras tarefas diversas e tem também os convênios; nós queremos ter convênios com outras instituições, aí lá estou eu sábado e domingo entrando em contato com o pessoal de outros países, por que não consegui durante a semana ter um horário para ver como fica a questão do convênio que queremos firmar. E3

Estudo desenvolvido com docentes de diferentes áreas denuncia que do docente ainda é cobrado a participação em outras atividades muito além da sala de aula, preparação de aulas na graduação e pós-graduação. Orientações de mestrado, doutorado, iniciação científica, atividades de extensão, pesquisa, supervisão de estágios; participação em comissões da universidade, bancas, concursos e a produção bibliográfica são algumas das atividades deste educador (BERNARDO, 2014). A cobrança advém dos gestores e dos órgãos de regulação do Ensino Superior e da Pós-graduação.

Outra pesquisa revelou que os professores apresentam intensificação do trabalho universitário, com quase 50% das atividades focadas no ensino (lecionar, preparação de aula, orientação), e demais percentual subdividido em atividades burocráticas, avaliação de artigos, participação em redes, atividades extras e de pesquisa, e que 47% das horas despendidas com pesquisa são gastas nos finais de semana, fora da jornada regular de trabalho (MELO; SERVO, 2014).

A falha na construção de convênios e intercâmbios dentro da universidade é considerada como aspecto potencializador da carga de trabalho na medida em que os professores precisam trabalhar além do espaço institucional para firmar ações que consolidem as relações institucionais na enfermagem. A falha na comunicação com os demais setores da universidade faz com que sobrecarregue o professor em função de outras tarefas para realizar além do seu tempo de contrato estabelecido. Por desejo de crescimento da área da enfermagem e consolidação das disciplinas

acabam por executar o que poderia ser desenvolvido por outras pessoas com suporte técnico da universidade.

[...] nós somos cobrados para fazer parcerias internacionais. Ontem foi colocado por uma professora que ela não está conseguindo avançar no processo de firmar o convênio com a instituição do [...] por falta de tradutores dos documentos para língua espanhola. Como assim? Então tu tem na universidade um setor que é de convênios internacionais, mas que também não te oferece, não te permite suporte para tradução de documentos? Fica complicado firmar convênios com outros países [...] é difícil e a carga aumenta muito. Eu acho ainda pouco profissional nosso método de trabalho, ele é bastante, entre aspas, caseiro. E5

[...] até o modelo do contrato para fazer um convênio com outra universidade somos nós que temos que redigir. Então a gente não tem uma assessoria na universidade para nos ajudar a escrever um convênio internacional, mas e aí? Como assim? O processo de firmar o convênio ele tem várias etapas e um deles é que esse modelo de convênio ele tem que estar escrito em português e na língua do país onde se está pleiteando fazer o intercâmbio, tanto Acadêmico quando Docente e aí tu precisa pagar do teu bolso, o Francês, o Inglês. Isso é um absurdo! Nós temos na universidade um órgão responsável pela internacionalização e ele só recebe o teu processo, ele não te ajuda em nada a fazer esse processo; a nossa universidade tem tradutores, tem Cursos de Línguas e somos nós ainda que continuamos sobrecarregados e fazemos isso? E6

A comunicação e o diálogo entre os membros da comunidade científica são indispensáveis para o seu crescimento. A direção dos fluxos organizacionais no interior de uma universidade determina a sinergia necessária para a mudança dos setores, devendo ser reconhecidos as demandas internas de cada unidade. Dessa maneira, ao melhorar a comunicação entre as pessoas e discutir processos internos e suas práticas é possível promover grandes transformações (SALES, 2013). Nas IES estudadas não há fluxo de organização do processo de trabalho e não é esclarecedor a forma como a gestão planeja o trabalho dos docentes entre suas múltiplas atividades.

Nessa perspectiva, as cargas de trabalho são sempre resultantes das características de base técnica, da organização e da divisão de trabalho (LAURELL; NORIEGA, 1989). Desta forma, pensar na organização do trabalho não significa somente refletir como se dá o modelo implementado na instituição, mas há que se considerar a totalidade que compõe este contexto e a atual conjuntura que se encontra a universidade pública.

Ao pensar na organização macroestrutural do trabalho, sabe-se que existe interesse do capital em intensificar estratégias lucrativas do trabalho improdutivo,

como uma das formas para a saída da crise econômica. Dessa maneira, a mercantilização de setores como a saúde e educação públicas, traria nova dinâmica para estas áreas, reforçando ainda mais a condição das mesmas como objetos de disputa entre capital e trabalho (SOBRAL; RAMOS, 2010).

Assim, o professor ao levar trabalho para casa concretiza a estratégia do capital, na medida em que dá vazão, mesmo estressado, ao montante de trabalho que possui. **Levar trabalho para casa** é um dos aspectos mais relevantes que aumentam a **carga psíquica** e provoca diferentes consequências, diferentes danos, tais como: relações familiares prejudicadas e diminuição da qualidade de vida por deixar de realizar atividades de lazer. Os professores fazem uma constatação da forma como a categoria vem trabalhando e a maioria verbaliza não querer mais trabalhar dessa maneira..

Sempre levo trabalho para casa porque além de toda essa pressão que a gente tem por produção científica tu tens as avaliações de artigos pelas revistas. E10

O trabalho do professor é bem carregado. Eu acho que a gente tem trabalhado muito e eu vejo que eu preciso de mais tempo para o meu pai e minha mãe e não estou conseguindo, eu não tenho tempo. Aos finais de semana minha irmã vem aqui e eu não me envolvo com nada em relação à meu país, porque eu fico na função de ler, escrever e fazer trabalho, orientar, responder e-mail, etc. E1

Eu acho que sobrecarrega ter muitas atividades; isso impede que tu tenhas um tempo para lazer, dificulta tuas relações familiares. Porque se tu estás em casa e tu estás trabalhando e tem uma cobrança da família em relação a isso. Então isso acaba prejudicando mais a saúde psíquica, emocional em relação à física; o adoecimento psíquico e mental acaba levando a um adoecimento físico. E2

Segundo pesquisa desenvolvida (SILVA JUNIOR, SGUISSARDI, SILVA; 2010) os professores parecem, aos poucos, tomar consciência da intensificação do trabalho, porém continuam seu trabalho, contraditoriamente, apesar de avaliarem famílias desfeitas, de prejudicarem sua saúde por meio do uso de ansiolíticos, antidepressivos, narcolépticos, sacrificarem seu tempo livre, trabalhar nos finais de semana, não saírem um mês completo em férias. Além disso, algumas pesquisas já apontam problemas de estresse, cansaço, exaustão mental, carência de energia, de entusiasmo, fadiga, depressão, estafa, e já é expressivo o número de licenças e afastamentos por adoecimento no trabalho (SOBRAL, RAMOS; 2010; LACAZ, 2010). Entretanto, o que os docentes-pesquisadores estão fazendo para mudar esta

situação? É fundamental fortalecer uma consciência coletiva, não apenas uma constatação dos fatos de modo individualizada.

Os docentes-pesquisadores desta tese revelam o desgaste psíquico e muito timidamente evidenciam o desejo de não querer mais fazer parte deste processo que adocece, de querer tempo disponível para a família, para o lazer e para produzir saúde fora do ambiente de trabalho.

O local onde eu mais fico é dentro do trabalho. Não era para ser assim, eu acho que isso não é saudável. A gente fica a ponto de adoecer e a gente adocece. Em alguns momentos a pessoa precisa tomar medicação, fazer psicoterapia ou outras terapias afins. Mas é o local onde a gente mais fica. Tem semanas que eu saio daqui (alguns dias da semana, não são todos os dias), mas, alguns dias da semana saio nove e meia, dez horas da noite e ainda com trabalho para fazer em casa, sabe? E aí quando tu chega em casa e tu não consegue ver o sol porque já é muito tarde, isso dói, dói porque tu vê que tu estás aprisionado pelo trabalho. E eu tenho me sentido assim ultimamente, aprisionada e pressionada. Para fazer outras atividades, dançar, curtir, ir a praia, isso interfere porque tu acaba colocando o trabalho a frente de tudo na vida. Aí tu vê como pode uma coisa dessas? Como pode a gente não ver o sol? E11

Eu tenho problema de coluna e preciso fazer atividade física. Há uns três anos que faço pilates, mas desde que eu entrei para a Universidade eu não consigo. Eu passei o pilates de três vezes na semana para duas, de duas para uma e essa uma eu mais faltava que ia. Então eu acabava não indo em função de ter que fazer as coisas daqui, mas eu gostaria de mudar isso ano que vem. E2

Eu me sinto sobrecarregada todos os dias. Ultimamente eu estou numa fase que eu não sei se quero mais isso para mim, eu não quero mais essa carga de trabalho, esse desgaste enorme. Eu não quero essa vida para mim, não tem sábado, não tem domingo, não tem feriado, mas aí tem outra coisa, talvez metade da culpa seja nossa. Eu também sou responsável, porque eu também assumo. E1

O professor carrega o sentimento de culpa, de reprovação do comportamento por assumir mais trabalho e parece provocar angústia no trabalhador. No confronto com o trabalho, a personalidade, a forma como este carrega a vida, suas histórias e memórias são fundamentais, porém questiona-se a culpa individualizada deste educador pelo ritmo de trabalho que mantém. Não estará este docente imerso em uma política organizacional com tendência à produção, a pontuação por produção, ao alto ritmo, com pouca atenção para a saúde deste trabalhador? Contudo, também cabe à dúvida de o porquê este professor, com estabilidade no trabalho, assume este processo para si? Seria a busca pelo prestígio de ser reconhecido por seus pares nacionalmente ou internacionalmente? Por fazer diferença para a sua área de

conhecimento? Por que o professor da universidade se submete ao ritmo frenético de trabalho chegando ao limite do desgaste?

Cabe outro questionamento: o docente-pesquisador tem consciência de seu processo de trabalho ou é levado pela conjuntura imposta pelo sistema em busca de atender as demandas existentes?

A política de promoção do servidor, criada em 2013, visa subsidiar políticas e projetos de promoção da saúde e de qualidade de vida no trabalho dos servidores federais, priorizando ações de promoção da saúde cuja finalidade é a melhoria dos ambientes, da organização e do processo de trabalho, de modo a ampliar a conscientização, a responsabilidade e a autonomia dos servidores, em consonância com os esforços governamentais de construção de uma cultura de valorização da saúde para redução da morbimortalidade, por meio de hábitos saudáveis de vida e de trabalho (BRASIL, 2013). Muito embora exista a política de incentivo a promoção de saúde do servidor, não há ações específicas para o docente, que é um trabalhador singular dentro da universidade tendo em vista sua capacidade relacional e interacional no processo de trabalho. Imagina-se que este trabalho de tese possa contribuir na construção de uma política direcionada para este trabalhador.

5.1.2 A dialética de quem trabalha na pós-graduação: divergências e contrastes

Os entrevistados comentam que trabalhar na pós-graduação significa ter mais trabalho em comparação aos demais professores que ministram aulas na graduação somente. Verbalizam não ter possibilidades de diminuir outras tarefas e precisam dedicar-se para produção do conhecimento de forma mais intensa. Não há uma política institucional de auxílio na diminuição de carga horária, ou, quando existe ainda é fragilizada. Não há incentivo de remuneração extra por participar de um programa de Pós-Graduação. Nesse sentido, o alto ritmo de trabalho na pós-graduação, traduzido por pressão permanente por produção científica e o sentimento de trabalhar mais que os outros colegas é aspecto que aumenta a carga psíquica de trabalho sendo revelada como um desgaste cotidiano do professor.

Na pós-graduação, sem dúvida a pressão está relacionada à produção, produção científica, produção científica [...] E10.

O professor da pós tem que se dedicar muito para a produção do conhecimento, mas sem ter uma contrapartida. Então o professor tem uma carga extra. Não existe ganho trabalhar na Pós, tanto que tem professores que não dão aula na Pós Graduação, não tem esse interesse algum e disseram que nunca darão por que não aumenta nem diminui o salário, não traz nada para essa pessoa [...] Não é um benefício. Na verdade não é benefício que se quer, mas sim uma contrapartida para possibilitar que o professor produza, que faça sua produção científica de uma forma mais tranquila, por isso que ele é obrigado a fazer essa produção científica em casa, fora do horário de trabalho, num outro momento, por que aqui é praticamente aula e orientações, então isso que seria o negativo do nosso programa. E6

A carga psíquica não tem uma materialidade visível externa ao corpo do trabalhador, por isso é imensamente complexa e difícil de ser percebida. Para Laurell e Noriega (1989), as cargas psíquicas podem ser expressas em consciência de algo, estado de tensão prolongada, supervisão e controle no trabalho, desdobramento de turnos, alto ritmo de trabalho, trabalhos monótonos, repetitivos, automatizados ou sem sentido para o trabalhador, má distribuição de tarefas, entre outras tantas cargas que podem ser relacionadas ao estado psíquico produzidas no

trabalhador. A medida que se sabe que tipo de processo de trabalho está presente, pode-se prever quais são as principais cargas de trabalho (LAURELL; NORIEGA, 1989).

No caso dos professores desta pesquisa, a maioria verbaliza aspectos vinculados à carga psíquica, muito embora vários docentes expressem elementos de extrema satisfação por compor uma pós-graduação e contribuir para a produção do conhecimento.

O desgaste psíquico do professor e a qualidade de vida no trabalho são ainda pouco considerados pelas instituições de ensino, apesar de existir uma política de promoção de saúde do Servidor Federal (BRASIL, 2013), não tem como foco o docente, que tem um processo de trabalho singular. As universidades, cuja política de aprimoramento para elevar a produtividade se propaga, têm sido traduzidas como instituições operadoras da produção de ciência, tecnologia e inovação (BRASIL, 2016). Por meio das falas desta pesquisa, os trabalhadores contidos na universidade tem se tornado ‘operários de fábrica’ na produção do conhecimento.

[...] a questão dos artigos, os artigos hoje a gente vê como o comércio, é muito caro, tem muitas áreas que são absurdas em termos de valor de publicação. E7

A CAPES, em alguns momentos, me parece um pouquinho fora da realidade, mas ela faz o papel dela que é qualificar a pós-graduação no Brasil [...] E5

A CAPES tem algumas situações de critérios que muitas vezes fere a condição da dignidade do professor ou talvez do pesquisador, ou até talvez do próprio conhecimento. Mas também entendo que para ela sobreviver, ela também tenha a pressão dela [...] E12.

Instaurou-se uma nova dinâmica dentro das universidades federais, que passou a exigir do docente maior flexibilidade e adaptabilidade à organização imposta do trabalho, bem como a mensurar o desempenho desses profissionais pelo número de publicações produzidas por eles, pelos recursos captados para projetos de pesquisa e extensão com agências de fomento, bem como pelo envolvimento do docente com as questões institucionais (PIZZIO; KLEIN, 2015). Enfatizar-se que impulsionados pelas agências de fomento à pesquisa científica e tecnológica, pelas políticas de incentivo e pelos departamentos nas universidades os pesquisadores estão cada vez mais inseridos em um cenário no qual produzir se torna a palavra de ordem (VILAÇA; PALMA, 2013).

As agências de fomento (CNPQ, CAPES, FAPERGS) encontram-se, no organograma da Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação de 2016-2019, no mesmo patamar do Banco Nacional de Desenvolvimento do Estado (BNDES), vinculadas a ministérios ou a órgãos de governos estaduais, cujo papel central está na execução dos diversos programas de CT&I. O CNPq, agência do Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI), têm como principais atribuições: fomentar a pesquisa científica e tecnológica; incentivar a formação de pesquisadores brasileiros; fomentar o desenvolvimento tecnológico e a inovação por meio de parcerias com órgãos de governo e do setor produtivo. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) está vinculada ao Ministério da Educação (MEC) e exerce papel fundamental na expansão e consolidação da Pós-Graduação *stricto sensu*, responsável pela maior parte da pesquisa brasileira, e tem sido decisiva para os êxitos alcançados pelo sistema nacional de Pós-Graduação, tanto no que diz respeito à consolidação do quadro atual, como na construção das mudanças que o avanço do conhecimento e as demandas da sociedade exigem (BRASIL, 2016).

Entretanto, os parâmetros que a sociedade capitalista estabeleceu para os formadores de ciências e educadores são os mesmos para os processos produtivos, ou seja, metas quantitativas, produtivismo atrelado à ascensão na carreira, avaliação de resultados como método de reconhecimento, remuneração estagnada, além de estrutura precária e massificação de políticas e práticas de ensino. A discussão é ampla principalmente sobre os aspectos vivenciais do trabalho improdutivo, intelectual e cognitivo levado a uma esfera de produtivismo e “coisificação” do saber a serviço do capital (FORATTINI, LUCENA; 2015).

Apesar dos pesquisadores identificarem essa conjuntura produtiva, satisfazem-se na realização da tarefa e pedem o reconhecimento pelo seu trabalho árduo, talvez de uma política de reconhecimento pelos pares, pela instituição, mais bolsas de produtividade, mais recursos direcionados para projetos de pesquisa ou mesmo redução de carga horária, pois o docente leva trabalho para casa já que a soma das atividades no dia excede o seu tempo disponível dentro da universidade.

Por outro lado, não se pode fechar os olhos para o fato de que o aumento da produtividade e as leis de mercado competitivo na universidade são também para suprir a crise financeira das Instituições de Ensino (KANNEBLEY JÚNIOR, CAROLO, NEGRI; 2013), para fomentar novas pesquisas e para captação de

recurso de fundos setoriais de pesquisa no Brasil. Portanto, a pesquisa dentro da universidade tem sido a mantenedora de alguns recursos disponíveis na universidade tais como computador, impressoras, notebooks, livros, cadeiras, entre outros.

A Pós-Graduação em Enfermagem no Brasil, no auge de seus 40 anos, encontra-se em franca expansão constatada pelo aumento do número de cursos e programas, de egressos e da produtividade científica com publicação de artigos em periódicos com fator de impacto. Buscando manter os espaços conquistados, a área permanece atenta às diretrizes da CAPES para o desenvolvimento da pós-graduação, sobretudo, vislumbrando as recomendações e desafios propostos no Plano Nacional de Pós-graduação (PNPD) de 2011-2020 (SCOCHI; *et al.*, 2013).

Nessa perspectiva, o docente de enfermagem é um profissional da saúde que ocupa um lugar estratégico no quadro dos educadores da universidade sendo certamente o docente que precisa se comprometer em cuidar da sua saúde e a de seus colegas, na busca por ações, discussões, projetos e pesquisa para promover saúde e prevenir doenças da categoria.

Como já foi dito, o processo de trabalho dos docentes-pesquisadores é multifacetado, complexo e dinâmico e desta forma é fundamental compreender que os adoecimentos não podem ser olhados de forma unilateral, pois somente adquirem sentido quando analisado no contexto do seu processo de trabalho em saúde e educação, com componentes amplos e inter-relacionados (SILVA; CARVALHO, 2011).

O trabalho docente tem natureza singular, o qual oportuniza que seja realizado, em parte, fora do ambiente institucional; extrapole os limites específicos da jornada regimental contratada; dependa, em grande medida, de condições especiais para ser efetivado: preparação de aulas e da elaboração de textos científicos, artigos, participação em comitês, comissões, em banca de trabalhos de conclusão de curso, etc.; e, portanto, não possibilite visibilidade clara de seu produto; embora haja, por parte do professor, relativo controle sobre suas atividades, bem como sobre sua permanência na instituição (BORSOI, 2012).

Este trabalho, por oportunizar ampliação dos limites da jornada de trabalho possibilita o carregamento da tarefa para casa em função da produção científica e em diferentes momentos do dia. A **carga psíquica** é reforçada pelos pesquisadores em função de levarem trabalho para casa por estarem em uma pós-graduação e

manterem alto ritmo de trabalho. Os docentes comentam ainda gastarem financeiramente para produzir sem possuir recursos ou com poucos recursos disponíveis na instituição em que trabalham. Expressam que há professores sem interesse em ingressar na pós-graduação justamente pelo fato de não ter benefícios em participar de uma pós-graduação *Stricto Sensu*.

A gente não ganha nada mais para estar na pós-graduação [...] Não estar na pós-graduação implica em tu não ter orientações, não se preocupar em publicar artigos e isso acaba repercutindo porque, quanto menos essas pessoas vêm para participar, mais tu precisa participar, então quanto menos pessoas eu tiver para produzir, mais eu preciso produzir, então acho que na pós-graduação tem essa diferença e quando eu digo que tu não ganha nada mais para estar na pós-graduação eu não acho que seja o problema tu não ganhar a mais eu acho que é um problema gastar financeiramente para estar na pós-graduação e nesse momento a gente tem gastado muito para estar na pós-graduação porque nem sempre a universidade paga a tua produção científica e a gente pergunta: “por que eu produzo?” e eu não estou nem falando “ah, tu está publicando B3 e B4 e quer que a universidade pague”, não, eu estou falando que a gente publica em A1, A2, B1 e a universidade não paga e a pós-graduação não tem dinheiro e a universidade não vai te dar nem a tradução, nem a taxa de publicação, nem a taxa de envio e tu vai fazer o quê? Tu vai dar do teu bolso. [...] se eu for pagar tudo que eu publico o meu salário não vai nem dar no final do mês [...] E7.

[...] o professor não tem nenhuma vantagem financeira em estar na pós-graduação, porque o salário dele é o mesmo salário do cara da graduação. O meu salário no final do mês é o mesmo do professor de 40 horas dedicação exclusiva que não faz absolutamente nenhum tipo de orientação, ou seja, vai dedica para a graduação e vai embora para casa, pronto, eu acho que faz o trabalho dele, cumpre sua carga horária, mas não leva, não carrega com ele essa carga, é uma opção minha? É, é uma opção do professor, mas ao mesmo tempo acho que a instituição tinha que olhar para esses professores de uma maneira diferenciada. E5

Para Borsoi (2012) por não ter visibilidade clara do seu produto, o docente não se percebe como um trabalhador “típico” ou passa a se perceber como um “não trabalhador” e essas percepções começaram a se modificar quando as instituições públicas tiveram que adotar princípios e critérios de gestão do trabalho semelhantes aos do modo de organização do setor privado: política produtivista, estímulo à competição, exigência crescente de maior qualificação profissional, impactando de modo avassalador tanto a qualidade da produção acadêmica – que passa a ter como parâmetro principal a quantidade – quanto a saúde e o modo de viver dos docentes. Um modo de viver que já não reconhece os limites entre o tempo de trabalho e o de não trabalho.

Esse não reconhecimento dos limites do trabalho pode existir em função das relações interpessoais que o professor estabelece no seu processo de trabalho, pois muitas vezes o pós-graduando constitui relações de vínculo e mantém relações interpessoais além dos âmbitos do espaço de trabalho, intermediado por isso, e pelo seu comprometimento ético e político com o estudante e com a pós-graduação, o pesquisador muitas vezes transporta trabalho para casa. A realização de leituras contínuas de produções textuais, trabalhos de conclusão de curso, trabalhos para publicação em congressos, seminários extrapolam o limite do não trabalho. Afinal, ler e construir artigos ou demais trabalhos acadêmicos em casa, não é trabalhar?

Os entrevistados sugerem maior dedicação na pós-graduação, tendo seu processo de trabalho mais direcionado para o âmbito da pesquisa. Todavia, cabe lembrar, que a pós-graduação tornou-se o pólo gerador de uma reforma da instituição universitária que tende a colocá-la a reboque do mercado (SGUISSARDI; JUNIOR, 2009; BORSOI, 2012; VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013).

Estar envolvido em ambas as atividades de graduação e pós-graduação para avaliação de indicadores da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e crescimento do programa é fundamental e os professores possuem consciência de que é obrigatório. Entretanto, expressam que, trabalhar desta forma, impossibilita uma dedicação mais aprofundada em pesquisa como gostariam.

Na pós-graduação são tantas exigências que, que eu acho que o professor da pós-graduação que orienta mestrado, doutorado, ele precisa se dedicar para a área da pesquisa com mais profundidade, então em alguns momentos a graduação para muitos professores aparece como um problema, porque são tantas as demandas! Claro que a própria CAPES exige que lá na hora da avaliação que, uma das questões dos indicadores é quantos professores da pós-graduação estão envolvidos com as atividades de graduação, mas as atividades da graduação ao mesmo tempo que elas servem de base para nossas pesquisas elas também demandam mais tempo, então não é um problema da graduação, mas é um problema para a pós-graduação que o professor não consegue se dedicar em profundidade a pesquisa assim, porque a pesquisa exige mais dedicação. E5

Por outro lado, o papel de protagonista dos trabalhadores na transformação da realidade e também na construção de uma prática social distinta é inegável. A capacidade coletiva para colocar problemas complexos e articular estratégias de transformação é essencial e possível (LAURELL, NORIEGA, 1989).

Os cursos de pós-graduação são avaliados sistematicamente pela CAPES que convoca uma comissão de expertises de cada área de conhecimento, responsável pela atribuição de conceitos e propicia certamente um elemento para a qualificação dos programas (ERDMANN; *et al.*, 2012). É inegável que o processo avaliativo possibilita a visibilidade e a natureza científica da enfermagem, assim como oportuniza a consolidação dos cursos de pós-graduação no Brasil, agrega e integra potencial para a valorização da profissão. Contudo, a constante pressão externa e também interna, no âmbito das faculdades, é percebida, em muitos momentos, pelos professores, como algo penoso para o trabalhador (SGUISSARDI; JUNIOR, 2009).

No livro intitulado *Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*, os autores abordam acerca dos critérios estabelecidos pelo sistema de avaliação dos programas e que são justamente estes critérios que garantem boas notas aos programas de pós-graduação. Por outro lado, existe a perversidade do mecanismo no qual o professor-pesquisador, por “vontade própria”, a fim de atingir as metas estabelecidas, aumenta em muitas horas seu trabalho semanal. A universidade que deveria ser lugar de desalienação tem efeito reverso dessas práticas por indução das políticas governamentais, as quais se submetem os pesquisadores. Os docentes-pesquisadores preocupam-se em enriquecer seu *Currículo Lattes*, cumprir até a exaustão os deveres de seu ofício e acabam por adoecerem devido as suas práticas universitárias (SGUISSARDI; JUNIOR, 2009).

Por outro lado, alguns poucos professores ratificam a liberdade de escolha em assumir as ações da docência, participar ou não das atividades de Pós-Graduação percebido como aspecto atenuante de carga de trabalho. Novamente, a autonomia no arranjo do trabalho é elemento considerado como redutor de carga. Reafirmam a possibilidade de autonomia frente a carga horária e disciplina ofertada no semestre, diferentemente da graduação;

Eu acho que é escolha minha estar ou não na pós-graduação. Na Pós – Graduação tu tens a opção de escolher, ofertar tua disciplina ou não, participar ou não de outras disciplinas, então vejo que é mais tranquilo do que na Graduação. Na Graduação tu tens aquilo e pronto, é a carga horária que é estabelecida pela chefia e não aquela que você se propõe. Na Pós-Graduação a gente tem mais autonomia do que na Graduação, eu vejo pelo menos mais autonomia para decidir as coisas, eu vou ofertar quantas vagas eu quero, não vou ofertar, tenho disciplina, vou ofertar, não vou ofertar, só tem um ponto negativo na Pós – Graduação que eu considero: é a cobrança eterna da Produção Científica, artigo, artigo. Eu me sinto pressionada porque tenho que ter produção, produção, produção. E16

O achado de autonomia relativa também foi publicado por pesquisa realizada com docentes de uma universidade pública, pois os docentes referiram liberdade apenas no seu plano de trabalho em sala de aula (VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013). Com tendência acentuada à redução da autonomia do professor, a estruturação e organização do trabalho docente no contexto do capitalismo flexível demandam exigências de formação e qualificação profissional continuada; aceleração do ritmo de produção; fragmentação das atividades docentes. A esses processos, somam-se os fatores externos presentes nas regras que regem o mercado de trabalho docente, estratégias de controle de produção; acirramento da competitividade, que favorecem um sentimento de medo (GRACIOLI, 2015).

Cabe refletir os achados de tese e questionar se este docente tem de fato uma real autonomia? Ou seria uma falsa autonomia no gerenciamento do seu modo de produção? Será mesmo que este professor tem liberdade de agir individualmente sobre o rearranjo do trabalho? Se interpretarmos, desse modo, de que o trabalhador tem livre arbítrio para escolher estar naquele processo ou não, então se compreende que adoecer ou manter-se saudável no trabalho não é apenas responsabilidade dos outros, de uma instituição, de um contexto social, do Estado. É, portanto, responsabilidade de todos e de cada um.

O trabalhador, que acredita ser possível expressar sua singularidade, se depara com as exigências modernas do capital em relação ao trabalho individualizado, do cada um por si, da exigência de desempenho. Dessa maneira, o resultado disso assume formas de sofrimento no trabalho em uma sociedade que valoriza o consumo, o individualismo, atos e/ou palavras que se repetem no tempo e levam a quadros específicos de adoecimento físico e psíquico (CARRIERI; AGUIAR; DINIZ, 2013).

Apesar da verbalização de que há infinitas possibilidades de escolha em assumir ou não atividades de Pós-Graduação reverberam as consequências desse modo de trabalhar. O adoecimento é um componente bastante presente:

Eu saio esgotado daqui, muitas vezes sem vontade de voltar, tensão muscular, dor muscular, problema de coluna por que sobrecarrega um lado de tanta tensão, tu começa a sobrecarregar alguns pontos, problema gastrointestinal, a ansiedade que gera, a tensão que gera, tem essas reuniões que geram muitos conflitos, principalmente as da pós-graduação, elas não são nada agradáveis, tu sai com uma enxaqueca ou com vontade de ir no banheiro, sai com vontade de chorar, vontade de não voltar, de

jogar tudo para cima, sai irritada, desgastada, tudo isso repercute na tua vida pessoal. Não consegue dormir direito, as vezes tu dormes mas fica pensando nas coisas que aconteceram aqui. Nós levamos muita demanda de trabalho para casa. E8

Para Laurell e Noriega (1989), o fato dos processos de adaptação e desgaste se darem nos indivíduos não excluem, de forma alguma as condições que os produzem sejam sociais, à medida que emergem do modo específico de como os homens se apropriam da natureza por meio de determinada organização social. Portanto, o ambiente dos seres humanos é antes de tudo um produto social e o seu desgaste não é um fator isolado.

Pesquisa realizada com docentes em 2013 apontou as condições e a organização de trabalho como determinantes para o adoecimento. No entanto também identificou como relevante às características pessoais do professor (CARLOTTO; PIZZINATO, 2013). Outro estudo com docentes de IES também apontou as condições psicológicas de trabalho como aspectos negativos e que o desempenho de diversas atividades profissionais, quando sobrepostas e alinhadas ao modelo produtivista, acabam por representar fonte de sofrimento e angústia (LEITE; NOGUEIRA, 2017).

Os docentes associam o adoecimento como um problema individual e, portanto, a pessoa responsável por sua resolução, demonstrando uma visão errônea da realidade, pois acreditam estar passando por uma crise em que o docente é o único responsável pela resolução do problema (LEITE; NOGUEIRA, 2017). Corroborando com este estudo citado, os entrevistados da tese também se percebem sozinhos e responsáveis por resolver a situação de sofrimento vivenciado no trabalho.

Entretanto, o adoecimento docente pode estar sendo omitido pelo uso eficaz das estratégias de mediação contra o sofrimento: a) maximização das vivências de prazer como tentativa de atenuar as exigências do trabalho; b) pela racionalização surgida quando os docentes buscam justificar as situações desagradáveis decorrentes do trabalho, como desajustes no controle das emoções (VILELA, GARCIA, VIEIRA, 2013). Desta forma é possível identificar que o trabalho docente esta cercado por fatores de estresse e situações angustiantes intensificadas pelo trabalho, levando-os ao adoecimento (DALAGASPERINA; MONTEIRO, 2014). Além disso, a universidade pública encontra-se submetida a orientação dominante na

política educacional, que impõe constrangimentos aos trabalhadores; além de mecanismos dos mais diferentes tipos, usados para adequá-la à lógica do mercado. São as leis do mercado tornando-se cada vez mais presentes nas relações das instituições de ensino (SILVA JUNIOR; SGUISSARDI, 2013).

Há uma relação dialética entre subjetividade do professor e o exercício do trabalho docente. O trabalho é influenciado pelas dimensões subjetivas dos professores universitários, no que tange à experiência de vida profissional, às capacidades de discernimento, os dispositivos de enfrentamento, auto-organização e equilíbrio psicossocial (GRACIOLI, 2015). É essencial considerar as questões subjetivas do trabalhador, quanto a sua compreensão, percepção e enfrentamento para as cargas de trabalho, mas não é possível desconsiderar os fatores externos conectados à vida do professor e que interferem sobremaneira na forma de organizar o trabalho.

A representação coletiva da categoria, por meio dos sindicatos locais é uma forma de resistir a essa aceleração no trabalho. Intervenção realizada na Universidade Federal do Paraná foi feita motivada pelo número cada vez maior de docentes em adoecimentos e que buscaram ajuda, como pedido de socorro para as questões ligadas à saúde no trabalho. A intervenção consistiu em conhecer o processo histórico que está modificando a universidade pública e impelindo-a torná-la produtivista, mercantilizada, competitiva, revelando que o adoecimento docente é consequência deste processo (ZANIN; FREITAS; KÜNZLE, 2012).

Cabe acrescentar que a identidade da universidade sofreu mudanças significativas no que tange a maneira de organização do trabalho, pois tem promovido continuamente um acréscimo do trabalho imaterial do professor. Esse processo é sutil, mas extremamente eficaz, pois, utiliza a pós-graduação como núcleo gerador das mudanças na prática universitária, o que resulta em um produtivismo acadêmico, mas principalmente ideológico (PIZZIO; KLEIN, 2015; SGUISSARDI; JUNIOR, 2009). Contudo, as universidades, na condição de instituições pluridisciplinares responsáveis pela formação de profissionais de nível superior e responsáveis por ações nas esferas de pesquisa e extensão, possuem compromisso social e ético com o avanço científico que irão produzir (CURTY, 2010).

Cada docente traz em si a construção da organização do trabalho e sua experiência é igualmente importante nos mecanismos de defesa e adaptação ao

desgaste, mostrando estratégias para direcionar o trabalho na pós-graduação e saber ouvir os sinais de adoecimento. Dessa forma, a **vivência** para o enfrentamento das dificuldades no processo de trabalho é **aspecto amenizador** de cargas de trabalho.

Eu canso de ver pessoas que criam mil oportunidades de doença que não são da academia, são doenças de algo que eu não consigo identificar, eu seria muito reducionista tentando prever para ti mas que são da vida construída por essas pessoas, então a saúde acho que é muito mais ampla, o fato da gente conseguir exercitar o máximo a elasticidade do nosso corpo, do nosso raciocínio, do nosso pensamento, da nossa possibilidade de questionar o mundo eu acho que nos dá uma atividade muito salutar, só que eu te digo, tem que ouvir o corpo, a gente tem que ouvir as nossas demandas, alterar os nossos ritmos e saber em alguns momentos se voltar para dentro, conseguir realmente relaxar, conseguir realmente contrabalancear isso tudo para não cair em uma neurose, para não cair em um excesso de produtividade. E4

[...] depende o quanto a gente já está condicionada pelo sistema, porque se eu olhar ao redor, eu vejo pessoas que dizem estar cansadas e que nem tem tantas horas assim, aí tu pensa “mas essa pessoa nem tem tantas horas na graduação, nem tem tantas horas na pós e como é que ela está assim” [...] E9.

Dentro da pós-graduação, eu não me sinto pressionada, eu acho que é um trabalho bem mais livre, entre aspas; eu vou ofertar a disciplina quando eu me sentir bem, se eu me sentir sobrecarregada eu não preciso ofertar [...] E17.

Assim, nem todos os professores percebem as cargas de trabalho da mesma maneira e nem sempre o mesmo professor percebe do mesmo modo durante toda a sua vida. Isso significa que a percepção sobre as cargas pode mudar na medida em que o docente encontra-se com mais ou menos tarefas e como ele está organizado na maneira de andar e viver a vida. Apesar de que a lógica capitalista e de reestruturação produtiva nos espaços da universidade pública produzem a precarização dos processos do trabalho docente e como desdobramento, impõe a competição e o individualismo repercutindo na saúde dos trabalhadores (LACAZ, 2009).

O que se apreende das falas é: existe aspectos que potencializam a carga psíquica vinculados a sobrecarga e que esta vem gradualmente aumentando. Todavia, alguns docentes avaliam de maneira positiva o seu processo de trabalho e mencionam a possibilidade de se organizar, fazer escolhas ao invés de ingressar em um círculo vicioso de reclamações pelo trabalho.

Eu acho que a sobrecarga ela existe, ela vai fazer parte do processo de trabalho, eu acho que não tem como a gente dissociar ela e achar que em nenhum momento a gente vai ficar sobrecarregado e é como eu disse: tem momentos que tem muita coisa e tem momentos que tem pouquíssima coisa, então é bem isso, quando é época de edital, época de fechamento de dissertação, época de fechamento de TCC, final de semestre eu acho que é sempre um momento de sobrecarga, vem muita coisa, então se tu não souber trabalhar isso e separar e dizer “ah, primeiro vamos fazer tal coisa e depois vamos fazer tal coisa”, eu acho que tu acaba entrando num círculo vicioso e não consegue mais nem sair dessa sobrecarga [...].E7.

Esse mesmo diálogo é percebido em outras entrevistas, quando docentes reafirmam possibilidades de escolhas na pós-graduação e culpabilizam-se por ter mais ou menos trabalhos assumidos. A experiência vivida de cada um é também elemento influenciador na forma de perceber as cargas de trabalho.

Penso que verdadeiramente se trabalha muito dentro da pós-graduação, mas eu acho que a gente é um pouco culpada por isso. A gente está é multiplicando trabalho, eu acho que a gente é responsável um pouco pelo trabalho que se tem. E1

Os professores desenvolvem estratégias particulares de defesa, como forma de enfrentar a carga psíquica, tais como: excessiva submissão; resistência a todo tipo de mudança; perda de percepção e ausência da consciência das fragilidades vivenciadas no cotidiano laboral (OLIVEIRA, 2006). Além disso, essa intensificação é avaliada de diferentes formas pelos professores e parte deles não a percebe criticamente, legitimando a intensificação; outros apresentam resistências (GUIMARÃES; CHAVES, 2015).

A próxima fala apresenta uma visão mais consciente da realidade, ao referenciar os muitos motivos que levam os docentes a optarem pelo ingresso na Pós-Graduação; porém, uma vez inserido nesse contexto há regras a serem cumpridas. Ao inserir-se em um programa de Pós-Graduação este professor possivelmente desconhece o processo de trabalho e nem sempre está preparado para toda carga que irá absorver.

[...] neste círculo de trabalho temos diversos interesses institucionais, individuais, de grupo, de programa, de área, enfim, são muitos motivos. Eu entendo que, quando você decide se inserir em um contexto, de fato

existem situações nas quais tu vai ter que seguir e é isso. Você decide estar, você tem os seus motivos para estar, sejam quais forem [...] E12.

Integram a categoria de docentes permanentes os enquadrados e declarados anualmente pelo programa de pós-graduação na plataforma Sucupira e que atendam aos pré-requisitos: desenvolvimento de atividades de ensino na pós-graduação e/ou graduação; participação de projetos de pesquisa do PPG; orientação de alunos de mestrado ou doutorado do PPG, sendo devidamente credenciado como orientador pela instituição; vínculo funcional-administrativo com a instituição. A carga horária dedicada a cada PPG deverá ser estabelecida juntamente aos respectivos Coordenadores dos PPG's, o que possibilita flexibilidade local a cada departamento. A estabilidade, ao longo do quadriênio, do conjunto de docentes declarados como permanentes pelo PPG é objeto de acompanhamento e de avaliação sistemática pelas coordenações e comissões de avaliação de área e pela Diretoria de Avaliação da CAPES (CAPES, 2014; BRASIL, 2016). Além disso, cada programa estabelece as normas de credenciamento e manutenção do seu quadro permanente.

No desempenho da profissão de ser professor, este lida com múltiplos interesses, significados, sentidos e possibilidades e o processo de constituição da identidade profissional é de desenvolvimento permanente, coletivo e individual (ROMANOWSKI, 2012). Apesar de a saúde constituir-se *direito social fundamental*, sua efetivação também depende, quase sempre, da intervenção dos trabalhadores envolvidos (LACAZ, 2009).

Para atingir o objetivo de acesso universal em saúde, portanto, é necessário olhar para quem realiza o trabalho, como o realiza e em que condições, nos diferentes cenários histórico-sociais. Nesse sentido, a análise das cargas de trabalho presentes no modo de trabalhar é um caminho promissor para orientar a prestação de cuidados aos usuários e, conseqüentemente, melhorar a qualidade do acesso aos serviços de saúde (PIRES; *et al.*, 2016).

As disputas profissionais no trabalho existem, estão intensificando o isolamento dos docentes e tendem a aumentar (CUPERTINO; GARCIA; HONÓRIOA, 2014). Nessa perspectiva, os impactos dessa cultura se estabelecem na fatia de trabalhadores da ciência e têm ecoado de maneira preocupante na saúde física e mental dos pesquisadores brasileiros (BIANCHETTI; MACHADO, 2009).

5.1.3 Divisão do trabalho: do taylorismo a universidade pública

A divisão do trabalho na dinâmica capitalista foi analisada por Marx (2011) há muitas décadas, examinando-se a divisão social e técnica do trabalho e a diferenciação entre trabalho manual e intelectual. A divisão social é o processo pelo qual as atividades de produção e reprodução social diferenciam-se e especializam-se, sendo desempenhadas por diferentes grupos. A divisão do trabalho social possibilita a separação entre o trabalho manual e o intelectual, logo segrega as atividades de produção de meios de subsistência e de troca daquelas atividades relacionadas a superestrutura ideológica, de legitimação e de reprodução dos mecanismos de dominação e exploração (HOLZMANN, 2011).

Já a divisão técnica do trabalho aprofunda a separação, entre o fazer e o pensar também referido como trabalho de execução e concepção. Para Marx (2011) a divisão técnica do trabalho intensifica o ritmo de trabalho, incrementa a produtividade em prol do capital e fragmenta o trabalhador reduzindo suas potencialidades. No âmbito do trabalho do professor a divisão social acontece quando há professores executando atividades de graduação somente e outros executando atividades relacionadas à graduação e pós-graduação. A divisão técnica seria a relação dos docentes com a CAPES. Somente? Explicar melhor?

Nesse sentido, a universidade passa a ter característica taylorista na medida em que os educadores assumem funções diversificadas e especificadas, cuja busca por metas torna o processo produtivo mais ágil pela subdivisão de desempenho na graduação e pós-graduação.

Na lógica taylorista, toda análise e planejamento do sistema produtivo estão a cargo do sistema administrativo e encontra-se organizado de forma hierarquizada e sistematizada. Assim, cada trabalhador desenvolve uma atividade específica dentro do sistema produtivo, correspondendo a especialização do trabalho, sendo o trabalhador monitorado segundo o tempo de produção e premiado aquele que se sobressai em relação aos outros no cumprimento de metas (FLEURY, 1980). Claro

que na universidade há possibilidade de participação dos processos de decisão, intervenção e resistência dos docentes e a intelectualidade diferencia todo o processo, muito embora não quer dizer que não haja alienação no trabalho.

Os conflitos na divisão do trabalho foram considerados elementos que elevam a carga psíquica no processo de produção do docente-pesquisador. A divisão do trabalho é revelada como sendo inadequada e por vezes uma divisão injusta entre a categoria.

Aumenta minha carga de trabalho, diria que tem duas coisas, uma delas a divisão de carga horária entre os professores, alguns ficam com mais carga de trabalho do que outros, alguns dão aula só na graduação, outros estão em todas as comissões e gestão e alguns dão só aula; o foco é a carga horária que não é bem dividida, dimensionamento não existe, isso sobrecarrega uns, a carga de trabalho de uns e outros são menores. Na organização do trabalho acho que teriam vários aspectos que aumentam a carga, vamos dizer assim: um fator é a divisão do trabalho e também o comprometimento vai gerar essa carga, por que nós temos o compromisso de levar a pós-graduação, precisamos de tempo para fazer projetos, fazer coleta, fazer intervenção, montar artigos e no momento que eu não vejo essa divisão de carga horária entre os professores, nem entre os professores permanentes não se tem, então eu sinto minha carga aumentada, vai gerar com certeza uma carga bem pesada para mim [...] E8.

[...] o trabalho aqui sem dúvida poderia ser melhor distribuído entre os professores E.1

Os entrevistados consideram inadequada a divisão entre os professores e comentam sobre as múltiplas atividades, somando-se graduação, pós-graduação, comissões, produção textual, etc. O comprometimento com o trabalho parece ser também algo que aumenta a carga de trabalho, pois ser comprometido produz, de certo modo, carga potencializada ao saber que algumas atividades precisam necessariamente assumir.

Para fazer parte de uma pós-graduação o professor necessita corresponder alguns critérios (CAPES, 2014) e, portanto nem sempre é possível, mesmo que o docente tenha o desejo de compor a pós; compor o grupo de professores da pós-graduação requer atentar para algumas regras pré-determinadas pela conjuntura política de pós-graduação. Identifica-se a aceitação e compreensão do professor de que ele deve corresponder ao comprometimento de participar de uma pós-graduação; entretanto, os docentes-pesquisadores sugerem um espaço de tempo maior para assumir atividades relacionadas e propõem adequar a divisão do

trabalho, mediante dimensionamento de pessoal, sendo uma sugestão para melhorar o conflito de divisão de trabalho.

Poucos são os trabalhos que discutem a questão do dimensionamento do corpo docente em unidades universitárias (EMBIRUÇU; FONTES; KALID, 2013). Um modelo para o dimensionamento do corpo docente de unidades universitárias buscou contemplar todas as atividades pertinentes à prática docente universitária, isto é: ensino de graduação e pós-graduação, pesquisa e orientação, extensão, gestão e capacitação, atividades extracurriculares, etc. e foi desenvolvido, especialmente, para instituições federais, sendo revelado como um poderoso instrumento de apoio à tomada de decisão no planejamento e na gestão de recursos docentes em IES (EMBIRUÇU; FONTES; KALID, 2013).

O descontentamento com a divisão do trabalho, a falta de comprometimento por parte dos pares são elementos que elevam a carga psíquica:

[...] a divisão do trabalho ela é desleal, uns trabalham muito e outros eu acho que não trabalham, ou trabalham muito pouco. Alguns não cumprem acho que a quinta parte e tudo bem? Não comparecem as reuniões de departamento, não se compromete com nada. Se eu faltar três dias, três vezes numa reunião de departamento ou se eu não aparecer vão me chamar atenção; agora quem não vai e quem não é comprometido ninguém cobra nada. Como assim? E1

Em relação aos colegas eu tenho mais dificuldade, principalmente em relação a gerência porque aqui parece que quanto mais tu fizeres, mais tu der conta, mais tu vai ter atribuições para fazer, ela [gestora] não faz uma distribuição das tarefas, ela dá muitas tarefas para poucas pessoas e tem alguns que não tem nada. Então eu tenho um problema com a gerência no sentido que eu acho que é injusta a distribuição das atividades. E2

Ao buscar interpretar as falas visualizam-se duas hipóteses: ou o professor que é comprometido, sofre certa perseguição quando deixa de realizar alguma tarefa; ou a chefia sabe que pode contar com aquele professor e busca comprometer cada vez mais o mesmo professor, aumentando sua carga de trabalho, pois já sabe que é um docente que assume as responsabilidades. Quanto mais atividade o professor realizar mais tarefas terá de fazer em função de que se o trabalhador está dando conta, é possível executar mais trabalho e a gerência assim o determina. Muito embora um trabalho docente de qualidade requer necessariamente um comprometimento do profissional em educação, no todo do seu fazer docente (FELICETTI; MOROSINI, 2010).

Sabe-se que indivíduos com nível de comprometimento alto estão vinculados à organização pela identificação e desejo de fazer parte dela, além de apresentarem um nível menor de medo (BASTOS, 2013). Em contrapartida, a falta de comprometimento não poderia ser também uma manifestação de que o trabalhador não está feliz? Porque todos precisam se enquadrar nas caixas postas e impostas pelo sistema? Será que este trabalhador 'não se compromete' tanto porque é um mecanismo de defesa que ele adotou para não adoecer? Não seria interessante um preparo por parte dos coordenadores dos programas *Stricto Sensu* para avaliarem as relações humanas neste processo de produção na pós-graduação?

Nos processos de vínculo percebem-se atitudes comportamentais de engajamento, identificação e obrigação, que configuram as relações de troca, por desejo ou necessidade, e que resultam na permanência do trabalhador na organização. Nas relações de troca e permanência, conhecida como comprometimento de continuação são percebidas diferenças de comportamento, que podem configurar vínculos ativos e passivos. Em um vínculo pautado por comportamentos ativos são observadas principalmente atitudes de engajamento e identificação, movidos por uma escolha espontânea baseada no desejo, demandando sacrifícios em benefício da organização. Já nos vínculos pautados por comportamentos passivos, podem ser percebidas manifestações de permanência por uma relação instrumental de troca, movidos apenas por uma necessidade (RODRIGUES, *et al.*; 2013).

As dificuldades no relacionamento entre pares e descontentamento com os gestores são aspectos que intensificam a carga psíquica na medida em que produz desconforto nas relações humanas, ansiedade, angústia e estresse. Na percepção dos professores, a divisão de trabalho é inadequada entre os pares e consideram também assumir funções, as quais na visão deles deveriam ser desenvolvidas pela gerência da faculdade, tais como: cobrar do colega comprometimento com o trabalho, carga horária uniforme entre os professores, faltar profissionais, buscar campo de estágio, tarefas estas percebidas como sendo da gestão da faculdade. Essas atitudes/comportamentos esperados por um gestor em que não são desenvolvidas ocasionam divisão de trabalho inadequada e carga de trabalho aumentada.

O que me incomoda bastante, em termos de organização do trabalho: é que não existe cobrança, quem quer fazer faz, quem não quer não faz e também não tem ninguém que cobre isso, então sobrecarrega quem acaba fazendo. Não é todo mundo que está comprometido na faculdade, trabalhando 24 horas. Na verdade eu não sei quem que está certo, se são eles ou se são realmente nós? Eu acho que deveria ter uma maior cobrança por parte da gerência, de quem realmente não se dedica tanto, quem não comparece, quem não faz. E aí fica muito para eu me indispor com o meu colega, para eu resolver com ele. E1

Aumenta minha carga de trabalho quando você se depara com situações em que tu perdes o controle do trabalho e não depende só de ti, tu dependes da gerência, e essas gerências também não exercem seu papel quanto chefia. Por exemplo, a gente estava em uma situação crítica uma vez e eu sabia que alguns colegas tinham uma carga horária que poderiam ser ampliadas um pouco, e eu dei uma sugestão para a gerência e o que me foi dito: olha eu conversei com a professora x e ela não quer. Como assim? Como é isso? Como que existe uma situação 'x' e a gerência não sabe chegar e conversar com o colega e dizer: olha é provisório, mas tens que ir por que nós precisamos de ti. E16

[...] a falta de planejamento é grande, a gente percebe. Então isso é muito ruim, as pessoas ficam muito fragilizadas. Não há um planejamento pelas gerências e esse planejamento, obrigatoriamente tem que vir da direção, do departamento; o departamento tem que pensar o semestre 'x' precisa ter cinco campos e tem que se antecipar ao semestre, ao início do semestre. Então o que acontece? Acaba que eu, enquanto responsável pelo semestre busco, através das minhas relações, campo prático para o aluno. Isso é péssimo, isso dá um estresse muito grande, isso verdadeiramente aumenta minha carga. E10

Por meio das falas, o que parece haver é a falta de preparo gerencial e liderança para assumir os cargos de coordenação e planejar estratégias de proteção aos trabalhadores frente às fragilidades e conflitos vivenciados por eles.

O gerenciamento nas instituições de ensino é imprescindível, pois corresponde ao esforço de caminhar junto a coletividade dos trabalhadores, de superar as justaposições e os fragmentos do processo de trabalho educacional. Existe uma consciência de que os gestores não devem reduzir-se somente a atividade de coordenação, mas devem participar de todo o trabalho pedagógico desenvolvido na instituição, pois há necessidade de envolvimento com os participantes, professores, estudantes, e participação das instâncias formativas (MARQUESIN; PENTEADO; BAPTISTA, 2008).

O descontentamento por parte dos docentes-pesquisadores frente à falta de cobrança por parte dos gestores quanto aos critérios estabelecidos na pós-graduação para o cumprimento de metas e quanto à ausência de planejamento no semestre, sendo deste modo traduzido como componentes intensificadores da carga

psíquica para os trabalhadores. Nesse sentido, definir as funções e organizar o trabalho possibilita uma coparticipação.

Se tu tens um processo de trabalho organizado com papéis definidos, isso facilita bastante, isso dá mais agilidade e dá corresponsabilidade para as pessoas [...] E5.

Na contramão de que os gestores deveriam assumir mais trabalho, por outro lado, quem ocupa cargos administrativos percebe como fonte significativa de aumento de carga de trabalho e atribuem esta carga como prejudicial na execução da atividade de docência. Assumir cargos administrativos é aspecto que aumenta carga psíquica. Problemas complexos e cotidianos para assumir, muitas atividades e pouca remuneração para desempenhar a função, além de, muitas vezes precisar se indispor com colega.

[...] para mim tem aumentado a carga de trabalho a questão de problemas relacionados a estar, nesse momento, em um cargo de gestor. Isso para mim, de alguma forma, desacomoda todos os outros, e aí quando pergunta em solução/organização, porque várias pessoas estão fazendo pesquisa, também estão em sala de aula e também estão em cargos administrativos e conseguem se organizar para tentar dar um equilíbrio em tudo, então eu tento me organizar para tentar conciliar, mas eu vejo que na hora da balança a maior dificuldade que eu tenho encontrado [...] é tentar conciliar a questão administrativa com a questão da docência mesmo. Não é que não consiga fazer mas a carga de trabalho no administrativo tem me prejudicado, tem prejudicado o desempenho na parte do ensino mesmo, da docência. E11

[...] em cargos de gestor, tu é pressionada o tempo inteiro. A gente é pressionada quando tem que chamar um colega, quando tem que chamar a atenção por que não está vindo trabalhar, a gente é pressionada quando temos que fazer relatórios, relatórios e relatórios, nós somos pressionadas por produção e nos é dito: nós precisamos produzir, então esteja com vontade de produzir ou não, tu tem que produzir. Hoje eu não estou muito bem, mas eu tenho que dar aula, então tu te sentes pressionada pelos alunos, pelos teus afazeres [...] Então quando tu tens tantas tarefas assim, tu trabalha em tantas frentes tu te sente pressionada, pressionada pela instituição, pelos colegas, pelos alunos, pressionada por ti mesma, por que a gente cobra qualidade do nosso trabalho, se cobra ter essa competência e estou na gestão [...] E6.

Na função de gestor, não há uma rotina, algo pré-determinado, ela tem uma série de atividades e ela funciona em função da faculdade, ou seja, qualquer momento está vindo atividades, muitas. Está vindo solicitações, pedidos de relatórios, demandas e uma das coisas que desde o início a gente preconizou foi fazer todas essas atividades administrativas sem abandonar as nossas atividades da graduação. Então, no cargo de gestor trabalha-se muito, isso é muito cansativo. E4

A organização do trabalho é, de um lado, a divisão das tarefas, que conduz alguns indivíduos a definir por outros, o trabalho a ser executado, o modo operatório e os ritmos a seguir. Por outro lado, é a divisão dos homens, isto é, o dispositivo de hierarquia, de supervisão, de comando, que define e codifica todas as relações de trabalho (DEJOURS, 2015).

Assumir o trabalho que, na visão dos entrevistados, deveria ser de outro colega é fonte catalizadora de aumento de cargas. Como já foi comentando, nem todos têm o mesmo comprometimento e alguns professores assumem a carga pela não responsabilização do colega.

Para mim o que aumenta é isso: quando a gente tem uma das colegas que não consegue assumir a sua carga de trabalho, essa carga precisa ser diluída, ela tem que ser dividida entre os outros e isso sobrecarrega. Sobrecarrega não só no sentido quantitativo, mas qualitativo do trabalho [...] E6.

[...] quando tu começa a observar que tem professores que cumprem com tudo como tem que ser e tens outros que vivem enrolando, que vivem fazendo de conta, que não cumprem com os prazos, não cumprem se tem que ter tanto de artigo, o aluno dele é o aluno que está sempre atrasado, nunca termina um aluno no período em que ele tem que terminar, então tens dois pesos e duas medidas. Isto é ruim para o grupo. E acho que essas questões são institucionais, se tu fores ver, elas acontecem em todas as instituições, algumas mais, algumas menos. E3

O ritmo frenético de trabalho é identificado pelo professor e é traduzido como uma fala da coletividade de cansaço e estresse. Os professores atribuem uma inadequada distribuição de tarefas entre os colegas, em que alguns assumem a responsabilidade e outros nem tanto. A insatisfação com o comprometimento no trabalho pelos seus pares é também elemento catalizador de carga de trabalho psíquica.

Nessa perspectiva, é carga psíquica porque pode promover o desgaste do trabalhador por meio das relações sociais não saudáveis no espaço de trabalho. Para Laurell e Noriega (1989) a historicidade dos processos e o social são essenciais na relação do processo saúde-doença. O processo biológico do adoecimento aparece porque a forma de andar na vida e os estereótipos de adaptação são maiores do que os processos celulares do corpo humano. A capacidade do corpo de responder com plasticidade diante das condições específicas colocadas se traduz em mudanças nos processos corporais (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Nas entrevistas, os docentes-pesquisadores verbalizam o desgaste pela questão de sentir-se assumindo funções de outros colegas e por isso sobrecarregado.

A maioria dos professores que a gente conversa é isso: “estou deprimido, estou cansado, estou estressado” porque realmente é muita coisa. Uma das grandes queixas que eu tenho com relação à questão da saúde, associando saúde com trabalho, é que tu acabas assumindo o que o outro deixou de fazer, então isso sim te dá um desgaste enorme porque, o outro vai receber exatamente o que tu recebes, só que tu estás trabalhando por ele e por ti, então isso acaba te levando a loucura. E10

Existe a consciência do ritmo acelerado de trabalho e a percepção de que alguns docentes assumem mais trabalho que outros. A incidência de mal estares e adoecimentos sofridos pelos professores é um dos assuntos recorrentes na esfera de atuação docente nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). O discurso que se ouve nas rodas informais acadêmicas é o quanto de sofrimento emocional, físico e psíquico os educadores estão enfrentando no dia a dia do trabalho (FORATTINI; LUCENA, 2015).

O não comprometimento de alguns docentes é justificado por outros por estarem em uma universidade pública e por haver dificuldades de cobrança. Manter os compromissos de forma unívoca entre os professores é tarefa difícil.

Há uma disparidade muito grande entre as responsabilidades dos professores [...] e também no serviço público é muito difícil. Eu já trabalhei em empresa privada muito tempo, e é clássico: “se fulaninho não está dando conta, ele vai embora.” No serviço público não é assim. “ah mas fulaninha tem isso, ah mas fulaninha tem aquilo” e aí tu acaba assumindo. E10

Segundo Rowe, Bastos e Pinho (2013) é pequeno o número de produções científicas sobre o comprometimento no trabalho entre professores e menos ainda quando se delimita professor do ensino superior. Os autores demonstraram que em relação ao vínculo com a carreira, os docentes sentem-se fortemente comprometidos e este comprometimento apoia-se em um sentimento de identidade com os valores vocacionais que a docência assegura. O comprometimento com a carreira, no entanto, não envolve altos níveis de resiliência ou capacidade de enfrentar adversidades para nela se manter. Por outro lado, a identificação pelo que se faz é a base para o comprometimento. Assim, o docente de ensino superior possui uma forte identificação com sua carreira. Já o comprometimento com a

instituição em que ensina também é positivo, embora menos forte daquela que mantém com a sua carreira (ROWE; BASTOS; PINHO, 2013).

A falta de profissionais ou profissionais em processo de aposentadoria é outro aspecto que aumenta a carga de trabalho e se traduz em psíquica, na medida em que prejudica na divisão do trabalho, provoca alto ritmo no professorado e produz frustração por não conseguir desenvolver o tripé da universidade..

Dentro do programa, nós somos muito poucos; na realidade tem muitas pessoas que tem o nome lá, que estão no programa, mas elas estão em fase de aposentaria, tudo bem, ok. Então elas só têm algumas orientações, elas não dão aula efetivamente, elas não estão aqui efetivamente. E a divisão do trabalho? como fica? Eu vejo que é uma divisão de tarefas que não proporciona as pessoas poderem fazer ensino, pesquisa e extensão. O que eu vejo é o acúmulo de funções, são muitas coisas, muitas tarefas e muitas coisas para alguns professores, alguns professores tem muitas atividades e outros não. E2

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão ainda não é levada em conta na prática de muitos docentes, seja porque na graduação a ênfase recai sobre o ensino, ou porque na pós-graduação acentua-se a pesquisa (MOITA, BEZERRA DE ANDRADE, 2009). Frente a manifestação de estresse da maioria dos docentes-pesquisadores questiona-se se este docente tem condições necessárias em seu trabalho para dar conta da tríade ensino, pesquisa e extensão? Será que os critérios da CAPES para manutenção dos cursos de pós-graduação não precisariam ser revistos?

Por outro lado, algumas falas sinalizam de maneira positiva a forma de divisão do trabalho. Assumir de maneira coletiva o trabalho é aspecto atenuante da carga verbalizado pelo professor. Muito embora, por meio da fala, se percebe apenas um entendimento de que dividir a carga é atenuante.

O que diminui a nossa carga de trabalho é o compromisso e a responsabilidade que todos assumem, por que quando um colega falha, quando um não assume, sobrecarrega o outro. Para um colega fazer doutorado, alguém tem que assumir (a responsabilidade). Todos os professores daqui tem uma carga de trabalho muito grande [...] então se todos assumem não fica pesado para ninguém. E6

Dividir, repartir as atividades e o compromisso entre os colegas é reconfortante para o professor, que muitas vezes obtém sua qualificação em função da aceitação dos pares pela divisão do trabalho. Cada docente estabelece o vínculo e o comprometimento com a instituição. As organizações, por sua natureza

complexa, comportam inúmeras variações de ordem estrutural, funcional, cultural, social, econômica e política, e são percebidas e interpretadas por cada trabalhador que a integra. Cada percepção forma imagens que desencadeiam significados, afetos, atitudes que definirão comportamentos e relações interpessoais, compondo parte dos vínculos do indivíduo com a organização (RODRIGUES, et al; 2013).

Contraditoriamente na pesquisa, a tomada de decisão por não assumir toda e qualquer atividade do trabalho é aspecto atenuante da carga de trabalho. A culpa pelo desgaste é também refletida no professor que se sente responsável por assumir tamanha carga ou não.

O que reduz a carga de trabalho é não assumir o que não é tua função, o que não é da tua responsabilidade. A gente deve pegar menos coisas, menos tarefas. A gente também responde por essa sobrecarga, acho que nós também vamos pegando toda essa carga para nós. Não tem quem pegue? E aí tu acaba assumindo! Eu também sou responsável, porque eu também assumo isso. E1

O docente-pesquisador evidencia sentimento de culpa por comprometer-se com as tarefas da docência e estar sobrecarregado. Os altos padrões de exigência pedem mais qualidade e rapidez nas relações de trabalho, levando a novas definições de comprometimento do indivíduo no contexto organizacional. O vínculo do indivíduo com a organização exige um modo constante de adaptação ao trabalho. Nesse processo as emoções exercem um papel fundamental, pois são elas que regulam e controlam as relações estabelecidas entre o indivíduo e o meio no qual está inserido. As diferenças individuais definirão, a partir do controle emocional, as estratégias de comportamento utilizadas para que o indivíduo se adapte melhor ao meio ou não (RODRIGUES, et al.; 2013).

Estes mesmo autores sugerem que os vínculos dos indivíduos que trabalham nas organizações públicas e que apresentam alto nível de comprometimento manifestam o desejo de permanecer na organização por identificação, a fim de transformar a realidade. Entretanto, apesar disso, muitos trabalhadores podem mostrar comprometimento, quando na verdade apresentam aceitação, submissão, obediência de normas e necessidade de participação.

A autonomia e a possibilidade de escolha em assumir as tarefas proposta, com desejos e interesses para cada professor aparenta ser livre e reflete na carga de trabalho aumentada ou não.

Nós ainda precisamos melhorar algumas coisas em termos de organização e de divisão de trabalho. Considero essencial pensar: quanto os que estão ao nosso redor e os que supostamente recebem essa divisão de trabalho estão prontificados a colaborar. Então isso é uma equação que às vezes não é harmônica vamos dizer assim: cada um tem o seu nível de compromisso e de interesse. Nós temos até certo ponto, liberdade para nos posicionar, para aceitar, porque por mais que nós tenhamos responsabilidades institucionais, existe um espaço nosso onde diz assim “eu decido quanto me comprometo ou não, eu decido o quanto eu faço e como eu faço aquilo” que talvez eu possa receber aquilo como pressão ou não. E12

A significação profunda do trabalho para cada indivíduo só poderia ser revelada por uma análise particular (DEJOURS, 2015). Os sentidos do trabalho para os professores podem mudar na medida em que vivenciam mais ou menos cargas de trabalho, manifestando ou não desgastes advindos desse processo. A divisão do trabalho é revelada pelos docentes-pesquisadores como inapropriada, tanto para sua qualidade de vida quanto para a produção do conhecimento. É necessário rever a forma de trabalho que os programas de pós-graduação vêm implementando ao redistribuir os docentes nos seus departamentos. Atentar para a saúde desses profissionais torna-se imprescindível em um momento oportuno de quem, por meio dos depoimentos, solicita, nas entrelinhas, ajuda.

Relações de trabalho: da competitividade, disputas e ego a possibilidade de relações solidárias

As relações de trabalho foram apontadas pelos entrevistados ora como fonte de aumento de cargas de trabalho ora como fonte atenuantes de carga, constituindo-se em uma categoria de análise dialética no processo de trabalho.

Alguns professores expressam o ambiente da universidade como sendo extremamente competitivo, com disputas de ego e poder entre a categoria. A pressão pela produção científica é elemento potencializador destas relações, pois a própria categoria passa a cobrar dos colegas produção acadêmica e causam constrangimentos, disputas e inveja entre os colegas. Ressaltam igualmente a CAPES como instituição que cobra o quantitativo de produção sem muitas vezes perceber a qualidade da produção. Desse modo, aspectos que elevam a carga psíquica são escandalizados nessa subcategoria. O produtivíssimo é perverso e em muitos momentos torna os professores alienados neste processo ao diminuir a criatividade, ingressando-os em um processo de automatização por produção e excluindo outros professores com potencial de desenvolvimento, mas que não se enquadram nesta lógica.

[...] eu acho que as relações são difíceis dentro da universidade, porque a universidade é muito competitiva. Eu já trabalhei em hospital, trabalhei em prefeitura e hoje eu trabalho numa universidade. A universidade particularmente é um ambiente muito competitivo. Porque esse produtivismo que se criou do Lattes é perverso [...] eu acho que esses critérios eles acabam polindo boa parte da criatividade da gente e acho que eu sou muito melhor do que aquilo que eu escrevo. Porque eu acho que esses critérios levaram a gente a esse tipo de ambiente [...] nos levou a um ambiente de competitividade [...] E9.

As relações de trabalho são muito doloridas, vamos dizer assim, eu acho que as relações de trabalho na pós-graduação elas são muito sofredoras, a gente tem uma pressão muito grande dos órgãos de fomento para produzir, produzir e produzir, e isso no macro. No nosso micro espaço, a gente está muito fragmentado. É o núcleo tal que faz tal coisa, é a área x que produz x coisa [...] No nosso micro espaço da pós-graduação, eu acho que a gente está bem desarticulado. E16

Os docentes-pesquisadores abordam relações de trabalho dificultosas e fragilizadas pela competitividade entre eles e pela busca incessante de incrementar o currículo; verbalizam relações melhores em outros espaços de trabalho, outros serviços. O produtivismo é perverso e fragmenta os professores cujos temas de pesquisa são diferentes, os quais acabam dividindo-se em núcleos de pesquisa e afastando-os cada vez mais. A solidariedade nas relações está sendo substituída pela competição entre os docentes-pesquisadores, de quem é melhor e produz mais. Percebe-se um paradoxo trágico: há um crescimento social e reconhecimento da enfermagem e, por outro lado existe a exclusão social de quem não se enquadra no contexto determinado pela CAPES e, a exclusão entre os pares pelo acúmulo de tarefas a serem cumpridas.

As políticas de gestão de recursos humanos são de incentivo à competição e de ênfase na produtividade, tornando ainda mais fragilizadas e estressantes as relações de trabalho. Esse contexto evidencia uma crescente violência no espaço do trabalho, desencadeadora de sofrimento e adoecimento psíquico (CARRIER; AGUIAR; DINIZ, 2011), sendo o espaço de trabalho na universidade preenchido por relações de poder e de dominação entre professores (VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013).

Ainda, o docente-pesquisador transita nos cenários dos serviços de saúde, os quais são influenciados pela lógica de acumulação do capital, pela tecnologia e pelas formas de organização do trabalho utilizadas na indústria, pelo taylorismo e pela produção mecanizada (PIRES, 2008). Nesse sentido, o processo de trabalho tem objetivo e conteúdo definidos, envolvendo dimensões concretas e subordinação do conjunto de trabalhadores por meio de formas mutantes da organização do trabalho. O conceito de relações de produção no capitalismo subentende-se relações contratuais em condições determinadas: de um lado os proprietários dos meios de produção e de outro os trabalhadores com um único bem comum: a sua força de trabalho. Ao se submeterem as relações de trabalho assalariadas os trabalhadores subordinam-se real e formalmente ao capitalista que agencia meios de produção e tem como finalidade alavancar a acumulação do capital e obter mais poder (CATTANI, 2011; MARX, 2011).

Os docentes-pesquisadores do estudo revelam relações de cobrança mediada pelo macrosistema, isto é sistema de produção vigente, pelo Estado, pelo capitalismo e também comentam relações de subordinação efetivadas por constrangimento no microssistema; estes são elementos que elevam a carga psíquica de trabalho.

Na profissão do ser professor tem toda uma cobrança, por exemplo, a cobrança mesmo das publicações é uma cobrança ilógica, irracional, porque aí tu tens que publicar, tu precisa de tempo para te concentrar, muitas vezes para escrever e tu não tem esse tempo porque tu tens um monte de outras tarefas para fazer, mas os órgãos de fomento, infelizmente, é o critério que eles tem, isso é outro problema que eu acho muito ruim, que eu acho que o Brasil precisa vencer isso, o nosso país de modo geral, acabar com esse produtivismo, tu ser avaliada assim. Por essa pressão na produtividade assim em massa, por que as vezes não estão olhando nem qualidade, tão olhando o número mesmo de artigos que tu tem, o número de livros, o número de coisas que tu fez e isso é uma coisa que judia. Ahh por que se tu não produzir... é uma coisa constrangedora, aah por exemplo quantos tu publicou ano passado? Ahh eu publiquei 2, 3 artigos, ahh eu publiquei 6, o fulano publicou 9 o beltrano e aí não é nem uma coisa que precisem te dizer... Ah tá, mas tu publicaste pouco, tu já estás sabendo que tu publicou pouco e isso é algo que traz muito desconforto, porque ninguém deixa de publicar porque não quer, as vezes não tem tempo mesmo [...] E11.

Os docentes-pesquisadores identificam a cobrança por seus pares e pelo sistema de avaliação da Pós-Graduação acerca da produção textual como fatigante e perverso. Mencionam ainda o tempo reduzido para dedicar-se a pesquisa por ter múltiplas atividades a desenvolver, no qual expressam a vontade de produzir, porém sem tempo disponível para realizar tal atividade.

Desde a década de 1970, acontece na universidade à chamada reestruturação universitária, cujos desdobramentos têm sido os mais amplos e diversos. A precarização do trabalho e as crescentes exigências de metas, qualidade e excelência produtivas são aspectos que compõem o panorama do mundo laboral (BORSOI, 2012; LAPIS, 2011).

Estratégias adotadas têm provocado à competitividade entre os programas de pós-graduação e, secundariamente, entre os pesquisadores (SANTOS; KIND, 2016). Como consequência desse aumento da competitividade, observa-se, por um lado, o enfraquecimento da solidariedade entre os docentes, e de outro o surgimento de diversos sintomas institucionais como estresse, acidentes de trabalho, absenteísmo, adoecimento, queda da produtividade, reclamações sobre produtos [textos] e serviços de baixa qualidade, entre outros (PIZZIO; KLEIN, 2015).

Essa pressão por competitividade pode produzir desarticulação dos docentes, afastamento entre os colegas, perda de vínculo nas relações, no qual cada um defende-se por si só.

As relações aumentam muito a minha carga de trabalho. Uma das coisas que me afeta não é o esforço de dar aula, não é uma aula teórica, não é uma aula prática. São questões de ego, empoderamento [...] muitas vezes eu digo: passo mais tempo em reuniões discutindo, do que fazendo o meu trabalho, o que eu deveria. E8

Percebe-se que a atividade de dar aula e estar com estudantes é menos desgastante para o professor do que participar de reuniões com seus pares e relacionar-se com/entre eles. Talvez pela cobrança em termos de produção científica e por questões de poder atrelado a relações de trabalho.

Às vezes a gente sai daqui totalmente esgotado, chateado. As relações são muito ruins e isso é bem mais forte na pós-graduação do que na graduação. Eu não tenho, por exemplo, brigas na graduação como eu tenho na pós-graduação; nas reuniões de graduação a gente diverge de vários assuntos, mas a gente busca soluções e ok. Agora na pós-graduação parece que a cada reunião as pessoas precisam vir preparadas [...] E7

Por meio do depoimento de E7 identificam-se relações menos acirradas em termos de disputas e ego estabelecidas entre professores da graduação. Contudo, na pós-graduação as relações de poder e controle parecem estar presentes o tempo todo no cotidiano do docente-pesquisador e são componentes do processo que aumentam a carga psíquica ocasionando esgotamento profissional.

O estresse e a ansiedade alteram o ritmo dos trabalhadores e suas produtividades e podem produzir ausências e afastamentos do serviço. Conforme Sena *et al.* (2015) o trabalhador começa a manifestar sintomas inespecíficos, que são confundidos muitas vezes com desinteresse, comodismo e preguiça que mascaram possíveis transtornos afetivos.

Essa capacidade de resposta ao estresse ou também intitulada *coping*, está relacionado com a forma que o indivíduo enfrenta o problema, resposta vinculada a interação entre as características do indivíduo e as demandas do meio, movido por esforços cognitivos comportamentais, para lidar com situações ou ameaças, evitando o adoecimento físico ou psíquico (FERREIRA; FERREIRA, 2014).

É preciso considerar que este professor é um profissional da saúde que transita entre os processos de trabalho na educação e também na saúde, tendo

particularidades nos locais em que circula com estudantes de graduação e pós-graduação. Os enfermeiros estão expostos no seu trabalho diário a um grande número de fatores que contribuem para a carga psíquica, alguns dos quais inerentes ao próprio trabalho de Enfermagem, outros claramente relacionados com a organização do trabalho.

Por outro lado, as relações de trabalho na pós-graduação são ditas por alguns poucos professores como atenuantes das cargas de trabalho, cujas relações são vínculos de amizade e estabelecidas extramuros do trabalho.

Manter uma boa relação com os colegas diminui a carga de trabalho. Estabelecer um bom vínculo não apenas profissional, mas um vínculo externo ao trabalho, de atividade social que a gente se reúne (de amizade). No ambiente de trabalho a gente faz algumas amizades e às vezes tu fazes só conhecidos, de colega de trabalho mesmo. E16

Ter uma interação entre os professores, tem se mostrado, na minha percepção, como algo saudável e que pode diminuir as cargas de trabalho. E12

A gente tem aqui uma solidariedade grande entre os colegas. Nós temos professores com Diabetes, com hipertensão, pessoas com Problemas Metabólicos. Então, nós temos pessoas que de vez em quando estão doentes, estão em situação de licença saúde, isso sobrecarrega claro. A gente tem que assumir as cargas de trabalho dessa pessoa, lógico. Então o que diminui, não diria para você que diminui, mas o que nos mantém estáveis é quando todos estão no seu ritmo máximo de trabalho. E6

Reduz a carga de trabalho manter a solidariedade entre os colegas. O nosso grupo [de pesquisa] ao menos é bastante solidário, então isso nos ajuda, quando alguém está sobrecarregado sempre tem alguma pessoa que pode ajudar e eu acho que essa parceria e essa solidariedade entre os pesquisadores é importante para diminuir a carga e até para aguentar a própria carga de trabalho. E5

É por meio do trabalho que o homem estabelece as relações de produção, vive em sociedade e se organiza (MARX, 2011). A maneira como os homens se relacionam no trabalho é que dita a ordem da organização em sociedade. Isso significa que a sociedade se divide e subdivide em classes ou categorias e, portanto dá o desenho daquele coletivo específico, sejam enfermeiros, advogados e professores. Fica notório é que nem sempre o docente considera as relações como um elemento redutor de carga de trabalho, mas é percebida como uma maneira de manter todos os trabalhadores no seu maior ritmo de trabalho. Além disso, E5 percebe relações solidárias mediadas pelo grupo de pesquisa, mas não entre os

demais colegas. Dessa maneira, conviver e permanecer em grupos de pesquisa é estratégico para manter-se saudável nesse processo.

A falta de integração pode gerar impactos negativos nas relações entre os docentes. Fala-se, aqui, do enfraquecimento dos laços de solidariedade, elemento essencial cuja função primordial é permitir a integração dos trabalhadores. Torna-se evidente a necessidade de adoção de Políticas de Promoção e Suporte à Qualidade de vida no trabalho (QVT) que atuem contra as múltiplas fontes de sofrimento, garantindo o atendimento de todos os fatores (PIZZIO; KLEIN, 2015). Para Silva (2014), existe a possibilidade de um processo de desintegração cada vez maior dos laços de formação da sociedade e talvez tenhamos perdido o sentido daquilo que é mais fundamental para ser compartilhado e estejamos perdidos em um processo no qual a busca dos interesses e o individualismo prevalecem de uma forma patológica, ultrapassando os âmbitos que lhes são próprios, corroendo outras esferas de convivência e relações humanas como a solidariedade.

Aspetos que elevam a cargas psíquicas são potencializados pelas relações de trabalho mediadas por cobranças entre colegas por atividades tais como comissões, produção científica, coordenação, aulas e presença nos espaços da universidade. O professor tem consciência da importância da produção textual e da atualização do sistema *lattes*, mas afirma que em alguns momentos este processo é cansativo. Sugere ainda que essas relações de cobrança por produção são dolorosas e que a categoria precisa aprender a unir-se para produzir de forma mais integrada, menos fragmentada, sugerindo núcleos de pesquisa agregadores.

Hoje tu vives dentro da universidade e o dia que tu não vai tu te sentes culpada, o dia que tu não acessa e-mail tu te sentes culpada. E17

A gente escuta o tempo todo: se tu não estás aqui, tu vais para cá, tu estás fazendo o quê? Tu estás dando aula? Tu estás em coordenação? tu estás em todas as comissões? Tu estás em todas as frentes, mas tu não estás publicando! O tempo inteiro é cobrança, o tempo inteiro as pessoas olhando teu Lattes, o tempo inteiro as pessoas olhando o que estás fazendo, tu não estavas aqui de manhã, mas por quê? Olha, por que eu estou tentando analisar os resultados e aqui eu não consigo. É cobrança, pressão o tempo inteiro. E8

Eu não tenho esse hábito de ver a produção dos outros, eu não faço isso. Mas eu já tive colega que fazia e eu acho muito desagradável isso: olha o teu lattes, te fiscaliza, “ah, tu não atualizou?” Não precisa atualizar todo dia, toda semana; mas é óbvio, que o pesquisador pelo menos uma vez ao mês precisa fazer isso. Mas mesmo quando isso ocorre, a pessoa fica se

sentindo com autoridade “ah, tu tem que botar tal coisa”, “ah isso é aqui”, mas que coisa feia! Então tu tens que dar conta, claro! Tem que estar atualizado, tem que ter tua produção, mas é mais um ônus né, eu acho que isso uma hora pesa, tem momentos que cansa muito. E14

Na universidade, estresse, sentimento de não-pertença ou, por outro lado, a alienação docente, em busca, exatamente, do reconhecimento dentro das atuais regras do jogo, e a qualquer custo, são fenômenos cada vez mais recorrentes. É neste contexto que o desvelamento destes fenômenos e a reflexão quanto às suas causas se tornam importantes, como tarefa típica dos docentes-pesquisadores (CANDIDO; *et al*, 2010). Angústia, sofrimento, ansiedade, medo, aflição parecem ser sentimentos comuns com origem nas relações de trabalho dentro da universidade.

A ciência tornou-se um meio de produção, de reprodução, mudança que produziu a mercantilização das instituições federais de ensino superior (IFES) e desencadeou qualitativamente o trabalho do professor-pesquisador, um trabalho imaterial e superqualificado (JUNIOR, SGUISSARDI, 2013). Cabe lembrar o que Marx (2011) já expôs: no modo de produção capitalista, o trabalho objetiva a valorização e a acumulação do capital, independente das formas de trabalho.

O atual caminho da universidade vem sendo delimitado pelas reformas na Educação Superior, transformada em instituição tutelada pelo capital e pelo Estado, tendo o mercado como mediador. Todavia, não sem a contraposição de movimentos sociais, políticos e sindicais e de intelectuais que ainda resistem (SILVA-JUNIOR, 2009).

O trabalho do docente-pesquisador pode colocar em movimento a constituição de um novo trabalho, que pode formar novas gerações de docentes. Os homens criam e recriam a sua existência pela ação consciente do trabalho e podem mudar os rumos da história (MARX, 2011). Muito embora os professores desta pesquisa ainda demonstrem pouca esperança no novo em virtude da capacitação dos novos professores para responder fielmente ao modelo imposto.

A minha esperança é que esse sistema, ele mesmo se autoelimine, porque não é possível que a gente com tanta produção científica não consiga mudar, melhorar as condições de saúde, que ele mesmo não vá se auto eliminar. Então a minha expectativa é que isso não se sustente [...] dentro da universidade para mim o que mais me incomoda é essa competitividade que existe e é perversa. Perversa, porque essa meritocracia ela é muito cruel, né? Ela é excludente com grande parte das pessoas, e pessoas com grande potencial para desenvolver, né? Que ou se enquadram ou elas são eliminadas desse cenário e isso é horrível. Isso causa inveja, isso produz disputas, isso produz uma coisa muito ruim, então isso para mim é a pior

coisa que tem e isso deteriora muito as relações. E acho que quase nos sujeita a não conseguir construir relações mais solidárias. Dentro da instituição e aí até me perguntaram “mas e os novos?” aí eu disse “aí, sabe que eu não tenho muita esperança nos novos, porque eu acho que nós formamos os novos desse jeito, nós formamos os novos para fazer esse caminho, para reproduzir isso. Então hoje o que mais me incomoda é que a nossa cabeça dentro da universidade é essa cabeça, essa cabeça de disputa que se mede por esse critério produtivista e infelizmente pensar não é hoje o critério importante dentro da universidade. O critério de ser um bom professor é ter um lattes com um número x de artigos. Ter 30 artigos significa que tu fez alguma coisa importante na tua área?” Não, pode não significar nada [...] E9.

Pesquisa desenvolvida observou que jovens que se doutoraram depois da vigência do atual sistema de avaliação da CAPES, implantado a partir de 1997, hoje, parecem muito adaptados ao produtivismo acadêmico, à competitividade, a disputa de egos, muito embora o estudante de pós-graduação é também um agoniado, apesar de adaptado (JUNIOR, 2009). O que é igualmente reforçado na pesquisa realizada pela Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG), por evidenciar altos índices de depressão, ansiedade e angústia entre os pós-graduandos que naturalizam por vezes estes sentimentos e frequentemente solicitam postergar a qualificação ou titulação justamente em virtude de afastamentos comprovadamente causados por doença no período de realização do mestrado e doutorado (JUNTA, 2017).

Desse modo a reforma do Estado torna-se naturalizada pelo capital e altera o trabalho imaterial e intelectual, provocando a alienação dos professores, concretizada, especialmente, por doenças psicossomáticas, dentre outras formas, mesmo que os professores, contraditoriamente, pareçam orgulhar-se de seus trabalhos (JUNIOR; SGUISSARDI; PINTO-SILVA, 2010).

A exploração do aspecto intelectual do trabalhador existe, não somente na forma da atividade em ter de adaptar-se ao modelo vigente, mas no modo de cobrança pelas revistas científicas. Os custos para manter as publicações são cada vez mais altos e é elemento estressor no cotidiano laboral, despertando elevação da carga psíquica ao ocasionar tensão contínua e prolongada.

[...] os custos para publicar são bem altos e aí a gente tem a cobrança da CAPES para publicar, mas a gente não tem praticamente, auxílio financeiro para isso, então fica complicado também, porque as revistas, principalmente com “Qualis” maior, elas têm o custo muito alto e as revistas internacionais também, às vezes a questão da tradução sai muito caro e aí a gente não tem esse apoio da universidade. É estressante. E2

Desse modo, ao usar a pós-graduação como núcleo gerador das mudanças na prática universitária produz um efeito de multiplicação que se estende até a base da pirâmide educacional. É um processo lento e sutil, porém extremamente eficaz que concretiza de maneira contínua um acréscimo do trabalho imaterial produtivo do professor, cujo trabalhador para atingir as metas estabelecidas, aumenta em muitas horas seu trabalho semanal, garantindo boas notas aos programas de pós-graduação, segundo os critérios estabelecidos pelo CNPQ. As mudanças na “nova” universidade e as consequências disso para os professores estenderam-se para outros tempos de sua vida, invadindo a esfera pessoal e familiar do professor (SGUISSARDI; JÚNIOR, 2009).

O medo por deixar de fazer parte do grupo de pesquisadores ou de estagnar, de ficar para trás no processo de produção é verbalizado e muitas vezes velado entre os pesquisadores. Este sentimento é aspecto que aumenta a carga psíquica no trabalho. O risco do descredenciamento da pós-graduação é temido embora exista a pressão psicológica e real de estar em um programa de pós-graduação. O docente-pesquisador compreende o grau de exigência da pós-graduação e conhece seus compromissos quanto pesquisador de excelência, com manutenção de bolsa. Todavia identifica aumento na sua carga de trabalho.

Eu me sinto pressionada. Pressionada que tenho que ter produção e produção; não vejo retorno positivo nisso, na medida em que você tem alunos que vão defendendo Mestrado, você já vai embutindo neles que tem que fazer produção, mas nem todos conseguem fazer. Porque isso? Eu preciso de produção, tenho que ter determinada pontuação, eu preciso ter essa pontuação para conseguir ter meu ponto lá (pós-graduação) que eu não fique para trás ou que eu não seja colocada de molho como eles dizem, correndo o risco do descredenciamento se você não tem um número ‘x’ de produção [...] E16

O prazer da docência na pós-graduação é um fator a ser destacado e, o sentimento de pertença a um programa de pós-graduação fornece elementos de certo posicionamento acadêmico dentro da área, num contexto de competitividade e concorrência (JUNIOR, 2009).

A sensação de opressão pela necessidade de produção textual é vislumbrada. É colocado em questionamento o fato de agir dessa maneira e se o professor deve permanecer nesse processo de produção de desgaste.

Me sinto oprimida por esse processo todo, por que tu não tens tratativa, tu abres um programa, tens que alimentar, tu sabes todos os passos desse processo [...] as vezes penso se não erramos no trajeto; várias vezes fico pensando se eu tenho que ficar nisso, eu sou PQ hoje, tenho uma bolsa produtividade que tenho que responder, mas eu vou avaliar com o tempo se eu quero continuar sendo PQ, por que essa demanda de trabalho que tu não vive, tu só trabalha, por que na verdade no que se resume esse processo: nós trabalhamos! Então fazemos o que? Seguramos as pontas por um tempo, isso é normal em um processo quando se quer crescer, tu és obrigada a fazer, não é por que queres fazer e isso não é compreensível a todas as pessoas, então não sou um pesquisador que não sei dos compromissos, eu sei muito bem [...] E13.

As relações são frágeis, e acaba se criando muita competição porque a própria CAPES também te avalia em termos de quantos pontos tu conseguiu atingir no final do ano, no final do trimestre, aí um olha para o outro e diz eu tenho 500 pontos, eu tenho 600, ah mas eu tenho mil e tanto né, então isso cria uma competição que não é saudável [...] E5.

Há uma apropriação equivocada do conceito clássico de alienação, quando aplicado ao trabalhador considerado desmotivado, entendendo que as causas da desmotivação estão no trabalhador, e não no trabalho. No entanto, para trabalhadores de enfermagem, a organização do trabalho é apontada como o item que mais os desmotiva, seguindo-se as relações interpessoais (DAVID, 2009).

Eu acho que a universidade ela é pior hoje do que quando eu entrei assim, em termos de perversidade nas relações, então produziu uma coisa que a gente tem que trabalhar mesmo, de manhã e de tarde e de noite para manter aquilo ali obcessivamente e que aí as pessoas estão infelizes, e reclamando e trabalhando demais porque não conseguem mais organizar sua vida, eu acho que também já entraram naquele sistema. “Ah e a saída?” Bom a única saída que eu achei para não ficar louca nesse sistema é a gente conseguir trabalhar dentro de um grupo né? Um grupo que produz conjuntamente e que ainda quer ter alguma vida além daquilo ali, porque se não for desse jeito não é possível, né? Mas hoje é o que mais me incomoda, e eu vejo que as disputas, elas são isso... e as pessoas valem um pouco por isso entendeu? Valem pelo que produz, pelos cargos que tu ocupa [...] E9.

Ruim mesmo são as nossas relações de trabalho aqui [...] E2.

As diferentes formas de controle são potencializadoras de cargas psíquicas de trabalho do professor. A questão do controle faz parte de uma cultura empresarial, em especial relacionada às inovações na gestão do trabalho e da produção, sendo uma ferramenta para a obtenção de um domínio mais rigoroso e refinado dos trabalhadores. De um lado, há o controle desenvolvido pelos próprios colegas, estimulando o sentimento de ser parte da organização. De outro, há o

controle exercido pelos trabalhadores entre si e o próprio autocontrole, o vigilante interno (LAPIS, 2011).

Contraditoriamente, alguns professores entendem de maneira diferente acerca das relações de cobrança por produção textual:

Essa questão de produzir, eu acho que ela faz parte de ser professora da pós-graduação e até de ser pesquisadora na área da enfermagem. Eu acho que era bem forte isso quando a gente fazia doutorado. Um doutor só é doutor na medida em que ele mantém produção científica. Era um discurso dos meus professores: “se tu fizeste doutorado, se tu és um pesquisador e tu não faz pesquisa e não tem aquela produção, para que serve teu título de doutor? Para dizer que uma vez tu fez uma tese e virou doutor?” Isso era bem batido lá na nossa formação; tu tem que ter aquele perfil só de produzir, de publicar artigos, mas de continuar pesquisando aquela área que tu te propôs à pesquisar, principalmente! Então continuar aprimorando, formar novos recursos humanos e para fazer isso precisa o que? Ter projeto de pesquisa e produzir. Eu não tenho problema com a produção. Vejo o pessoal falando muito na questão capitalista, na questão da produtividade acadêmica, do produtivismo acadêmico, que na verdade é só um produto, que não eleva o conhecimento. Eu não consigo enxergar dessa forma, não critico quem enxerga, mas eu não consigo enxergar dessa forma por isso: no momento que tu te propõe a ser doutor, tu te propõe a seguir uma carreira de pesquisar, faz parte da carreira de pesquisa o conhecimento. Ah, muitas vezes é um conhecimento que não tem tanto impacto? É verdade. Eu não consigo trazer transformação social com um artigo. Até seria bastante pretensão dizer que eu vou conseguir mudar o mundo com a produção de um artigo científico, mas eu acho que se forem produzidos 10, 20 artigos naquela temática e para aquele corpo de conhecimento, conhecimento da enfermagem, aí sim vamos conseguir! E7

Eu gosto muito de produzir, eu gosto, por que eu acho que falta muita produção e se tu fores ver quem leva a produção científica da Enfermagem no Brasil, ainda é a Pós Graduação. Nossos colegas da assistência eles não produzem, eles apenas produzem enquanto estão fazendo uma pós graduação, quando terminam um Mestrado, um Doutorado. Eles retornam para os seus campos de trabalho e voltam a não produzir e eu acho que é um conhecimento que se desperdiça. E isso é um compromisso da gente, e se é um dos pilares da universidade a produção científica e se nós queremos qualificar o nosso programa e a exigência da CAPES é a produção, então vamos produzir [risos]! E6.

O que é possível perceber por meio das falas é que há professores realizados com a tarefa de serem pesquisadores e que conseguiram formar um grupo de apoio e parceria tornando tal tarefa prazerosa. Todavia fica difícil emitir um parecer, já que os mesmos não abordam, nesse momento da fala, as outras funções do docente: ensino e extensão. O prazer pelo fato de produzir não quer dizer que os docentes-pesquisadores não estejam em processo de desgaste. Ainda, nesses depoimentos, apreende-se o comentário dos professores quanto ao comprometimento de manter o conhecimento da área da Enfermagem atualizado e de excelência, pois alguns

enfermeiros fazem uma pós-graduação pelo desejo de obtenção do título e não apresentam responsabilização pela que produção da ciência.

Relações pautadas na desvalorização dentro do trabalho também aparecem como catalisador para as relações de trabalho inadequadas na universidade e são elementos que elevam a carga psíquica. O professor percebe-se pouco valorizado pelas chefias e pelos próprios colegas. No entanto, a valorização pelos estudantes avalia como positivo.

Aumenta minha carga de trabalho quando a gente não reconhece no trabalho a questão da valorização. Eu me sinto às vezes pelos alunos, bem valorizada, mas em relação aos colegas e a própria direção eu não me sinto valorizada. Então essa questão de não se sentir valorizado e ter uma sobrecarga, de trabalhar muito e não te sentir valorizada, não sentir um reconhecimento, eu acho que gera um adoecimento. As relações de trabalho na medida em que elas são truncadas, que tem uma dificuldade no processo de trabalho, também gera um adoecimento psíquico. E2

A falta de reconhecimento no trabalho pode provocar sentimento de desqualificação, de inutilidade, de revolta, e pode comprometer o sentido do trabalho e levar ao adoecimento. O sofrimento no trabalho, por exemplo, pode originar-se da falta valorização e reconhecimento dos docentes (VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013). Pesquisa realizada com professores apontou que o reconhecimento profissional passa pela efetivação de seu projeto de vida na instituição e pode transformar o sofrimento em prazer, pois é fonte de bem-estar no trabalho (PIZZIO; KLEIN, 2015).

Sabe-se que antigamente e não muito distante, ser professor do ensino superior era sinônimo de poder, de intelectualidade, de prestígio social (dimensão positiva do trabalho que conduz ao prazer e à realização). Entretanto, hoje essa profissão enfrenta o desafio da precarização e da desvalorização (VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013; SILVA; MAFRA, 2014; LEITE; NOGUEIRA, 2017).

O trabalho do professor universitário ocupa um papel estratégico, pois possui uma formação especializada e deve ser o próprio educador o protagonista da práxis transformadora, o agente do saber que transforma o conhecimento em emancipatório e libertador (ROWE; BASTOS, 2009; FREIRE, 2011). Todavia este docente que anteriormente era identificado como uma figura profissional fundamental para a sociedade passa a ser visto enquanto o profissional que busca valorização e reconhecimento social do seu trabalho (CRUZ *et al.*, 2010). Até

mesmo porque esse trabalhador se ocupa muito de um trabalho que muitas vezes é invisível.

Evidencia-se a necessidade de discussões acadêmicas mais aprofundadas acerca do trabalho docente, debates que perpassem pelas diferentes dimensões dessa profissão, como o prazer, o sofrimento, a saúde e a doença. A cada dia tem sido mais comum os adoecimentos decorrentes do trabalho docente. Apesar de suas características peculiares de trabalho intelectual, representativo, significativo e valorativo, o trabalho docente tem apontado sinais de precarização, despersonalização e desvalorização social. É preciso repensar a organização do trabalho e sua prescrição, e dar visibilidade ao trabalho real dos docentes, com intenção de diminuir o desgaste, suavizar as cargas de trabalho e aumentar a dimensão do prazer (SILVIA; MAFRA, 2014), começando por qualificar as relações de trabalho na universidade, ao potencializar e incentivar relações solidárias nesse espaço.

5.2 Condições de trabalho na universidade: entre o normativo e o vivido

A atividade do docente tem sido marcada por desafios significativos, reflexos das constantes transformações relacionadas ao mundo do trabalho. As condições decorrentes deste cenário, e as múltiplas exigências feitas ao professor, cada vez mais tem sido associadas aos desgastes, sejam eles físicos ou psicológicos (CRUZ, *et al*, 2010). Debater as condições de trabalho no âmbito universitário é relevante para desconstruir a ideia de espaço tido como apropriado e seguro (MARQUES; PINTO, 2010).

É ainda escassa a literatura sobre condições de trabalho docente no nível universitário, quando comparada a outras áreas. Encontram-se muitos estudos que privilegiavam as relações entre saúde e trabalho, em contextos fabris, âmbitos hospitalares, educação básica e demais serviços (SILVA, MAFRA; 2014; LIMA; LIMA-FILHO, 2009.).

Mediado pelo referencial teórico de Laurell e Noriega (1989) ao considerar cargas físicas e mecânicas como aquelas que podem ser detectadas e medidas sem envolver o corpo humano e aliado ao conceito de Dejours (2015), apreende-se que por condições de trabalho estão vinculados o ambiente físico (temperatura, ruído, iluminação, ventilação, irradiação, etc), o ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança, arranjo físico e as características do posto de trabalho.

As condições de trabalho foram consideradas aspecto intensificador de carga de trabalho, sendo as cargas físicas manifestadas, apontando potencial para o desgaste do trabalhador. Dentre os aspectos vinculados as cargas físicas estão: a temperatura, a umidade, a ventilação, o espaço inadequado de trabalho.

[...] não tem ar condicionado, nem para o inverno e nem para o verão, as cadeiras são geralmente quebradas, são ruins, as mesas muitas vezes também; a infraestrutura não é boa, deixa a desejar. E1

As condições de trabalho são péssimas. É um ambiente frio, úmido, horroroso no inverno. Um ambiente insalubre. Quanto à questão das salas das defesas: tem um ar condicionado que não funciona e é muito pequena! É um ambiente pequeno, aí tu quer um ambiente maior, tudo bem, tem o auditório, mas igualmente não tem ar condicionado. Então assim: a estrutura física é péssima. Nossa universidade é uma instituição precária. Nossa estrutura física fica muito a desejar. E17

As cargas físicas podem ser exemplificadas pelo ruído, calor, iluminação, ventilação, que podem ser percebidos pelo trabalhador ou mensurados e, portanto, tem uma materialidade externa ao corpo. Ao interatuar com o corpo do trabalhador sofrem uma mudança de qualidade, dado que queixam-se sobre ‘ausência de ar condicionado’, ‘ambiente frio e úmido’ traduzindo sensações de calor e/ou frio’ e podem tornar-se processos corporais mais complexos, muitas vezes provocando processos fisiológicos quando acabam por afetar processos de termoregulação (LAURELL, NORIEGA; 1989).

Estudo aponta para o aumento das cargas de trabalho quando há más condições laborais inadequadas, demonstrando diminuição da capacidade de trabalho dos profissionais (SCHMOELLER; *et al.*; 2011). Outro estudo também assinalou as más condições de trabalho como indutor de mal-estar no trabalho. Existe um número representativo de docentes em risco de adoecimento ou tendendo ao adoecimento devido ao mal-estar relacionado tanto a “organização do trabalho”, quanto às “condições de trabalho”. Em linhas gerais, as condições de trabalho atendem às necessidades materiais-fisiológicas para o trabalho, e a organização do trabalho, a superestrutura, organiza a vida subjetiva do trabalhador na instituição (PIZZIO; KLEIN, 2015).

Contraditoriamente, um único professor verbalizou condições de infraestrutura adequadas, o que evidencia que nem todos percebem as cargas de trabalho da mesma maneira. A percepção quanto às cargas de trabalho tem relação com a fase de vida em que se encontra o ser humano e os tipos de experiência já vivenciada pelo trabalhador (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Eu acho até que a infraestrutura que a gente tem: computador, impressora, espaço físico, essas coisas são bem boas [...] E2.

Entre outras fragilidades das condições de trabalho encontra-se, o difícil acesso a internet na universidade, a ergonomia e precarização de cadeiras e mesas

e a ambiência de forma geral, constituindo elementos que elevam a carga física e mecânica de trabalho.

As condições na nossa universidade são muito ruins, a cadeira que eu tenho é abaixo da crítica, ela está com o braço quebrado, não tem uma boa ergonomia, não tem condições de uso; e em termos de iluminação, temperatura, ambiência de modo geral, a internet não funciona, cai toda hora, as janelas não fecham direito. Enfim, as condições em termos de área física precisam melhorar [...] E5

[...] outras coisas que na universidade também não funcionam: tu tens que te preocupar, por exemplo: eu não tenho uma sala decente, eu não tenho, como fazer uma aula por Skype com algum professor externo em outro lugar porque a internet é péssima e eu não consigo fazer, então eu me estresso com essas coisas. E3

As cargas mecânicas são visíveis no ambiente de trabalho e podem se converter em ruptura da integridade física do trabalhador. A inadequação de cadeiras e mesas poderá fazer ruptura de continuidade e promover contusões, fraturas, feridas no trabalhador (LAURELL; NORIEGA, 1989). Somado a carga mecânica tem-se também componentes que aumentam a carga fisiológica, pois o docente ao se referir acerca da ergonomia da cadeira sinaliza um possível desgaste fisiológico do corpo humano traduzido mais tardiamente como adoecimento.

Alguns achados desta pesquisa de tese corroboram com estudos já realizados (PIZZIO; KLEIN, 2015; DALAGASPERINA, MONTEIRO; 2014) e reafirmam a necessidade de maiores investimentos nas universidades. Prevenir adoecimentos, e acidentes de trabalho por meio da qualificação dos equipamentos de uso cotidiano dos docentes é promover qualidade de vida no trabalho e torna-se fundamental.

É necessário considerar que este professor é um enfermeiro que transita nos espaços de serviços de saúde e que tem sua carga de trabalho naturalmente aumentada por compor os diferentes cenários da educação e da saúde. Profissionais de enfermagem sobrecarregados e, ainda, desenvolvendo trabalho em condições adversas tendem a sofrer danos na sua saúde e a aumentarem as faltas ao trabalho, o que gera mais sobrecarga, dificultando a eficácia e qualidade dos resultados (PIRES; *et al.*, 2016).

Nesse contexto vivido, os professores ainda assim encontram alternativas para adaptar-se ao meio e realizar a atividade da melhor maneira possível. Um dos

professores aponta estratégias individuais de enfrentamento para evitar o desgaste advindo das condições de trabalho inadequadas da universidade.

Eu acho que tem coisas que dificultam o trabalho, coisas que tem relação com a estrutura, que são coisas chatas, por exemplo: às vezes quando tu chegas para dar uma aula, isso desde sempre na minha vida enquanto professora, naquela época, as vezes o giz não riscava no quadro, agora as vezes a caneta não escreve. E a gente vai criando estratégias. Eu tinha uma bolsinha, daí eu carregava o meu giz. Agora eu carrego a minha caneta; então a gente vai dando um jeito para não se chatear, para poder fazer o trabalho da gente sem se chatear tanto, sem se estressar tanto; então tem coisas de estrutura que atrapalham muito e chateiam. E9

A ideologia defensiva tem por finalidade mascarar uma ansiedade do trabalhador e este para produzir, encontra o melhor rendimento de que é capaz respeitando seu equilíbrio fisiológico (DEJOURS, 2015). Ao encontro deste pensamento Braverman (1987) refere o trabalho como atividade que altera a essência humana para melhorar sua utilidade. O trabalhador recorre a essa prática frequentemente, pois depende do trabalho a sua sobrevivência. Assim como o trabalho é fundamental para vida humana porque é condição para sua existência (MARX, 2011).

É a partir do trabalho que o ser social se distingue de todas as formas pré-humanas, pois os homens são dotados de consciência e podem previamente imprimir o desenho que quer dar ao final do processo. Nesse pensar, entende-se que o homem prevê anteriormente o seu trabalho e pode conduzi-lo da melhor maneira possível, podendo mudar, resistir e transformar os fatos que não estão adequados a ele (MARX, 2011).

As atuais exigências da lógica capitalista impõem aos professores iniciativa, criatividade e disponibilidade para o trabalho, levando o trabalhador a dar tudo de si para alcançar os resultados esperados, sem dar as condições mínimas para o trabalhador nos ambientes laborais, podendo gerar fadiga crônica e esgotamento.

O professor faz um planejamento da atividade tal como trabalho prescrito, pensado como ideal, e labora inicialmente como solicitado quando este chega a universidade, porém encontra muitos entraves tendo em vista que o trabalho normativo soma-se ao ambiente físico nas situações de trabalho.

O homem é um ser histórico, condicionado, mas não determinado. Portanto, há sempre a possibilidade do trabalhador recorrer às múltiplas possibilidades do

contexto histórico em que se encontra, e pode buscar movimento de resistência as imposições do cotidiano. O professor como presença consciente no mundo não pode deixar escapar a responsabilidade ética de mover-se no mundo (FREIRE, 2011).

A falta de recursos materiais, computadores e biblioteca específica da área são igualmente verbalizados como aspecto que potencializa a carga de trabalho do docente e é carga física manifestada.

Nós já tivemos muitas melhoras, mas ainda está longe do ideal, longe mesmo; a gente não tem um espaço privado, a gente não tem material, não tem computador, não tem uma boa internet, essas coisas básicas e isso aumenta nossa carga. Eu trabalho com o computador da minha pesquisa por exemplo. A questão de livros para que a gente possa usufruir, não tem. “ah, mas tem a biblioteca”, sim, mas a biblioteca é de todo mundo. E10

O homem conquistou certa liberdade frente a natureza, pois, por meio dos seus instintos e das forças da natureza submeteu aos seu controle (MARX, 2011). Nesse pensar o trabalhador tem liberdade de escolha para trilhar a caminhada da produção de saúde ou produção do desgaste. A partir dessa compreensão o professor parece então ter opção de escolha e pode adotar tornar-se saudável ou tornar-se doente na medida em que conduz o seu andar na vida e trabalho.

Será mesmo que este trabalhador é livre das múltiplas pressões externas e das condições de trabalho dadas e pode escolher um dos caminhos? Ele só poderá escolher ou decidir se ele tiver consciência do trabalho desenvolvido, pois somos levados a uma produção desenfreada, não nos permitindo momentos de reflexão. Com isso, passa-se a viver uma roda viva em que o trabalhador leva somente a responder ao sistema imposto pelos órgãos regulamentadores da sociedade o que pode sim desencadear sofrimento no trabalho e potencializar as cargas.

Entre o que deveria ser em termos de condições de trabalho e o que é, existe uma distância significativa. O que é pensado pelo professor e pelos gestores (governo, políticas públicas, governança das IES) como ideal nem sempre, ou na maioria das vezes não é de fato concreto. O trabalho normativo refere-se ao que é esperado no âmbito de um processo de trabalho específico, com suas singularidades locais. É vinculado, de um lado, a regras e objetivos fixados pela organização do trabalho e, de outro, às condições dadas. Pode-se dizer, de forma sucinta, que indica aquilo que se deve fazer em um determinado processo de

trabalho (BRITO; 2009). Já o trabalho vivido, é aquele normativo que é posto em jogo pelos trabalhadores para realizar o trabalho prescrito (tarefa) e que é modificado pelo trabalhador conforme seu processo de trabalho.

Para os docentes-pesquisadores desta investigação as condições de trabalho impróprias na instituição são uma justificativa para levar trabalho para casa o que aumenta ainda mais a carga de trabalho. O espaço físico, principalmente os espaços coletivos divididos entre os professores são identificados como inapropriado para concentração da produção do conhecimento para pensar e criar no momento de escrever.

Tu poderias me questionar: “Tá e porque tu levas trabalho para casa?” Eu levo trabalho para casa porque eu não tenho condição de trabalhar aqui, entende? O espaço físico não permite, o tempo que eu fico aqui dentro tem outras coisas que vão se apresentando na frente. Basicamente tu não tens local que tu possas te concentrar, pensar, fazer uma avaliação de artigo ou produzir um artigo ou revisar um TCC de um aluno. Quando tu percebes se foi embora o tempo e aí tu vai embora levando trabalho para casa. E10

É fundamental ter uma sala, uma boa estrutura, um computador, uma internet que funcione, uma impressora. Muitas vezes a impressora não tem tinta, tu acaba imprimindo a maior parte das coisas em casa, tu vai trabalhar em casa, tu passa o dia na faculdade, e aí quando chega de noite no final de semana tu vem trabalhar em casa porque tu não tem um lugar que tu possas trabalhar tranquilamente. Além disso, eu acho que todo mundo entra na sala, vem, te interrompe e isso também atrapalha, não tem um lugar sossegado, para que tu possas pensar. E1

Evidencia-se a necessidade um lugar com tranquilidade e silencioso para a produção do conhecimento e que isto é motivo para levar trabalho para casa. Essa afirmação complementa umas das discussões da primeira categoria desta tese, quando os docentes-pesquisadores dizem ter carga psíquica ao levar trabalho para casa devido ao acúmulo de tarefas. Portanto, são cargas diferentes que fazem o docente-pesquisador levar trabalho para a sua residência, uma porque o espaço físico é inadequado e a outra com origem na intensificação do trabalho.

Segundo Silva e Mafra (2014) o foco no trabalho produtivo, intelectual e pensante é o que caracteriza o trabalho de professores universitários. Dessa maneira, embora os professores desta pesquisa encontrem condições físicas impróprias, visualizam estratégias para a produção do trabalho. Levar trabalho para casa parece ser uma opção quando se tem muitas pessoas no ambiente laboral, computadores obsoletos e em pequena quantidade. Seu efeito é gerador, além de carga física (por não ter o recurso material adequado), de carga fisiológica e

psíquica na medida em que existe a consciência de que as condições não são adequadas e afeta a mente, o corpo, as estruturas osteomusculares, disfunção de uma série de processos celulares corporais.

As condições são ruins. Os computadores da universidade estão sempre com algum tipo de problema, tu não consegues imprimir, tu não consegues acessar internet, a internet é ruim, tu disputa espaço com os demais professores, tu não tens um espaço para orientar [...] nem sempre tu quer discutir e orientar no meio de todo mundo, e não tens sala mesmo. Tu disputa computador com o aluno da pós-graduação, com o aluno da graduação, com os colegas. E1

É notável o estresse e ansiedade do professor com as condições apresentadas na universidade. O estresse crônico é preocupante em uma classe de trabalhadores que serve de exemplo para muitos profissionais, pois a formação é a base do processo. Os professores precisam travar lutas pelos serviços de saúde, equidade no atendimento, pelos estudantes, pelos usuários do sistema único de saúde entre muitas outras batalhas da atividade educativa. Contudo, a falta de recursos materiais e humanos é aspecto intensificador de carga de trabalho psíquica e motivo de desesperança para o professor.

Eu ultimamente me estresso muitíssimo; acho que tinha mais paciência antigamente por que talvez eu imaginasse que um dia as coisas iriam melhorar. Como eu vejo que as coisas estão inclusive tendendo a piorar, acho que fico mais estressada ainda, por que não consigo admitir tu chegares em uma sala de aula e as coisas não funcionarem! Tanto na graduação quanto na pós-graduação, tu precisas de outros instrumentos para trabalhar e se tu, aqui, não chegares duas horas antes, tu não consegues começar a aula no horário, por que ou não abriram a sala de aula, ou tu chegas e precisas de tal material, mas não está aqui, não tem, tu precisas imprimir, mas não tem a chave da sala de impressora, tem que ligar e não funciona, não tem tinta, não tem papel. É irritante. E3

Esse ano faltou papel, esse ano faltou tinta e o principal, esse ano faltou recursos, isso é estressante. E4

Percepções negativas e pessimistas frente aos obstáculos vivenciados pelos docentes-pesquisadores podem conduzir o docente a desenvolver sentimentos de desesperança. Há uma relação extremamente necessária entre a esperança e a atividade educativa. A desesperança é a negação da esperança e uma das tarefas do educador é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança. Para Freire (2011) quando o educador luta, enquanto desesperançados ou desesperados, torna-se uma luta suicida e, portanto, sem um mínimo de

esperança não é possível sequer começar o embate. Dejours (2015) ao abordar o trabalho como fonte de tensão e de desprazer pontua o efeito no aumento da carga psíquica e sem possibilidade de alívio desta carga por meio das vias psíquicas, o trabalho dá origem ao sofrimento e à patologia. Nesse sentido, a insatisfação no trabalho é uma das formas fundamentais de sofrimento no trabalho.

Os docentes-pesquisadores deste estudo tornam-se eventualmente desesperançosos, cansados, estressados, mas apresentam diversas ações para serem ativos, satisfatórios com seu trabalho na medida em que se evidencia resistências ao que é posto como más condições de trabalho. As diferentes formas de resistência e as estratégias de enfrentamento, a luta diária por melhores dias de trabalho certamente são a mola propulsora para seguir o trabalho. As cargas de trabalho existem, mas os professores encontram saídas para a precarização e produção, principalmente quando relacionado ao estudante e até mesmo porque sem esperança não haveria história apenas determinismo.

Em algumas condições de trabalho surge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, cheia de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização de trabalho que ignora os trabalhadores e que exerce sobre eles o desgaste. Nesse sentido, o sofrimento de natureza psíquica começa quando o trabalhador já não pode fazer nenhuma modificação na sua tarefa no sentido de torná-la mais satisfatória conforme às suas necessidades fisiológicas e a seus desejos psicológicos (DEJOURS, 2015). A Organização Internacional do Trabalho (OIT) ao reconhecer a importância do trabalho docente na sociedade o considerou como um trabalho decente, pois os professores são responsáveis pelo preparo do cidadão para a vida (OIT, 1984). Na concepção da OIT, o trabalho decente é aquele que oferta oportunidades para que as pessoas possam ter um trabalho de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humana. Cabe a reflexão: os docentes-pesquisadores tem um trabalho decente na contemporaneidade?

Pesquisa realizada com 189 professores de uma universidade pública demonstrou resultados no qual os docentes apresentam exaustão emocional, considerando sintomas como nervosismo, estresse, cansaço mental, esquecimento, insônia, entre outros revelando importantes indicativos sobre como os processos de trabalho atualmente em cursos de instituições universitárias públicas brasileiras interferem na saúde de professores. Segundo autores tem sido pequena a atenção

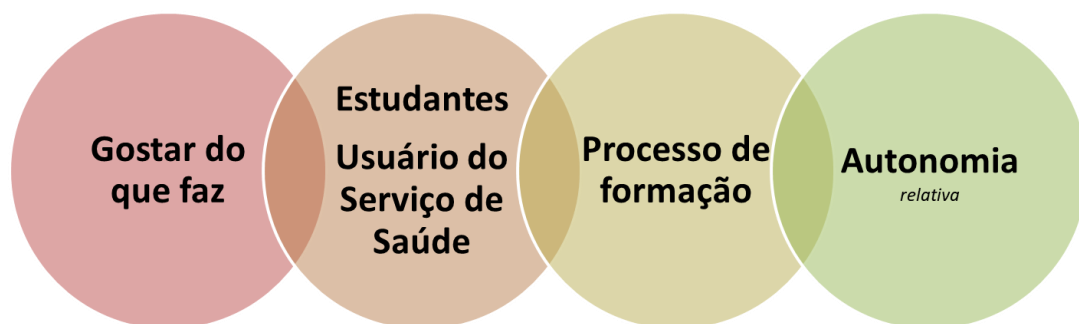
das autoridades governamentais e dos dirigentes institucionais para um quadro crescente de mal-estar entre os docentes, tanto em termos físicos, psíquicos como interpessoais (LIMA-LIMA; FILHO, 2009).

Ao avaliar a configuração do processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da área da enfermagem apontam-se as condições de trabalho como aspecto intensificador de carga de trabalho, com produção de efeitos de ordem fisiológicos e psíquicos. Condições inadequadas de trabalho na universidade vem ocasionado um estado de tensão, ansiedade e estresse e, ainda assim, identifica-se trabalhadores resilientes que buscam desenvolver da melhor maneira possível o seu trabalho.

5.3 Esperança e motivação para o trabalho do professor: o que suaviza as cargas de trabalho?

Entre os aspetos que se destacaram como fontes que amenizam as cargas de trabalho, encontram-se elementos ligados aos estudantes, aos usuários dos serviços de saúde, a gostar do que se faz e a autonomia (relativa) na organização do próprio processo de trabalho. São estes aspectos que amenizam as cargas de trabalho dos docentes-pesquisadores, trazem esperança e motivação para o trabalho e suavizam a intensidade e o ritmo fatigante do trabalhador.

Apresenta-se na figura 6 os elementos que amenizam a carga de trabalho:



Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2017.

Identificou-se no processo de coleta e análise de dados que apesar dos professores manifestarem múltiplas cargas de trabalho nas entrevistas, os aspectos que diminuem as cargas se sobressaem às falas emocionadas dos professores quando comparado com os desgastes que os aspectos potencializadores de carga provocam.

O trabalho com estudantes cotidianamente motiva o professor na sua tarefa profissional. É o estudante que traz sentido ao trabalho docente, traz movimento, incentivo, é desafiador e transformador, pois mobiliza o professor a 'mudar o mundo'.

Uma coisa que me apaixona no trabalho docente é o trabalho com os alunos, tenho certeza! Primeiro que trabalhar com jovem é muito bom, porque eles têm uma esperança de mudar o mundo e que eu acho que é própria da juventude e isso é maravilhoso [...] quem é que acredita que pode mudar o mundo se não são os jovens? Então eu acho que o jovem ele traz essa coisa desafiadora de criar, de ter o desejo, de transformar, de poder ver as coisas de outra maneira, de questionar, eu acho que isso é muito rico. Isso produz um movimento e faz a gente recuperar um pouco o sentido da vida. Não é estar estático né? O sentido da vida é mesmo gerar esse movimento. Então o aluno é uma coisa que me motiva muito, porque eu acho que essa sede que ele tem de produzir mudanças para melhor, desenvolver melhores relações, de descobrir coisas, de gerar dúvida, é algo muito instigante, é uma coisa que eu gosto muito no trabalho. E9

A relação com o estudante é a motivação fundamental para o docente dar prosseguimento ao trabalho, pois potencializa o seu desempenho e sua autorealização. O prazer no trabalho surge do bem que o trabalho produz no corpo, na mente e nas relações sociais do trabalhador e se manifestam por meio da gratificação, da realização e do reconhecimento no trabalho possibilitando a identidade e a expressão da subjetividade (FREITAS; FACAS; 2013). A atividade de trabalho é um processo dialético: de um lado, o sujeito trabalhador que dá sentido ao que faz; e de outro, as situações de trabalho que impactam sobre as percepções desse trabalhador em relação ao todo no contexto de trabalho. Existem inúmeras adversidades no trabalho docente, mas estas são superadas pela força motriz que é o estudante.

Até hoje eu não desisti porque os estudantes me dão um retorno muito positivo no meu trabalho [...] E2

A ação do trabalho docente tem como foco o estudante que ameniza a carga de trabalho e torna-se o objeto de trabalho. Para Marx (2011), o objeto de trabalho é um dos elementos constituintes do processo de trabalho, traduzido como aquilo que se aplica o próprio trabalho, ou seja, aquilo sobre o qual incide a ação do trabalhador e que ao final do processo estará modificado (MARX, 2011). O trabalho docente, concomitante à sua dimensão social, é um trabalho emocional no qual está implicado a ação e o sentimento (VIEIRA; FONSECA, 2017). Nessa perspectiva, há

que se considerar que professor da enfermagem é um docente que transita nas dimensões do trabalho em saúde e em educação e vivência múltiplos cenários de trabalho por meio de campos de prática de estágio em diferentes serviços de saúde.

Desse modo, outro aspecto que reduz as cargas de trabalho é a atuação do professor em campos de práticas de estágio com os estudantes e o trabalho com os usuários dos serviços de saúde.

Eu adoro o serviço de saúde, porque eu adoro trabalhar com os pacientes, eu tenho uma paixão. Isso é uma coisa positiva. Gosto de ir ao campo de estágio gosto de trabalhar com os usuários, gosto de estar lá com os alunos, não é um lugar que me gere nenhum tipo de desconforto. É mais difícil a reunião de departamento que tem mais disputas, mais tensão que, por exemplo, ir para o campo de estágio ou ir para aula, que para mim não é um problema [...] o trabalho com o aluno nos serviços de saúde é diferente, tu tem ali uma pessoa que está querendo crescer e que de alguma forma tu pode ajudar aquela pessoa a crescer. Isso é maravilhoso.
E9

Diminui a minha carga de trabalho o contato com o aluno, com os pacientes, por que uma tarde com os alunos nos serviços de saúde, eu saio cansada fisicamente, mas feliz, saio muito bem. Os estudantes me motivam, eles que me animam para voltar e para seguir dando conta. Posso dizer que o que diminui mesmo é troca, o diálogo com o estudante, tanto na graduação como na pós-graduação. E8

O objeto de trabalho sobre o qual os profissionais de enfermagem se debruçam para executar o seu trabalho é o ser humano (SOUZA; *et al.*; 2010). Desse modo, no campo da saúde o objeto de trabalho é o indivíduo, saudável, doente ou com possibilidades de adoecer (JACONDINO, 2012). No âmbito da educação o professor tem como objeto de trabalho o estudante (KONRATH; TAROUÇO; BEHAR, 2009) e ensinar é a finalidade do seu trabalho (referência, ano). Para Tardif (2013) o objeto de trabalho do docente é também social. Essa afirmação pode ser compreendida na medida em que o social torna-se devolver um produto de qualidade, ou seja, oportunizar um enfermeiro eficiente e eficaz a sociedade respondendo as necessidades da comunidade e do Sistema Único de Saúde.

Para atingir o objetivo de acesso universal em saúde, portanto, é necessário olhar para quem realiza o trabalho, como o realiza e em que condições, nos diferentes cenários histórico-sociais. Nesse sentido, a análise das cargas de trabalho presentes no modo de trabalhar é um caminho promissor para orientar a prestação

de cuidados aos usuários e, conseqüentemente, melhorar a qualidade do acesso aos serviços de saúde (PIRES; *et al.*, 2016).

O docente-pesquisador trabalha com estudantes que são singulares e heterogêneos, com histórias e memórias diferentes, ritmos, interesses necessidades e afetividades diversas. Essa perspectiva torna o cenário de trabalho no ensino complexo, único, imprevisível em generalizações ou esquemas pré-definidos de ação. Nesse sentido, confirma-se, novamente, que além de individual, o objeto do trabalho docente é também social (LIBARDI, 2015).

Outro aspecto que reduz a carga de trabalho é quando o professor identifica que o discente supera os desafios, atinge o aprendizado mesmo com as dificuldades enfrentadas no semestre e tem um crescimento profissional mediante o seu trabalho desenvolvido. O retorno positivo é que o docente reconhece a importância do seu trabalho e por meio disso recupera as energias do corpo e da mente para seguir trabalhando.

Um aspecto que diminui minha carga de trabalho é quando eu estou com o aluno, quando eu vejo que ele tem uma dificuldade, mas conforme vai passando o semestre, a gente vai dando mais demandas e ele vai conseguindo superar as suas dificuldades, isso é muito bom e parece que diminui a minha sobrecarga. E aí eu não saio cansada da minha atividade, eu saio é energizada. E16

A finalidade do trabalho é que dá sentido a ação, é a razão pela qual ele é feito e, é a partir desta finalidade que se constrói um projeto de trabalho para atender alguma necessidade (MARX, 2011). Todo o trabalho humano possui fins, que se manifestam sob diferentes formas no decorrer da atividade: motivos, intenções, objetivos, planos, programas, planejamento, etc. Esses fins podem ser formalmente declarados desde o início ou mudar durante a ação com a experiência do trabalhador (TARDIF, 2013).

Cada professor constrói uma trajetória singular no processo de desenvolvimento e formação do seu perfil profissional. O exercício do trabalho docente é um processo marcado por êxitos, dificuldades, sofrimentos. Mas, inclui também o sentimento de paixão pelo que se faz de orgulho de pertença a uma categoria e classe social, sentimento de aceitação social da profissão no âmbito em que é realizada e nas dimensões psicossociais que são construídas (GRACIOLLI, 2015).

Perceber o crescimento do estudante ao longo da caminhada acadêmica e profissional é gratificante para os pesquisadores e parece dar sentido ao trabalho.

É muito positivo observar o crescimento dos estudantes. Tem muita gente que foi meu aluno e hoje é minha colega de trabalho! Então, é maravilhoso isso. Alunas que foram minhas e que estão em cargos de chefia, de administração, que estão em outras universidades, isso gratifica muito. É o sentimento de dever cumprido, é um tijolinho que cada um de nós contribui no semestre que vai formar aquela parede, que teve um alicerce e nem toda parede vai chegar até o final, porque precisa outras tecnologias, outros arremates. Me gratifica muito ser professor. Então esse tipo de coisa que recompensa, muitas vezes não é só o dinheiro. E17

O trabalho docente, que é um trabalho interativo, tem também uma dimensão afetiva envolvida e essa afetividade pode funcionar como elemento facilitador no processo de ensino-aprendizagem (PASSOS, 2007). Estudo desenvolvido revelou como a principal motivação dos professores, o processo de interação com os estudantes, em como estes se desenvolvem, aprendem e valorizam o trabalho do professor (BARREIROS, 2008).

É também elemento que ameniza as cargas de trabalho gostar do que faz, e vislumbrar a satisfação do discente no cumprimento do fazer docente ao ministrar uma aula teórica ou uma aula prática concretiza o prazer em ensinar.

É aspecto positivo no trabalho quando você sai daqui sabendo que você cumpriu o seu dever com satisfação; por exemplo, hoje eu dei uma aula boa, eu vi que os alunos gostaram pelas expressões faciais, hoje a prática foi boa, por que a gente teve bastante procedimentos e todos eles conseguiram desenvolver e saíram muito satisfeitos, isso é positivo, isso eu posso te dizer que a gente sai energizados, te dá prazer de trabalhar. E16

A satisfação no trabalho é um aspecto que tem efeito sobre os estados motivacionais dos professores, estimula o entusiasmo e o comprometimento (RAMOS; et al.; 2016). Aspectos positivos da docência como a motivação e o desejo materializado na relação com os colegas e nos agradecimentos de alguns estudantes foram resultados de outra pesquisa feita com docentes universitários (GRACIOLI, 2015).

O prazer que a atividade proporciona é uma constante no discurso sobre o sentido do trabalho de professor e a realização profissional indica que o prazer dos docentes está associado ao orgulho pelo que fazem e à identificação com as tarefas (VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013).

Nos depoimentos dos participantes desta investigação, apesar do esgotamento manifestado, gostar do que se faz é aspecto que suaviza as cargas de trabalho.

Foi o que eu decidi fazer e isso me traz muita satisfação, embora eu me sinta muito cansada as vezes! É uma coisa que eu gosto muito de fazer, tenho muito, muito prazer mesmo de estar trabalhando [...] é trabalhoso, é cansativo, mas a gente tem conseguido bons resultados no final e isso é uma coisa que te estimula a continuar, é cansativo mas o resultado acaba satisfazendo, equilibrando. Contrapondo na balança é o que te faz não parar ou não diminuir o trabalho. E11

Eu sei que eu me sobrecarrego bastante ao longo da semana, mas o que me motiva: eu gosto muito do que eu faço [...] E4.

Os professores revelam que um dos elementos que existem para não parar de trabalhar é justamente gostar do que faz. Essa questão evidencia que embora o profissional tenha muitos enfrentamentos no seu espaço de trabalho, acaba por laborar tendo em vista que é motivacional gostar do que faz.

Sabe-se que o ensino é uma prática social concreta, dinâmica, multidimensional, interativa, e imprevisível. É um processo que sofre influências de aspectos econômicos, psicológicos, técnicos, culturais, éticos, políticos, institucionais, afetivos, estéticos. (PASSOS, 2007). Além disso, o trabalho do professor universitário vem passando por transformações profundas, em consequência da economia de mercado global e do surgimento de novas tecnologias, que propiciam a incorporação de contínuas exigências à atividade docente com impacto no fazer dos trabalhadores (VILELA, GARCIA, VIEIRA; 2013).

Outro elemento que foi identificado como aspecto atenuante de carga de trabalho foi a flexibilização do trabalho e a possibilidade de gerenciar o seu trabalho na medida em que organizam o tempo disponível para as leituras de trabalhos acadêmicos, rearranjo de disponibilidade de aula e distribuição de disciplinas na pós graduação. Entretanto, identifica-se uma falsa autonomia no processo de trabalho, no qual o docente-pesquisador não tem consciência da intensificação laboral que vivência, e imagina estar no controle do seu trabalho.

O novo modelo gerencial adotado pelas instituições públicas de ensino superior reproduziu no âmbito universitário as características próprias do trabalho flexível, impondo uma nova lógica às rotinas acadêmicas e influenciando totalmente o trabalho docente (VILELA, GARCIA, VIEIRA; 2011).

Os desafios para o trabalho docente são muitos e infinitos são os elementos que elevam a carga de trabalho. Porém, os professores parecem potencializar os elementos que suavizam as cargas para avançar, trabalhar e crescer na enfermagem. Apesar disso,

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da proposta de tese, os docentes-pesquisadores de duas instituições públicas de ensino superior tiveram oportunidade de refletir acerca do seu processo de trabalho ao elencar aspectos potencializadores e atenuantes de carga de trabalho.

A tese apresentada foi confirmada: no processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da enfermagem as principais fontes de aumento de cargas de trabalho advêm da intensificação do ritmo de trabalho, da pressão por produção científica, da falta de valorização profissional e das relações de trabalho competitivas, de ego, de poder e de vaidade dentro da universidade. Os docentes tem apresentado desgastes, estresse crônico, adoecimentos e tensão contínua por supervisão e cobrança pelos gestores e pelo sistema de regulação da Pós-Graduação. No entanto, esse mesmo processo de trabalho apresenta elementos que suavizam as cargas de trabalho, sendo a relação do docente com o estu-
dante que motiva e promove esperança para o professor.

A intensificação do trabalho e a demanda excessiva de atividades foram apontados como elementos que mais potencializam as cargas de trabalho. Os elementos que elevam a carga psíquica de trabalho são preponderantes frente aos demais aspectos.

Levar trabalho para casa tornou-se rotina do docente, que mediado pela multitarefa menciona não ter tempo disponível para preparação de aulas, para leituras das pesquisas que realiza, para orientação de trabalhos de conclusão de curso, para cumprir com o tripé ensino, pesquisa e extensão, para exercer com excelência as atividades de graduação e pós-graduação.

Os entrevistados confessam timidamente que o processo de trabalho como está afeta as relações familiares e amorosas, prejudicar sua qualidade de vida e

promove adoecimentos. Adoecer é consequência da convivência com os elementos que elevam a carga psíquica, fisiológica, física e mecânica. A maioria dos pesquisadores verbaliza e apresenta ansiedade, angústia, aflição e estresse crônico, exemplo típico da sociedade capitalista; a consciência individualizada do desgaste parecer existir, embora ainda, muito velada e encoberta. O professor vislumbra a origem ou aceleração no processo de produção, na forma como vem trabalhando, mas poucos admitem dar períodos de pausa, pois denunciam a vergonha em adoecer ou suspender o trabalho e permanecem em silêncio e na solidão.

Trabalhar mais do que 40 horas semanais tem sido hábito normalizado, cultuado e institucionalizado pelo docente-pesquisador e revela-se como aspecto que eleva a carga psíquica na medida em que o professor identifica tal situação e exterioriza não querer mais trabalhar dessa maneira. O sono prejudicado para dar conta das múltiplas tarefas e o alto ritmo são externados pelo docente que sinaliza desgastes provenientes do trabalho.

A falta de reconhecimento e valorização do trabalho dos docentes-pesquisadores foi também apontada como elementos que aumenta a carga psíquica e sinalizam a necessidade de reconhecimento pelo trabalho árduo de pesquisa pelos pares, pela gerência e pela universidade. Revelam reconhecimento do trabalho apenas pelo estudante, muito embora mantem-se a dúvida se este docente não maximiza essa satisfação e extrai do estudante, o que não é oferecido pela instituição.

Os conflitos na divisão do trabalho foram considerados componentes potencializadores de cargas psíquicas no processo de produção do docente-pesquisador. A divisão do trabalho é exteriorizada como inadequada e injusta entre a categoria e muitas vezes culpam a gerência pela divisão inapropriada. Alguns verbalizam trabalhar mais do que os outros colegas que laboram nas atividades de graduação. Mencionam ainda sobre o comprometimento entre os pares que não é unívoco e provoca de certa maneira mais trabalho para quem se percebe como responsável e comprometido com a produção do conhecimento.

Dificuldades no relacionamento e descontentamento com a gerência é aspecto que acarreta carga psíquica, sendo promovido pela falta de cobrança por parte dos gestores quanto aos critérios estabelecidos na pós-graduação para o cumprimento de metas e quanto à ausência de planejamento no semestre.

Por outro lado, assumir cargos administrativos, de gerência, foi sinalizado como elemento que eleva a carga psíquica pela percepção do gestor frente a sobrecarga ao assumir múltiplas funções, muito embora questiona-se o preparo gerencial das funções assumidas por estes trabalhadores.

Os docentes-pesquisadores denunciam elementos que aumentam a carga psíquica relacionadas à necessidade de cumprir com as metas de avaliação de artigos de revista científica, pressão prolongada por produção textual, cobrança pelos colegas, chefia e sistema de regulação para a manutenção de excelência do currículo lattes e expõem o medo de não fazer parte do grupo, por deixar de compor a pós-graduação ao não atingir as metas preconizadas pelo sistema de regulação da CAPES.

As condições de trabalho também foram consideradas aspecto que aumentam a carga de trabalho física e mecânica. A temperatura, a umidade, a ventilação, o espaço inadequado de sala de aula e de orientação para os estudantes, apontando potencial para o desgaste do trabalhador. Igualmente revelado foram a falta de recursos humanos, materiais, computadores obsoletos, biblioteca específica da área, o difícil acesso a internet na universidade, a ergonomia e precarização de cadeiras e mesas e a ambiência de forma geral foram cargas físicas, mecânicas, fisiológicas e psíquicas de trabalho manifestadas.

As relações de trabalho no âmbito da universidade foram declaradas elemento potencializador de cargas psíquicas, pois são estabelecidas na base da competitividade, de empoderamento, ego, disputas, vaidade, inveja e constrangimentos.

A possibilidade de relações solidárias é constituída na medida em que algum docente encontra-se em adoecimento e o coletivo de trabalhadores precisa necessariamente assumir mais tarefas; ou é estabelecida em grupos de pesquisa, relações que amenizam o trabalho e possibilitam suavizar as cargas, quando todos se fortalecem não somente para a produção textual, mas também para manter alguma relação de amizade extramuros da universidade. Nesse sentido, o fortalecimento dos grupos de pesquisa são estratégias saudáveis para a manutenção de relações menos conflituosas e competitivas na universidade.

A sistemática de produção da pós-graduação e a cobrança pelo sistema de regulação deve ser revista no sentido de amenizar o desgaste dos docentes para comporem uma pós-graduação e para não tornar a ciência uma forma de

mercantilização em prol do modelo capitalista que visa, desde sempre, a mais valia do trabalhador em função da manutenção da ordem mundial e do capital.

A autonomia no processo de trabalho do docente-pesquisador foi considerada por poucos como aspecto atenuante de carga de trabalho. O docente verbaliza arranjar o seu trabalho, e diz assumir o comando das demandas, decidir quanto ao tempo e forma de cumprimento das tarefas e manter um ritmo equilibrado de vida. Contraditoriamente, muitos professores abordam a decisão categórica do cumprimento excessivo da carga de trabalho em função da multiplicidade de atividade, o que torna impossível o controle sobre o processo de trabalho por não ter visibilidade clara do seu produto, que é imaterial e superqualificado. O não controle do processo de trabalho é exemplo tipificado da modelo de organização capitalista de produção. Desse modo, traduziu-se em uma autonomia relativa no processo de trabalho.

Nesse sentido, ratifica-se o que foi colocada como pressuposto inicial de que aspectos relacionados a organização do trabalho capitalista são as principais fontes de aumento de cargas de trabalho: alto ritmo, produtividade, fragmentação do trabalho, perda do controle sobre o processo de produção e sobre o produto do trabalho, relações competitivas em virtude das atuais regras do jogo capitalista por reconhecimento social.

Do mesmo modo, confirma-se também que o segundo pressuposto de que o trabalho no âmbito universitário têm conduzido os professores ao desgaste contínuo, a ritmos fatigantes e produz, cada vez mais, elementos que elevam principalmente as cargas psíquicas do trabalho em função do cumprimento de metas de produção, da demanda excessiva de trabalho e a perda de limite do não-trabalho.

Entre os aspetos que se destacaram como fontes atenuantes de cargas de trabalho, encontram-se elementos ligados aos estudantes, aos usuários dos serviços de saúde, a gostar do que se faz e a autonomia relativa na organização do próprio processo de trabalho. São estes aspectos que amenizam as cargas de trabalho dos docentes-pesquisadores, trazem esperança e motivação para o trabalho e suavizam a intensidade e o ritmo fatigante do trabalhador. A relação com o estudante é a motivação fundamental para o docente dar prosseguimento ao trabalho, pois potencializa o seu desempenho, a sua autorealização e sua valorização profissional, o que igualmente confirma o terceiro pressuposto de que trabalhar com estudantes é a maior motivação para o professor porque os estudantes expressam mais

facilmente o reconhecimento do trabalho docente, elemento significativo para reduzir a cargas de trabalho.

Este estudo aponta que é imperativo um olhar sensível para os docentes-pesquisadores que revelam elementos que elevam as cargas psíquicas, fisiológicas, mecânicas e físicas podendo conduzi-los a inúmeros desgastes e a adoecimentos, além dos que já apresentam. Políticas com foco no fazer dos docentes se faz necessária, que considere a singularidade e complexidade da prática de um docente-pesquisador que transita em múltiplos cenários da educação e dos serviços de saúde.

Os docentes-pesquisadores deste estudo estão desesperançosos, cansados, estressados, ansiosos, manifestam adoecimento e imaginam estarem vivenciando um processo individual, quando é coletivo. Apesar disso revelam vontade de mudança por um processo de trabalho com mais qualidade de vida e menos sofrimento e apontam algumas estratégias de enfrentamento, tal como ampliação de recursos humanos pela universidade, dimensionamento de pessoal, na perspectiva de melhorar a divisão do trabalho, feedback pelos gestores com reconhecimento do Trabalho, departamentos que tenham como foco ações proativas de saúde do trabalhador, gestores mais capacitados e uma divisão de trabalho de modo planejado com envolvimento e participação de todos.

Apesar disso, aposta-se que os docentes-pesquisadores da área da enfermagem são educadores estratégicos para as mudanças desse processo velado de produção dentro da universidade tendo em vista que são profissionais da saúde, desde sempre preocupados com a saúde da coletividade.

A escolha da abordagem qualitativa e da entrevista semiestruturada como instrumento para a coleta dos dados possibilitou aprofundamento sobre a temática. Muito embora se reconhece certa limitação quanto a possibilidade de utilização de mais uma técnica de coleta de dados. Sugere-se inúmeros estudos em outras áreas do conhecimento na linha de saúde do trabalhador para ampliar as discussões sobre o assunto dentro da universidade.

Os resultados desta pesquisa podem servir como base para repensar políticas de qualidade de vida no trabalho, incluindo-se repensar sobre a política de saúde do servidor público, de formas de gestão, de maneiras mais saudáveis de trabalho em termos de relações humanas em uma pós-graduação. Sugere-se que outros estudos sejam realizados para investigar o processo de trabalho dos

docentes-pesquisadores das universidades públicas brasileiras com vista ao qualificar as práticas institucionais, para amenizar as cargas de trabalho e fortalecer elementos que suavizam as cargas dos docentes-pesquisadores.

Nesse sentido, é tanto desafiante quanto oportuno discutir sobre o processo de trabalho de docentes-pesquisadores da área da enfermagem na busca por identificar aspectos que aumentam e diminuem as cargas de trabalho. A reflexão do processo de trabalho pelos docentes-pesquisadores da enfermagem pode induzir a mudanças na organização do trabalho universitário e qualificar a vida do trabalhador.

Referências

ALMEIDA, M. C. P.; ROCHA, S. M. M. **O trabalho de enfermagem**. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

AMORIM, Henrique. **Trabalho Imaterial**: Marx e o Debate Contemporâneo. 1ª ed. v.1. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010.

ANDES - Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. **Produtivismo acadêmico está acabando com a saúde dos docentes. Portal Andes, 22/11/2011**. Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=5020>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2011

ARAÚJO, T. M.; SENA, I. P.; VIANA, M. A.; ARAÚJO, E. M. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v.29, n.1, p.6-21, jan./jun. 2005.

ARRIERI, Alexandre de Pádua; AGUIAR, Ana Rosa Camillo; DINIZ, Ana Paula Rodrigues. Reflexões sobre o indivíduo desejante e o sofrimento no trabalho: o assédio moral, a violência simbólica e o movimento homossexual. **Cad. EBAPE.BR** Rio de Janeiro , v.11, n.1, p.165-180, Mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512013000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jun. 2017.

AZAMBUJA, Eliana Pinho de. **É possível produzir saúde no trabalho da enfermagem?** um estudo sobre as relações existentes entre a subjetividade do trabalhador e a objetividade do trabalho. 2007. 276f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Santa Catarina, 2007.

AZAMBUJA, Eliana Pinho de.; PIRES, Denise Elvira Pires de; CEZAR VAZ, Marta Regina; MARZIALE, Maria Helena. É possível produzir saúde no trabalho da enfermagem?. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v.19, n.4, p.658-

666, Dez. 2010. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jul. 2015.

BARREIROS, J. L. **Fatores que influenciam na motivação de professores**. 2008. 105f. Monografia (Graduação em Psicologia) UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008.

BASSO, Itacy Salgado. Significado e sentido do trabalho docente. **Cad. CEDES**, Campinas, v.19, n.44, p.19-32, Abr. 1998. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 mar. 2015.

BECKERS, D. G. J.; VAN HOOFF. M. L. M.; VAN DER LINDEN, D.; KOMPIER, M. A. J.; TARIS, T. W.; GEURTS, S. A. E. A diary study to open up the black box of overtime work among university faculty members. **Scandinavian Journal of Work, Environment & Health**, 2008.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v.15, n.1, p.81-100, jun. 2012. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172012000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 jul. 2015.

BRASIL. **Resolução COFEN Nº 311/2007**. Aprova a Reformulação do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Brasília: COFEN, 2007.

BRASIL. **Portaria nº 81, de 3 de junho de 2016**. Define as categorias de docentes que compõem os Programas de Pós-Graduação (PPG's) *Stricto Sensu*. Ministério da Educação, 2016. Disponível em:
<http://capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/06062016-PORTARIA-N-8-De-3-DE-JUNHO-DE-2016.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2017.

_____. **Resolução nº466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde**. Brasília: CNS; MS, 2012. Disponível em:
<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2015.

_____. **Portaria normativa nº 03, de 25 de março de 2013**. Institui as diretrizes gerais de promoção da saúde do servidor público federal, que visam orientar os órgãos e entidades do Sistema de Pessoal Civil da Administração Federal - SIPEC. Brasília: D.O.U., 27/03/2013. Disponível em:

<http://www.trtsp.jus.br/geral/tribunal2/ORGAOS/Min_Div/MPOG_PortNorm_03_13.html> Acesso em: 20 abr. 2017.

_____. **Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação | 2016-2019.** Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional. Brasília: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2016.

_____. **Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG – 2011- 2020/CAPES.** Brasília: CAPES, 2010.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista:** a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

BRITO, Jussara Cruz de. Trabalho Prescrito. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**, 2009. Disponível em: <<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/trapre.html>> Acesso em: 15 mai. 2015.

BERVIAN, P. A; CERVO, A. L. **Metodologia científica.** 6ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, v.26, n. spe., p.129-139, 2014.

BORSOI, I. C. F. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. **Cad. psicol. soc. Trab**, v.15, n.1, p.1-20, 2012.

BUENDÍA, J. Radiografía del mobbing en el centro de estudios. **Mobbing opinion: Boletín de noticias sobre acoso psicológico**, nov. 2003.

CAMPOS PIRES, M. F. O materialismo histórico-dialético e a Educação. Mesa-redonda Paradigmas de Interpretação da Realidade e Projetos Pedagógicos. Disciplinas de Pedagogia Médica e Didática Especial dos Cursos de Pós-graduação da Faculdade de Medicina da UNESP, campus de Botucatu, em agosto de 1996.

CANDIDO, A.; BEZERRA, A. P.; BALDIJÃO, C. E. M. *et al.* Editorial UNIVERSIDADE E SOCIEDADE, **Univ. Soc.**, Brasília, ano XIX, n.45, p.8-233, jan. 2010.

CAPELLA, B. B. **Uma abordagem sócio-humanista para um “modo de fazer” o trabalho de enfermagem**. Pelotas: UFPEL; Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFSC; 1996.

CAPES. Avaliação. **Documentos de área - Enfermagem**. Brasília: CAPES, 2009. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/documentos-de-area-/3270>>. Acesso em: 10 jan. 2013

CAPES. **Competências**. CAPES, 11/05/2012. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/80-conteudo-estatico/acesso-a-informacao/5418-competencias>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

CAPES. **Portaria nº 174, de 30 de dezembro de 2014**. Define as categorias de docentes dos PPG's como Permanente, Visitante e Colaborador. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: : <http://www.propg.ufscar.br/news/portaria-no-174-de-30-de-dezembro-de-2014-da-capes-sobre-professor-permanente-visitante-e-colaborador> Acesso em: 25 ago 2017.

CARLOTTO, Mary Sandra; PIZZINATO, Adolfo. Avaliação e interpretação do mal-estar docente: um estudo qualitativo sobre a Síndrome de Burnout. **Rev.Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v.13, n.1-2, p.195-220, jun. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai. 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 9ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

COHN, Amélia; MARSIGLIA, Regina G. Processo e Organização do Trabalho. In: BUSCHINELLI, José Tarcísio P.; ROCHA, Lys Esther; RIGOTTO, Raquel Maria (orgs). **Isto é trabalho de gente?:** vida, doença e trabalho no Brasil. São Paulo: Vozes, 1993. p.56-75.

CORREIA, Fabio de Paula. **Carga mental e ergonomia**. 2003. 167f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2003.

COUTINHO, Maria Chalfin; DAL MAGRO, Márcia Luiza Pit; BUDDE, Cristiane. Entre o prazer e o sofrimento: um estudo sobre os sentidos do trabalho para professores universitários. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.13, n.2, p.154-167, 2011.

COUTINHO NETO, Oscar Bandeira. **Estudo sobre cargas de trabalho e processo de desgastes dos auxiliares de enfermagem em um hospital Universitário de Pernambuco**. 1998. 57f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Rio de Janeiro, 1998.

CORTEZ, Pedro Afonso Cortez; SOUZA, Marcus Vinícius Rodrigues de Souza; AMARAL Laura Oliveira; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. **A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente**. Cad. Saúde Colet., 2017, Rio de Janeiro, 25 (1): 113-122. Disponível em ; <http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v25n1/1414-462X-cadsc-1414-462X201700010001.pdf> ;Acessado em : julho, 2017.

CRUZ, R. M.; LEMOS, J. C.; WELTER, M. M.; GUISSO, L. Saúde docente, condições e carga de trabalho. **Revista Electrónica de Investigación y Docência - REID**, p.147-160, Jul. 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 abr. 2013.

CURTY, Renata Gonçalves. **Produção intelectual no ambiente acadêmico**. Londrina: UEL/CIN, 2010.
CUPERTINO, Valéria; GARCIA, Fernando Coutinho; HONÓRIO, Luiz Carlos. prazer e sofrimento na prática docente no ensino superior: estudo de caso em uma IFES mineira. Trabalho & Educação. Belo Horizonte. v.23, n.3, p. 101-116, set-dez, 2014.

DAVID, Helena Maria Scherlowski Leal; MAURO, Maria Yvone Chaves; SILVA, Viviane Gomes; *et al.* Organização do Trabalho de Enfermagem na Atenção Básica: Uma Questão para a Saúde do Trabalhador. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.18, n.2, p.206-214, 2009.

DEJOURS, Christofer. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5ª ed. ampliada. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. A carga psíquica do trabalho. In: BETIOL, M. I. S. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994, p.21-32.

_____. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. v.1., 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996. p.149-174.

DEJOURS, Cristophe. **A Loucura do Trabalho**. Estudo de Psicopatologia do Trabalho. 6ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

_____; DESSORS, Dominique; DESRIAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v.33, n.3, p.98-104, jun. 1993. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901993000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 mai. 2017.

_____; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DE MEIS, L.; VELLOSO, A.; LANNES, D.; CARMO, M. S.; DE MEIS, C. The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, v.36, n.9, p.1135-1141, 2003.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília Souza de (Orgs.). **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 31^a ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

EMBIRUÇU, M.; FONTESB, C. H.; KALIDC, R. A. Um modelo para o dimensionamento do corpo docente para o apoio à tomada de decisão no planejamento de instituições de ensino superior. **Produção**, v.23, n.1, p.189-204, jan./mar. 2013.

ERDMANN, A. L.; FERNANDES, J. D.; LUNARDI, V. L.; ROBAZZI, M. L. C. C.; RODRIGUES, R. A. P. O alcance da excelência por programas brasileiros de pós-graduação stricto sensu com doutorado em enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.21, n.1, p.130-139, Jan./Mar. 2012.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: Editora EDUSC; 1999.

FELLI, V. E. A.; PEDUZZI, M. O trabalho Gerencial em enfermagem. In: KURCGANT, P. (Org.). **Gerenciamento em enfermagem**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Guanabra Koogan, 2012. p.1-13.

FELICETTI, V. L.; MOROSINI, M. C. Do compromisso ao comprometimento: o estudante e a aprendizagem. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p.23-44, 2010.

FERREIRA, M. M.; FERREIRA, C. Carga mental e carga psíquica em profissionais de enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, v.1, n. esp., p.47-52, 2014.

FONSECA, R. M. G.; EGRY, E. Y.; BERTOLOZZI, M. R O Materialismo Histórico e Dialético como Teoria da Cognição e Método para a Compreensão do Processo Saúde Doença. In: EGRY, E. Y.; CUBAS, M. R. (Orgs.). **O Trabalho da Enfermagem em Saúde Coletiva no Cenário CIPESC**. Curitiba: Associação Brasileira de Enfermagem - Seção Paraná, 2006. p.19-61.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes Necessários À Prática Educativa. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Lêda Gonçalves de; FACAS, Emílio Peres. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.7-26, abr. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun. 2017.

FRIAS JUNIOR, Carlos Alberto da Silva. **A saúde do trabalhador no Maranhão**: uma visão atual e proposta de atuação. 1999. 135f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio**. Bahia: Centro de Educação Tecnológica do Estado da Bahia, 2014.

FRUTUOSO, Joselma Tavares; CRUZ, Roberto Moraes. Mensuração da carga de trabalho e sua relação com a saúde do trabalhador. **Revis. Med. do Trab.**, Belo Horizonte, v.3, n.1, p.29-36, jan./jul. 2006.

FURG - Universidade Federal de Rio Grande. Site do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. [sem data de publicação]. Disponível em: <www.ppgenf.furg.br> Acesso em: 10 abr. 2015.

GARCIA, J. C. La categoría 'trabajo' en la medicina. **Cuadernos Médico Sociales**, Buenos Aires, n.23, p.5-19, 1983.

GELBCKE, Francine Lima. **Interface dos aspectos estruturais, organizacionais e relacionais do trabalho de enfermagem e o desgaste do trabalhador**. 2002. 269f. (Doutorado em Enfermagem) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GRACIOLI, Janete Tranquila. **Organização do Trabalho Docente no Ensino Superior e Subjetividade de Professores no Capitalismo Flexível**. 2015. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, Cidade Minas Gerais, 2015.

GRILLO, Ana Paula Rodrigues; BITTENCOURT, Antônio Virgílio Bastos; GUEDES, Sônia Maria Gondim. Comprometimento, Entrincheiramento e Regulação Emocional em Trabalhadores do Serviço Público. **Revista Científica Hermes**, n.8, p.23-46, jan./jun. 2013.

GUIDO, L. A.; LINCH, G. F. C.; PITTHAN, L. O.; UMANN, J. Estresse, coping e estado de saúde entre enfermeiros hospitalares. **Rev esc enferm USP**, v.45, n.6, p.1434-1439, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n6/v45n6a22.pdf>> Acesso em: 15 set. 2014.

HYPOLITO, Álvaro Moreira; GRISHCKE, Paulo Eduardo. Trabalho imaterial e trabalho docente. **Educação**, Santa Maria, v.38, n.3, p.507-522, set./dez. 2013.

_____; VIEIRA, Jarbas Santos; PIZZI, Laura Cristina Vieira. Reestruturação curricular e auto-intensificação do trabalho docente. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.2, p.100-112, Jul./Dez. 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional**. Censo, 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf> Acesso em: 15 jan. 2013.

IGUTI, Aparecida Mari. A traição nas relações de trabalho da Universidade. **Interface - Comunic, Saúde, Educ.**, v.6, n.11, p.89-104, ago. 2002.

JACONDINO, Michelle Barboza. **Objeto, finalidade e instrumentos de trabalho dos enfermeiros de um hospital de ensino**. 2012. 116f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

JBEILI, Chafic. **BURNOUT EM PROFESSORES**. Identificação, tratamento e prevenção. Cartilha informativa de prevenção à Síndrome de burnout em professores. Rio de Janeiro: SINPRORIO, 2011.

JUNTA, Cristiano. Estresse e depressão na pós-graduação: uma realidade que a academia insiste em não ver. **ANPG**, 3 abr. 2017. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/estresse-e-depressao-na-pos-graduacao-uma-realidade-que-a-academia-insiste-em-nao-ver/> Acesso em: 15 mai. 2017.

JUNIOR, João dos Reis Silva Júnior; SCHUGURENSKY, Daniel TRABALHO DO PROFESSOR NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA Hegemonia e Neoamericanismo. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 67, p. 5-22, mar2016 – ISSN: 1676-2584. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8645238/1328>. Acessado em: junho de 2017

KANAN, L. A.; ZANELLI, J. C. Envolvimento de docentes-gestores com o trabalho no contexto universitário. **Psicologia & Sociedade**, v.23, n.1, p.56-65, 2011.

KANNEBLEY JUNIOR, Sérgio; CAROLO, Murilo Damião; DE NEGRI, Fernanda. Impacto dos Fundos Setoriais sobre a produtividade acadêmica de cientistas universitários. **Estud. Econ.**, São Paulo, v.43, n.4, p.647-685, Dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612013000400002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 Jun. 2017.

KIRCHHOF, A. L. C.; LACERDA, M. R.; SARQUIS, L. M. M. S.; MAGNAGO, T. S.; GOMES, I. M. Compreendendo cargas de trabalho na pesquisa em saúde ocupacional na enfermagem. **Colomb Med.**, v.42, Supl.1, p.113-119, 2011.

KONDER, L. **O que é Dialética?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

KONRATH, Mary Lúcia Pedroso; TAROUCO, Liane Margarida R.; BEHAR, Patricia Alejandra. Competências: desafios para alunos, tutores e professores da EaD. **CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação**, v.7, n.1, Jul. 2009.

LACAZ, F. A. C. **Saúde do trabalhador**: um estudo sobre as formações discursivas da academia, dos serviços e do movimento sindical. 1996. 435f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

_____. Capitalismo organizacional e trabalho: a saúde do docente. **Univ. Soc.**, Brasília, ano XIX, n.45, p.51-59, 2010.

LARA, Ricardo. Saúde do trabalhador: considerações a partir da crítica da economia política. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v.14, n.1, p.78-85, Jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802011000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 mar. 2015.

LAURELL, A. C. Trabajo y Salud: estado del conocimiento. In: FRANCO, S. *et al.* (Orgs.). **Debates en Medicina Social**. Serie Desarrollo de Recursos Humanos, n.92. Quito: Organización Panamericana de la Salud – Asociación Latinoamericana de Medicina Social, 1991. p.228-236.

_____. (Coord.). **Para la investigación de la salud de los trabajadores**. Washington: Organización Panamericana de la Salud, 1993.

_____; NORIEGA, M. **Proceso de produção e saúde**. Trabalho e desgaste operário. São Paulo: Cebes/Hucitec, 1989.

LAZZARATO, Michel. **Trabalho imaterial**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LEITE, Andrea Ferreira; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé. Fatores condicionantes de saúde relacionados ao trabalho de professores universitários da área da saúde: uma revisão integrativa. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 42, e6, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572017000100204&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 23 July 2017.

LEMOS, Denise Vieira da Silva. Alienação no trabalho docente? o professor no centro da contradição. **Universidade e sociedade**, Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, DF, ano XIX, n.45, p.27-38, janeiro de 2010.

LIBARDI, Daniele Amstalden; **O papel do professor universitário na construção do conhecimento**. Revista Educação, Vol 13, n.15, 2010. Pg 1-18.

LOUZADA, R. C. R.; FILHO, J. F. S. Formação do pesquisador e sofrimento mental: um estudo de caso. **Psicologia em Estudo**, v.10, n.3, p.451-461, set./dez. 2005.

LUKÄCS, G. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. **Temas de Ciências Humanas**, v.4, p.1-18, 1978.

MANCEBO, Deise. Trabalho Docente: Subjetividade, Sobre implicação e Prazer. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.20, n.1, p.74- 80, 2007

MANCEBO, D.; MAUÉS, O.; CHAVES, V. L. J. Crise e reforma do Estado e da Universidade Brasileira: implicações para o trabalho docente. **Revista Educar**, Editora Curitiba, UFPR, v.37, n.28, p.37-53, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, Emilly Pereira; PINTO, Marina Barbosa. **Universidade e precarização: considerações sobre o processo de trabalho dos servidores da UFF. Universidade e Sociedade**, ano XIX, n.45, p.39-49, jan. 2010.

MARQUESIN, Denise Filomena Bagne, PENTEADO, Adriano Franco, BAPTISTA, Denise Cristina. O coordenador de curso da Instituição de Ensino Superior: atribuições e expectativas. **Rev.Educação**. v. XI, n. 12, p.7-21, 2008.

MARX, Karl. **O capital, livro I, capítulo VI (Inédito)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1989.

MENDES, Maria Luiza Maciel. Precarização do trabalho docente e seus efeitos na saúde dos professores da rede. **Questões controversas do mundo contemporâneo**, v.9, n.1, p.1-18, 2015.

MENDES, R.; DIAS, E. C. Da Medicina do Trabalho à Saúde do Trabalhador. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.25, n.5, p.341-349,1991.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria Galvão. Revisão integrativa: método de pesquisa para a

incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.17, n.4, p.758-764, Out./Dez. 2008. Disponível em: http://redenep.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/revisao_integrativa_metodo_de_pesquisa_para_incorporacao_de_evidencias_na_saude_e_na_enfermagem.pdf Acesso em: 2 jun. 2015.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Lesões por esforço repetitivo. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Rio de Janeiro. Editora Zouk, 2011. p.238-240.

_____; LAPIS, Naira Lima. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v.19, n.1, p.61-68, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 mar. 2015.

_____; TRAESEL, Elisete Soares; BAIERLE, Tatiana Cardoso. Trabalho imaterial e contemporaneidade: um estudo na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v.63, p.1-11, 2011.

MININEL VA, FELLI VEA, SILVA EJ, TORRI Z, ABREU AP, BRANCO MTA. Cargas de trabalho, processos de desgaste e absenteísmo-doença em enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* nov.-dez. 2013;21(6):1290-7. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n6/pt_0104-1169-rlae-21-06-01290.pdf

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14^a ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S. M. F. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.13, Supl.2, p.21-32, 1997.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v.14, n.41, p.269-280, maio/ago. 2009.

MONFREDINI, Ivanise. Algumas reflexões sobre o trabalho de professores pesquisadores no ensino superior brasileiro. **Comunicações**, Piracicaba, ano 20, n.1, p.7-26, jan./jun. 2013.

MOTA JUNIOR, Wiliam Pessoa da. **Os impactos do sistema “CAPES” de avaliação sobre o trabalho docente na pós-graduação: o caso da UFPA**. 2011. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

NOSELLA, P. Trabalho e educação. In: MINAYO-GOMEZ, C.; FRIGOTTO, G.; ARRUDA, M.; ARROIO, M.; NOSELLA, P. (Orgs.). **Trabalho e Conhecimento: Dilemas na Educação do Trabalhador**. São Paulo: Editora Cortez, 1989. p.27-42.

OIT - Organização Internacional do Trabalho. O que é trabalho decente? **OIT**, [sem data de publicação]. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/content/o-que-e-trabalho-decente>> Acesso em: 17 jul. 2013.

Oliveira BRG, Lopes TA, Viera CS, Collet N. O processo de trabalho da equipe de enfermagem na UTI Neonatal e o cuidar humanizado. *Texto Contexto Enferm*. 2006;15(spe):105-13.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Mudanças sociais no Brasil no início do século xxi: políticas públicas em educação que fizeram a diferença. **Revista Horizontes LatinoAmericanos**, v. 3, p. 37-47, 2015.

OLIVEIRA, Renato Almeida de. A concepção de trabalho na filosofia do jovem marx e suas implicações antropológicas. **Kínesis**, v.II, n.3, p.72-88, Abr. 2010.

OLIVEIRA, J. M.; SANTOS, P.F.; FELICIANO, R. G.; ASSIS, M. M.; CORTEZ, E. A.; VALENTE, G. S. C. Riscos e doenças ocupacionais do docente universitário de enfermagem: implicações na saúde do trabalhador. **R. pesq.: cuid. Fundam**, v.5, n.1, p.3267-3275, jan./mar. 2013.

OLIVEIRA, A. C.; FERREIRA, M. A. Editorial. O papel estratégico do corpo docente no programa de pós-graduação. **Esc Anna Nery**, v.15, n.2, p.227-229, jun. 2011.

OLIVEIR, Paulo Antônio Barros. Trabalho prescrito e trabalho real. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L (Orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. 2ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Zouk, 2011. p.461-464.

PASSOS, C. M. B. **Novos projetos pedagógicos para formação de professores: registros de um percurso**. 2007. 224f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007.

PENIN, Sonia. **Cotidiano e escola: a obra em construção**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

PINEL, I.; KURCGANT, P. Reflexões sobre competência docente no ensino de enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**, v.41, n.4, p.711-716, 2007.

PINTO, G. A. **A organização do trabalho no século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo**. 2ª ed. São Paulo. Expressão Popular, 2010.

PIRES, Denise. Reestruturação produtiva e conseqüências para o trabalho em saúde. **Rev.Brasil Enferm**, Brasília, v.53, n.2, p.251-263, abr./jun., 2000.

Pires DEP, Machado RR, Soratto J, Scherer MA, Gonçalves ASR, Trindade LL. Cargas de trabalho da enfermagem na saúde da família: implicações no acesso universal. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2016;24:e2677. [Acessado em 04 de julho de 2017; Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rlae/v24/pt_0104-1169-rlae-0992-2682.pdf

_____. **Reestruturação produtiva e trabalho em saúde no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.

_____; KRUSE, Maria Henriqueta; LUCE, Silva E. A enfermagem e a produção do conhecimento. **J Assoc Bras Enferm**, p.14-15, 2006.

PIZZIO, Alex; KLEIN, Karla. Qualidade de vida no trabalho e adoecimento no cotidiano de docentes do ensino superior. **Educ. Soc.**, Campinas, v.36, n.131, p.493-513, abr./jun., 2015.

POCHMANN, Márcio. Riqueza concentrada e trabalho em excesso. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p.3, 21 mar. 2008.

PRADO, C. **Ações e projetos de um corpo docente multiprofissional em um Curso de Graduação em Enfermagem**. 2005. 209f. Tese (Doutorado em enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PRESOTTO, Valim; FERREIRA, Maria Beatriz Guimarães; CONTIM, Divanice; SIMÕES, Ana Lúcia de Assis. Dimensões do trabalho do enfermeiro no contexto hospitalar Giovanna. **Rev Rene.**, v.15, n.5, p.760-770, set./out. 2014.

RAMOS, M. F. H.; FERNANDEZ, A. P. O.; FURTADO, K. C. N.; et al. Satisfação no trabalho docente: Uma análise a partir do modelo social cognitivo de satisfação no trabalho e da eficácia coletiva docente. **Estud. psicol.**, v.21, n.2, p.179-191, Jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2016000200179&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Jul. 2017.

REIS, E. J. F. B.; CARVALHO, F. M.; ARAÚJO, T. M.; PORTO, L. A.; SILVANY NETO, A. M. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cad Saúde Pública**, v.21, n.5, p.1480-1490, 2005.

RESENDE, M.R.S. **Formação e autonomia do professor universitário**: um estudo da Universidade Federal de Goiás. 2005. 206f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

RIBEIRO, Mara Regina Rosa; CIAMPONE, Maria Helena Trench. O debate acerca da complexidade dos objetos do trabalho docente na área de saúde. **Educação em Revista**, Marília, v.9, n.2, p.51-64, jul./dez. 2008.

ROCHA, Laurelize Pereira *et al.* Cargas de trabalho e acidentes de trabalho em ambiente rural. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v.24, n.2, p.325-335, Jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000200325&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Fev. 2017.

RODRIGUES, R. A. P.; ERDMANN, A. L.; SILVA, I. A.; *et al.* Educação doutorado em enfermagem no Brasil. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.6, n.4, p.665-671, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692008000400003&lng=en> Acesso em: 08 nov. 2011.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012.

ROWE, Diva Ester Okazaki; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; PINHO, Ana Paula Moreno. Múltiplos comprometimentos com o trabalho e suas influências no

desempenho: um estudo entre professores do ensino superior no Brasil. **o&s**. Salvador, v.20, n.66, p.501-522, Jul./Set. 2013.

_____. Organização e/ou carreira? Comparando docentes de IES's públicas e privadas quanto à estrutura de seus vínculos de comprometimento no trabalho. In: XXXI ENANPAD, **Anais...** Rio de Janeiro: ENANPAD, 2009. p.1-16.

SALES, C. B. **A comunicação interna em uma universidade: perspectivas e possibilidades**. 2013. 147f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2013.

SANTOS, João Henrique de Sousa; KIND, Luciana. Produtividade acadêmica e modulações no trabalho do pesquisador em Psicologia. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.22, n.1, p.223-244, abr. 2016.

SANTOS-FILHO, S. B. Um olhar sobre o trabalho em saúde nos marcos teóricos-políticos da saúde do trabalhador e do humaniza SUS. In: SANTOS-FILHO, S. B.; BARROS, M. E. B. (Orgs.). **Trabalhador da saúde**: muito prazer. Ijuí: Unijuí, 2007. p. 73-96.

SAVIANI, D. O trabalho como princípio educativo frente as novas tecnologias. In: FERRETTI, C. J. *et al.* (Orgs.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.1-15.

SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan; MUNARI, Denize Bouttelet; GELBCKE, Francine Lima; *et al.* Pós-Graduação Stricto Sensu em Enfermagem no Brasil: avanços e perspectivas. **Rev Bras Enferm.**, v.66, n. esp., p.80-89, 2013.

SENA, Ana Flávia de Jesus; LEMES, Alisséia Guimarães; NASCIMENTO, Vagner Ferreira do; ROCHA, Elias Marcelino da. Estresse e ansiedade em trabalhadores de enfermagem no âmbito hospitalar. **J Nurs Health**, v.5, n.1, p.27-37, 2015.

SGUISSARDI, V. A universidade neoprofissional, heterônoma e competitiva. In: MANCEBO, D.; FÁVERO, M. L. A. (Orgs.). **Universidade**: políticas, avaliação e trabalho docente. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p.33-52.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **Trabalho Intensificado nas Federais**: pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã Editora, 2009.

_____; _____. Trabalho intensificado na universidade pública brasileira. **Universidade e sociedade**, Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, DF, ano XIX, n.45, p.09-37, Jan. 2010.

SHIMIZU, H. E.; CIAMPONE, M. H. T. As representações sociais dos trabalhadores de enfermagem não enfermeiros (técnicos e auxiliares de enfermagem) sobre o trabalho em Unidade de Terapia Intensiva em um hospital-escola. **Revista da escola de enfermagem USP**, v.36, n.2, p.148-55, 2002.

SILVA, Clara Teixeira da. **Saúde do trabalhador**: um desafio para qualidade total no Hemorio. 2000. 156f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Isabel Cristina da; MAFRA, Flávia Luciana Naves. Trabalho Docente, Trabalho Decente ou Trabalho Doente? Reflexões sobre o Trabalho de Professores Universitários na Contemporaneidade. In: Anais VIII encontro de estudos organizacionais da ANPAD. **Anais...** Gramado: ANPAD, 2014. p.1-16

SILVA JUNIOR, João dos Reis. O professor pesquisador nas universidades públicas no contexto da internacionalização do capital: a produtividade do trabalho imaterial superqualificado. **Rev. Port. de Educação**, Braga, v. 22, n.1, p.145-177, 2009. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872009000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul. 2015.

_____; SGUISSARDI, Valdemar. Universidade Pública Brasileira no Século XXI: Educação superior orientada para o mercado e intensificação do trabalho docente. **Espacios en Blanco** - Serie indagaciones, n.23, p.119-156, Jun. 2013.

SILVA, Maria Júlia Paes da. Ciência da Enfermagem. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v.25, n.4, p.1-2, 2012.

SILVA, N. E. M.; FIGUEIRÊDO, D. S.; FREITAS, C. E. S.; ARAÚJO, T. M.; PARANHOS, I. S. Trabalho docente e saúde em uma instituição de ensino superior da Bahia. In: Seminário da Regulação Educacional e Trabalho Docente (REDESRAO), VI, 06-07 novembro 2006. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2006. p.1-13.

SILVA, Wellington dos Reis; CARVALHO, Nara Michele Santana. Mal estar docente: o adoecimento do professor universitário e suas implicações para o ensino. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 16, n.160, n.p., Set. 2011.

SILVA, Eduardo Pinto e. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 17, n. 1, p. 61-71, abr. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 abr. 2018.

SZNELWAR, Laerte Idal; UCHIDA, Seiji; LANCMAN, Selma. A subjetividade no trabalho em questão. **Tempo soc.**, São Paulo, v.23, n.1, p.11-30, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702011000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 Jun. 2017.

SOBOLL, L.A.P.; BERNARDINO, E.; SILVA, S. M.; FELLI, V. E. A. Evidências de desgaste do trabalhador de enfermagem relacionadas à organização do trabalho. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, ano 28, v.28, n.2, p.181-187, abr./jun. 2004.

SOBRAL; Erlenia; RAMOS, Samya Rodrigues. A “noite da desatenção” na cidade do conhecimento: os significados ético-políticos do produtivismo no cotidiano acadêmico. **Universidade e Sociedade**, Ano XIX, n.45, p.8-233, Jan. 2010.

SOUZA, S. S.; COSTA, R.; SHIROMA, L. M. B.; et al. Reflexões de profissionais de saúde acerca do seu processo de trabalho. **Rev. Eletr. Enf.**, v.12, n.3, p.449-455, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i3.6855>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

TAVARES, J. P.; BECK, C. L. C.; MAGNAGO, T. S. B. S.; ZANINI, R. R.; LAUTERT, L. Distúrbios psíquicos menores em enfermeiros docentes de universidades. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.20, n.1, p.1-8, jan./fev. 2012.

THOFEHRN, M. B.; LEOPARDI, M. T. Teoria dos vínculos profissionais: um novo modo de gestão em enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, v.15, n.3, p.409-417, Jul./Set. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000300004> Acesso em: 13 mai. 2015.

TRINDADE, Letícia de Lima. **Implicações de dois modelos assistenciais nas cargas de trabalho dos profissionais de saúde da atenção básica**. 2011. 237f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - UFSC, Florianópolis, 2011.

_____. Saúde do trabalhador: o referencial das cargas de trabalho como caminho de pesquisa e intervenções. **J Nurs Health**, v.5, n.1, p.1-3, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Bases teórico-metodológicas preliminares da pesquisa qualitativa em ciências sociais**: [ideias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa]. Coleção Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis, v.4. Porto Alegre: UniRitter, 2001.

TRZESNIAK, Piotr. Conferências com o espírito Solvay em áreas cientificamente emergentes: um impulso notável para a construção de conhecimento (ou: Sabem o que a Física disse para a Ciência da Enfermagem?) EDITORIAL. **Rev Esc Enferm USP**, v.49, n.2, p.184-186, 2015.

TURATO, Egberto Ribeiro. Tratado Da Metodologia Da Pesquisa Clínico-Qualitativa. construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas, 5ª Edição. 688 p; Editora Vozes, 2011.

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas. **Site do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem**. [sem data de publicação] Disponível em: <<http://pgenfermagem.ufpel.edu.br/site/>> Acesso em: 5 mai. 2015.

UFPEL. Manual de normas para trabalho de conclusão de curso. Disponível em: http://sisbi.ufpel.edu.br/arquivos/PDF/Manual_Normas_UFPel_trabalhos_acad%C3%AAmicos.pdf. Acesso em : 10 set 2017

VASCONCELLOS, Maura Maria Morita. A universidade e a formação de seus docentes: alguns apontamentos. **Reflexão e ação**, v.17, n.2, p.164-180, 2009.

VILAÇA, M. M.; PALMA, A. Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. **Revista Brasileira de Educação**, v.18, n.53, p.467-500, 2013.

VILELA, Elena Fátima; GARCIA, Fernando Coutinho; VIEIRA, Adriane. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. **REAd. Rev. eletrôn. adm.**, v.19, n.2, p.517-540, Ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-23112013000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Jun. 2017.

WAINER, J.; VIEIRA P. Avaliação de bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq e medidas bibliométricas: correlações para todas as grandes áreas. **Perspectivas em ciência da informação**, v.18, n.2, p.60-78, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v18n2/05.pdf>> Acesso em: 04 jun. 2016.

ZANIN, Fernanda da Conceição; FREITAS, Joana Alice Ribeiro de; KÜNZLE, Luis Allan. Estou doente profissionalmente: relato de experiência da APUFPR-SSind e reflexões sobre intervenções sindicais na saúde do trabalhador docente. **Universidade e Sociedade**, Ano XXII, n.50, p.106-121, jun. 2012.

Apêndices

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação na pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS FACULDADE DE ENFERMAGEM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Estamos desenvolvendo a presente pesquisa “*Processo de trabalho na Universidade: aspectos que interferem nas cargas de trabalho na perspectiva de pesquisadores da área da enfermagem*” com o objetivo de *analisar o processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da área de enfermagem de duas Instituições de Ensino Superior Pública do Sul do Rio Grande do Sul na perspectiva de cargas de trabalho*, a qual servirá para a construção da tese de doutorado em Ciências da Saúde requerida pelo programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Destaca-se que a pesquisa *envolve risco e benefícios*.

Como *benefícios* entende-se que há possibilidade de promover qualidade de vida no trabalho docente-pesquisador da área da enfermagem, promovendo reflexão no que tange as mudanças necessárias para melhorar aspectos que aumentam a carga de trabalho.

Quanto *aos riscos*, o estudo não prevê procedimentos invasivos, mas, compreendemos a possibilidade de desencadear reações emocionais e psicológicas advindas da etapa do estudo (entrevista). Desse modo, o pesquisador e a orientadora se responsabilizam a oferecer à assistência imediata e integral a participante da pesquisa, caso necessite de atendimento no âmbito da atenção em saúde, na medida em que o participante buscar ajuda com as pesquisadoras.

Esta pesquisa incorpora os preceitos da Resolução nº 466/2012, a qual tem como pilar preponderante respeitar a dignidade humana e a autonomia do participante, assegurar sua vontade, reconhecer sua vulnerabilidade e, do mesmo modo, tem com base proteger os participantes do estudo.

Será garantido o anonimato, o direito a desistir da pesquisa a qualquer momento e o livre acesso aos dados quando for de seu interesse, por intermédio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Pelo presente Termo de Consentimento, declaro que fui esclarecido: da utilização do gravador quando da realização da entrevista; de forma clara e detalhada, quanto a minha autonomia em participar ou não da pesquisa; da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum; da segurança de que será mantido o anonimato do participante; de estar livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, quanto aos objetivos, justificativa e benefícios da presente pesquisa e esclarecido quanto aos riscos e benefícios advindos da participação do estudo.

Caso você tenha disponibilidade e interesse em participar deste estudo, autorize e assine o consentimento abaixo:

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui informado (a) de forma clara, dos objetivos, da justificativa, dos instrumentos utilizados na presente pesquisa. Declaro que aceito voluntariamente participar do estudo e autorizo o uso do gravador durante a entrevista.

Eu, _____, aceito participar da pesquisa.

Pelotas, ____ de _____ de 2017.

Participante da pesquisa

Pesquisador Michelle Jacondino

APÊNDICE B

CARTA DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS FACULDADE DE ENFERMAGEM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Carta a Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Instituição de Ensino Superior 'x'

Pelotas, 16 de maio de 2016.

Prezada Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Eu, Michelle Jacondino, enfermeira, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel venho por meio desta solicitar autorização para desenvolver a pesquisa 'Processo de trabalho de docentes-pesquisadores da área da Enfermagem na perspectiva de cargas de trabalho'. Este estudo, de abordagem qualitativa, é requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências com ênfase em Enfermagem a ser apresentado a Faculdade de Enfermagem sob orientação da Professora Maira Buss Thofehrn.

A pesquisa tem como objetivo analisar o processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da área da enfermagem de duas pós-graduações de Instituições de Ensino Superior Públicas do Sul do Rio Grande do Sul na perspectiva de cargas de trabalho. A tese que se buscará confirma é: O processo de trabalho dos pesquisadores da área da enfermagem é de alta complexidade e com muitas exigências em virtude da singularidade deste docente transitar entre os processos de trabalho nos serviços de saúde e na educação. Este trabalho apresenta aspectos que potencializam as cargas de trabalho, apostando-se em cargas advindas das relações de trabalho na universidade. Entretanto, dialeticamente, este mesmo espaço laboral apresenta elementos que amenizam as cargas de trabalho, pressupondo-se em elementos vinculados a relação com o estudante e que possivelmente motiva o professor a dar seguimento no seu fazer.

Entende-se que esta investigação poderá promover reflexão do processo de trabalho pelos docentes-pesquisadores da enfermagem, induzir mudanças na organização do trabalho universitário e qualificar a vida do trabalhador a partir da identificação de aspectos que aumentam e diminuem as cargas de trabalho.

Farão parte deste estudo docentes-pesquisadores da enfermagem vinculados aos PPGEnfs da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Federal do Rio Grande (FURG) que aceitarem fazer parte da pesquisa após assinatura do TCLE.

Destaco que as pesquisadoras se comprometem, por meio deste ofício, a devolver os resultados da pesquisa a Instituição de Ensino mediante apresentação pública a ser agendada previamente com os envolvidos no processo.

Atenciosamente,

Enfa. Ms. Michelle Barboza Jacondino (Orientanda)
Profa Dra. Maira Buss Thofehr (Orientadora)

APÊNDICE C
INSTRUMENTO DE PESQUISA
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

I. Identificação do participante da pesquisa:

Identificação:	Sexo (observar):
Código de identificação:	Idade:
Instituição que atua:	
Tempo de trabalho na instituição (em anos):	
Tempo de trabalho no Programa de Pós-Graduação (em anos):	
Tempo de formado:	

II. Entrevista Semiestruturada

Pense sobre o seu trabalho cotidiano para dialogarmos às questões abaixo.

1. Comente uma semana típica de trabalho.
2. Fale sobre seu objeto de trabalho.
3. Que documentos você diria que fazem parte da rotina de trabalho? (retrato do processo)
4. Pense no seu trabalho diário e considere os aspectos positivos e negativos (que contribuem para diminuir ou aumentar as cargas de trabalho) relacionados a:
 - a) Forma como o trabalho é organizado.
 - b) Divisão do trabalho na distribuição de tarefas do PPGEnf
 - c) Relações de trabalho (entre colegas, entre estudantes, entre os demais trabalhadores da instituição).
5. Aspectos que diminuem as cargas de trabalho
6. Aspectos que aumentam as cargas de trabalho
7. Como você entende que o trabalho influencia na saúde do trabalhador?
8. Comente como se sente frente às regras e normas do trabalho enquanto docente e pesquisador da enfermagem
9. Você, em algum momento já se sentiu sobrecarregado no trabalho? Comente sobre esta experiência.
10. Você já teve algum afastamento do seu ambiente de trabalho por motivo de adoecimento? Por qual motivo se afastou?
11. Que situações você considera impróprias no trabalho para sua saúde?
12. O que você diria que pode ser melhorado ou poderia ser diferente no seu trabalho para qualificar a saúde do trabalhado

APÊNDICE D

INSTRUMENTO DE REVISÃO INTEGRATIVA

Titulo	Autor	Método	Base de dados	Periódico & ano	Origem da pesquisa	Objetivo do estudo	Principais resultados
Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior.	BORSOI, Izabel Cristina Ferreira	Pesquisa qualitativa	LILACS	Cadernos de psicologia sociedade e trabalho Ano: 2012	Univers. Federal do Espírito Santo.	Discutir a intensificação do trabalho e suas implicações no modo de vida e na saúde de docentes do ensino público superior.	Os resultados apontam que a maioria qualifica seu trabalho como precário, sobretudo quanto à infraestrutura material; julga trabalhar sob a forte exigência de atingir metas de produtividade – esta considerada, fundamentalmente, como sendo a publicação, e estende a jornada para o espaço doméstico. Parte significativa dos entrevistados apresenta queixas quanto à sua saúde, sendo predominantes aquelas de ordem psicoemocional e/ou psicossomática. A maioria dos casos de adoecimento é desconhecida pela administração universitária.
Trabalho docente: subjetividade, sobre implicação e prazer.	MANCEBO, Deise.	Reflexão	LILACS	Psicol. reflex. crit; Ano: 2007	Univers. do Estado do Rio de Janeiro.	Analisa os efeitos dos novos processos de trabalho num campo específico, na docência e na produção universitária, analisando os impactos contemporâneos desses processos na vida universitária.	Toda uma rede de relações e produções se constitui no âmbito universitário, por vezes, na direção do ajustamento à nova ordem social, mas, em certos momentos, buscando brechas e possibilidades de escape. Inúmeras vezes, produzindo assujeitamento, sofrimento e doença, mas, em outras circunstâncias, favorecendo crescimento, prazer e solidariedade.

Entre o prazer e o sofrimento: um estudo sobre os sentidos do trabalho para professores universitários .	COUTINHO, Maria Chalfin; DAL MAGRO, Márcia Luiza Pit; BUDDE, Cristiane .	Pesquisa qualitativa.	LILACS	Psicologia: Teoria e Prática Ano: 2011	Universidade Federal de Santa Catarina.	compreender os sentidos de prazer e sofrimento no trabalho, atribuídos por professores de universidades comunitárias.	Os resultados apontam que as mudanças na esfera do trabalho docente trazem implicações para as significações deste. Predominam vivências relacionadas ao sofrimento no trabalho, associadas à elevada carga de trabalho, que gera exaustão física e mental, e à insegurança quanto ao contrato de trabalho. Contudo, vivências de prazer foram apontadas pelos participantes da pesquisa, especialmente as associadas à identidade de ser professor e ao reconhecimento do trabalho.
A diary study to open up the black box of overtime work among university faculty members.	BECKERS, D. G.; VAN HOOFF, M. L.; VAN DER LINDEN, D.; KOMPIER, M. A.; TARIS, T. W.; GEURTS, S. A.	Pesquisa quanti-quali.	PubMed	Scand J Work Environ Health. Ano: 2008	Departamento de Psicologia do Trabalho e Organizacional Instituto de Ciência Comportamental, Radboud University Nijmegen.	Identificar a sobrecarga do trabalho dos docentes universitários fornecendo informações acerca da quantidade de horas extras do corpo docente e quais são as atividades realizadas durante as horas extras.	Os resultados evidenciaram excessivas horas extras desenvolvidas entre os docentes da universidade. A carga horária intensa é muito prevalente entre membros do corpo docente. Muito tempo é utilizado para a realização de pesquisas durante os finais de semana. No entanto, foi percebido que as horas regulares cumpridas pelos docentes são menos prazerosas do que a carga horária extra executada a noite, por exemplo. A pesquisa sugere estudos com docentes para analisar o tempo de trabalho, o número de artigos publicados, estudantes orientados pelo docente e custo despendido pelo trabalhador para manter-se trabalhando, ou seja, custo gasto para recuperar-se das problemáticas advindas do trabalho. A pesquisa também sugere investigações que analisem dados sobre a quantidade de sono e qualidade, quantidade e tempo para realizar atividades físicas, consumo de álcool, tabaco ou outras drogas e a natureza do trabalho das horas extras.
A agenda do professor-pesquisador em	MELO Danilo; SERVA Maurício	Pesquisa qualitativa		Cadernos da Escola Brasileira	Universidade Federal de Santa Catarina.	Aprofundar a compreensão sobre o conteúdo do trabalho do	Percebeu-se que a carga de trabalho desse profissional excede as 50 horas semanais e que as atividades de pesquisa, as predominantes em relação ao objetivo atual

Administração: uma análise baseada na sociologia da ciência			SciELO	de Admin. Pública Ano: 2014		professor-pesquisador em Administração	desses profissionais, são desprivilegiadas na semana, sendo deixadas para o final de semana em 47% dos casos. A agenda do professor-pesquisador engloba uma enorme diversidade de atividades, talvez o colocando no rol dos profissionais que lidam com maior pluralidade de atividades nos dias atuais. Tal pluralidade requer uma razoável versatilidade do profissional em seu cotidiano, indicando uma habilidade valorizada na contemporaneidade, mas isso também tem seu preço: o tempo destinado às atividades relativas à pesquisa
---	--	--	--------	--------------------------------	--	--	--

ANEXO A

ANEXO A

FOLHA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

FACULDADE DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Processo de trabalho de docentes pesquisadores da área da enfermagem na perspectiva de cargas de trabalho

Pesquisador: Michelle Barboza Jacondino

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 50571415.5.0000.5316

Instituição Proponente: Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.345.924

Apresentação do Projeto:

Um cenário de trabalho que se destaca pela intensificação laboral, alta produtividade e ritmo acelerado dos trabalhadores é o ambiente universitário. A atividade docente tem sofrido impactos importantes com as mudanças no mundo do trabalho, que delineiam novas configurações na organização da produção. Desse modo, os profissionais deste espaço têm apresentado alguns desgastes psíquicos e orgânicos que merecem atenção dos pesquisadores e gestores no que tange à construção de políticas públicas direcionadas para promover e qualificar a saúde do trabalhador docente. No contexto de trabalho universitário, situam-se os pesquisadores da enfermagem, os quais laboram em busca da construção de um campo de

conhecimento específico que viabilize e projete a enfermagem como ciência, como prática social em saúde, e para manutenção de produção intelectual de qualidade e excelência. O enfermeiro docente e pesquisador da universidade encontra-se mergulhado em um processo complexo de atividades múltiplas, com exigências diversas, tanto do âmbito educacional como do âmbito de competência do trabalho em saúde. Nesse sentido, a carga de trabalho está entre as categorias definidas para avaliar o impacto produzido pelos elementos que constituem o processo de trabalho sobre a saúde dos trabalhadores permitindo analisar o processo de trabalho de um grupo e a partir dele as inter-relações. Frente a isso, o estudo tem como objetivo analisar o processo de

Endereço: Gomes Carneiro nº 01

Bairro: Centro

UF: RS

Município: PELOTAS

CEP: 96.010-610

Telefone: (53)3221-1522

E-mail: cepfio@ufpel.edu.br

**FACULDADE DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE**



Continuação do Parecer: 1.345.924

trabalho dos docentes-pesquisadores da área de enfermagem de duas Pós-graduações de Instituições de Ensino Superior Públicas do Sul do Rio Grande do Sul na perspectiva de cargas de trabalho. A pesquisa, de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva utiliza como referencial teórico metodológico a dialética marxista. Os participantes da pesquisa serão enfermeiros docentes-pesquisadores cadastrados como permanentes nos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu das Universidades Públicas (FURG e UFPEL). O projeto de pesquisa visa a utilização de duas técnicas de coleta de dados, sendo a análise documental na primeira etapa e um roteiro de entrevistas semiestruturada realizado na segunda etapa. Os dados de pesquisa obtidos serão submetidos à análise de conteúdo na modalidade temática conforme os passos operacionais preconizados por Minayo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o processo de trabalho dos docentes-pesquisadores da área de enfermagem de duas Pós-graduações de Instituições de Ensino Superior Públicas do Sul do Rio Grande do Sul na perspectiva de cargas de trabalho.

Objetivo Secundário:

- 1) Identificar as cargas de trabalho na atividade docente por meio da análise do processo de trabalho.
- 2) Identificar aspectos que contribuem para aumentar as cargas de trabalho;
- 3) Identificar aspectos que contribuem para diminuir as cargas de trabalho; 4) Conhecer o contexto organizacional das instituições de Ensino Superior Pública e caracterizá-las.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos, é previsto que esta pesquisa pode promover sentimentos negativos frente à discussão da temática podendo ocasionar desconforto psicológico ou constrangimento frente aos questionamentos. Por isso, conforme prevê a resolução 466/2012, os pesquisadores comprometem-se a buscar assistência ao participante da pesquisa (assistência prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa) mediante articulação com profissionais que a instituição de ensino propicia, tal como trabalhador de saúde (psicóloga das instituições pesquisada), necessitando, ainda, articular e definir esta assistência com o profissional competente, assim como assistir de forma imediata o participante (aquela

Endereço: Gomes Carneiro nº 01

Bairro: Centro

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3221-1522

CEP: 96.010-610

E-mail: cepfeo@ufpel.edu.br

**FACULDADE DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE**



Continuação do Parecer: 1.345.924

emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa em situações em que este dela necessite, no exato momento da coleta de dados).

Benefícios:

Quanto aos benefícios para o participante desta pesquisa entende-se que há possibilidade de promover qualidade de vida no trabalho a partir da capacidade de reflexão frente a temática cargas de trabalho e avaliação do seu processo laboral.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para produção de conhecimento do processo de trabalho dos docentes-pesquisadores. Após as adequações sugeridas pelo CEP encontra-se em consonância com a Resolução 466/12.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de Rosto: adequada

Carta de Anuência: adequada

Cronograma: adequado

Orçamento: adequado

TCLE: adequado

Recomendações:

Devolução dos resultados para as instituições envolvidas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_607521.pdf	22/11/2015 21:53:59		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOALTERADO.pdf	22/11/2015 21:45:33	Michelle Barboza Jacondino	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECONFIDENCIALIDADE.pdf	22/11/2015 21:35:08	Michelle Barboza Jacondino	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLEMODIFICADO.pdf	22/11/2015 21:29:26	Michelle Barboza Jacondino	Aceito

Endereço: Gomes Carneiro nº 01

Bairro: Centro

CEP: 96.010-610

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3221-1522

E-mail: cepfeo@ufpel.edu.br

**FACULDADE DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE**



Continuação do Parecer: 1.345.924

Ausência	TCLEMODIFICADO.pdf	22/11/2015 21:29:26	Michelle Barboza Jacondino	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	21/10/2015 15:49:14	Michelle Barboza Jacondino	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ANUENCIAUFPEL2.jpg	21/10/2015 15:36:03	Michelle Barboza Jacondino	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ANUENCIAUFPEL.jpg	21/10/2015 15:35:26	Michelle Barboza Jacondino	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ANUENCIAFURGG.pdf	21/10/2015 14:50:52	Michelle Barboza Jacondino	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ANUENCIAFURG.pdf	21/10/2015 14:50:30	Michelle Barboza Jacondino	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PELOTAS, 01 de Dezembro de 2015

**Assinado por:
Marilu Correa Soares
(Coordenador)**

Endereço: Gomes Carneiro nº 01

Bairro: Centro

CEP: 96.010-610

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3221-1522

E-mail: cepleo@ufpel.edu.br